

MARLI APARECIDA CALÇA SANCHES

**ESCOLHA, MOTIVOS E EXPECTATIVAS DE ACADÊMICOS DE
PSICOLOGIA QUANTO A PROFISSÃO: UMA PERSPECTIVA
PSICOEDUCACIONAL**

MARLI APARECIDA CALÇA SANCHES

**ESCOLHA, MOTIVOS E EXPECTATIVAS DE ACADÊMICOS DE
PSICOLOGIA QUANTO A PROFISSÃO: UMA PERSPECTIVA
PSICOEDUCACIONAL**

*Dissertação apresentado ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito à
obtenção do título de Mestre.*

*Orientadora: Profª Drª Lúcia Helena
Tiosso Moretti*

LONDRINA

1999

BANCA EXAMINADORA

Dra. Lúcia Helena Tiosso Moretti

Dra. Meyre Eiras de Barros Pinto

Dra. Esmeralda A. Colombo Barletta

Londrina, 25 de junho de 1999.

Dedicatória

A você, Neudair Fernando, companheiro paciente e amoroso, presente em todos os momentos da realização deste trabalho;

A Francyne e Fernanda, minhas filhas, por me permitirem redescobrir o valor da vida, a cada dia.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Lúcia Helena Tiosso Moretti, minha orientadora, pelo acolhimento e pela competência com que me mostrou que o conhecimento científico se constrói a cada dia;

Ao Prof. Dr. Samuel Fabre Sanches, pela disponibilidade e pela competência com que me orientou na análise estatística dos dados;

Aos meus pais Abilio Calça (in memoriam) e Nadyr Calça, que me ensinaram a lutar, pelo seu exemplo de dignidade e de honra;

Aos meus irmãos, Maria de Lourdes, Monclair e Marcelo, por tudo o que compartilhamos e juntos aprendemos;

Às minhas cunhadas, especialmente Mari, pela presença constante e pelo incentivo precioso;

À Maria Júlia Lemes Ribeiro, pelo incentivo para a realização do Curso de Mestrado e pela atuação como juíza na categorização das respostas;

À Ana Maria Vieira de Miranda, amiga querida que atuou também como juíza na categorização das respostas;

À senhora Síría Tomael, e suas filhas Mercês e Maria Inês, por me abrigarem em Londrina, nas idas e vindas necessárias para a realização do Curso de Mestrado;

Aos alunos do Curso de Psicologia da UEM que responderam ao questionário;

Aos colegas e aos funcionários do DPI, pelo apoio;

A todos os que me ofereceram auxílio, incluindo as pessoas que não citei nominalmente aqui, agradeço por me permitirem concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica e profissional.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Idade	53
Tabela 2: Motivos de escolha	59
Tabela 3: Teste de Mantém-quadrado de Pearson.....	62
Tabela 4: Fatores que contribuíram para a tomada de decisão.....	62
Tabela 5: Teste de Mantém-quadrado de Pearson.....	65
Tabela 6: Expectativa inicial em relação ao Curso.....	66
Tabela 7: Expectativa atual em relação ao Curso.....	66
Tabela 8: Teste de Mantém-quadrado de Pearson.....	69
Tabela 9: Teste de Mantém-quadrado de Pearson.....	72
Tabela 10: O Curso está correspondendo às expectativas?.....	72
Tabela 11: Motivos da manutenção ou da não-manutenção das expectativas	73
Tabela 12: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	75
Tabela 13: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	78
Tabela 14: Há dificuldades na realização do Curso?.....	78
Tabela 15: Dificuldades relacionadas	78
Tabela 16: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	81
Tabela 17: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	83
Tabela 18: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	83
Tabela 19: Momento em que ocorreram as dificuldades	83
Tabela 20: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	85
Tabela 21: Visão inicial da Psicologia.....	86
Tabela 22: Visão atual da Psicologia	87
Tabela 23: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	89

Tabela 24: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	92
Tabela 25: O que faz o psicólogo?	92
Tabela 26: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	94
Tabela 27: Expectativa profissional.....	95
Tabela 28: Teste de Qui-quadrado de Pearson.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária.....	52
Gráfico 2: Sexo	54
Gráfico 3: Estado civil	54
Gráfico 4: Profissão do pai.....	55
Gráfico 5: Profissão da mãe	55
Gráfico 6: Escolaridade do pai	56
Gráfico 7: Escolaridade da mãe.....	56
Gráfico 8: Renda do pai	57
Gráfico 9: Renda da mãe.....	57
Gráfico 10: Número de irmãos	58
Gráfico 11: Motivos de escolha – Geral	60
Gráfico 12: Motivos de escolha – Total.....	60
Gráfico 13: Motivos de escolha – Linhas	61
Gráfico 14: Quem, ou o quê contribuiu – Geral.....	63
Gráfico 15: Quem, ou o quê contribuiu – Total	64
Gráfico 16: Quem, ou o quê contribuiu – Linhas	64
Gráfico 17: Expectativa inicial – Geral.....	67
Gráfico 18: Expectativa inicial – Total.....	68
Gráfico 19: Expectativa inicial – Linhas.....	69
Gráfico 20: Expectativa atual – Geral.....	70
Gráfico 21: Expectativa atual – Total	71
Gráfico 22: Expectativa atual – Linhas.....	71
Gráfico 23: Correspondência das expectativas – Geral	74

Gráfico 24: Correspondência das expectativas – Total.....	74
Gráfico 25: Correspondência das expectativas – Linhas	75
Gráfico 26: Motivos da manutenção ou não – Geral.....	76
Gráfico 27: Motivos da manutenção ou não – Total	77
Gráfico 28: Motivos da manutenção ou não – Linhas	77
Gráfico 29: Dificuldades: sim – não Geral.....	79
Gráfico 30: Dificuldades: sim – não Total.....	80
Gráfico 31: Dificuldades: sim – não Linhas.....	80
Gráfico 32: Dificuldades relacionadas – Geral	81
Gráfico 33: Dificuldades relacionadas – Total.....	82
Gráfico 34: Dificuldades relacionadas – Linhas.....	82
Gráfico 35: Momento das dificuldades - Geral	84
Gráfico 36: Momento das dificuldades – Total.....	84
Gráfico 37: Momento das dificuldades – Linhas.....	85
Gráfico 38: Visão inicial da Psicologia – Geral	87
Gráfico 39: Visão inicial da Psicologia – Total.....	88
Gráfico 40: Visão inicial da Psicologia – Linhas	89
Gráfico 41: Visão atual da Psicologia – Geral	90
Gráfico 42: Visão atual da Psicologia – Total.....	91
Gráfico 43: Visão atual da Psicologia – Linhas	91
Gráfico 44: O que faz o psicólogo? – Geral.....	93
Gráfico 45: O que faz o psicólogo? – Total	93
Gráfico 46: O que faz o psicólogo? – Linhas.....	94
Gráfico 47: Expectativa profissional – Geral.....	95
Gráfico 48: Expectativa profissional – Total	96
Gráfico 49: Expectativa profissional – Linhas	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. A ESCOLHA DO CURSO DE PSICOLOGIA E A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO - ESTUDOS E PERSPECTIVAS	3
1.1 A Escolha Profissional	3
1.2 Estudos e Perspectivas.....	12
2. CONCEPÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADULTO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DE ERIK H. ERIKSON	23
2.1 Identidade	26
2.2 As Idades do Homem	29
3. O ADULTO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL	41
4. OBJETIVOS	47
4.1 Objetivo Geral.....	47
4.2 Objetivos Específicos	47
5. METODOLOGIA	48
5.1 Caracterização e Formas de Seleção dos Sujeitos	48
5.2 Local de Realização	49
5.3 Procedimento de Coleta e de Análise dos Dados.....	49

6. RESULTADOS	52
6.1 Caracterização da População	52
6.2 Apresentação dos Dados Obtidos nas Questões	58
6.2.1 Motivos de Escolha do Curso de Psicologia.....	59
6.2.2 Expectativas com Relação ao Curso e seus Aspectos Determinantes.....	65
6.2.3 Visão Inicial e Atual da Psicologia	86
6.2.4 Perspectivas em Relação à Profissão	92
7. DISCUSSÃO	98
7.1 Caracterização da População.....	100
7.2 Dados Obtidos nas Questões	101
7.2.1 Motivos de Escolha do Curso de Psicologia.....	101
7.2.2 Expectativas com Relação ao Curso e seus Aspectos Determinantes.....	107
7.2.3 Visão Inicial e Atual da Psicologia	116
7.2.4 Perspectivas em Relação à Profissão	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
ANEXOS	137

RESUMO

Neste trabalho, pretendeu-se verificar os motivos de escolha e as expectativas em relação ao Curso e ao futuro profissional, de estudantes ingressantes, intermediários e concluintes do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PR). Participaram da pesquisa 130 alunos, dos quais 43 do 1º ano, 43 do 3º ano e 44 do 5º ano, de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 e 52 anos. Para a coleta dos dados foi elaborado um questionário com onze perguntas abertas e duas fechadas, cujas respostas foram analisadas quantitativamente através do uso do software Statistic for Windows/ versão 5.0 e posteriormente foram analisadas qualitativamente, tendo como eixo principal a Teoria Eriksoniana. Os resultados indicaram que os principais motivos e as principais expectativas dos três grupos pesquisados para a escolha do Curso de Psicologia foram o interesse pessoal e o desejo de conhecimento do ser humano. Os sujeitos mencionaram que tanto a família quanto os amigos contribuíram para esta tomada de decisão e que as suas expectativas iniciais quanto à realização deste Curso era a de que ele proporcionaria uma melhor compreensão das pessoas. Relacionaram ainda que a concepção que tinham da Psicologia, quando da sua tomada de decisão, era a de que esta devia ser entendida como uma Ciência que estuda o comportamento humano. A maioria relatou que atualmente o Curso está correspondendo às suas expectativas e atribuiu a manutenção destas a um melhor conhecimento da profissão, proporcionado tanto pelas disciplinas cursadas quanto pelos bons professores, assim como mencionaram que, em função disto, esperam ter uma boa base para atuar profissionalmente. Observou-se ainda que, nos três grupos estudados, a maioria relatou encontrar dificuldades na realização do Curso, dentre as quais se destacam o excesso de carga horária, dificuldades em algumas disciplinas e questões pessoais. Muitos relacionaram encontrar problemas durante todos os anos do Curso, porém alguns apontam que estas ocorrem mais intensamente no terceiro ano. O conceito de Psicologia apresenta-se, para eles, como o estudo do homem e de suas relações, bem como do comportamento humano, entendendo que a Psicologia é uma ciência que deve promover a compreensão e a saúde mental deste homem. Quanto ao papel do psicólogo, todos os grupos mencionaram que este deve ser o de um profissional que auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida, propiciando alívio ao sofrimento psíquico delas. Em relação às expectativas futuras quanto à atuação profissional dos sujeitos, a indecisão predomina, mas há destaque para a atuação na área clínica, bem como para a continuidade dos estudos por meio de Cursos de pós-graduação. A análise dos dados possibilitou constatar que alunos ingressantes, intermediários e concluintes possuem expectativas em relação ao Curso e concepção da Psicologia semelhantes. As diferenças revelaram-se mais nos motivos de escolha do Curso e na expectativa profissional. Estes mesmos dados, à luz do momento evolutivo, evidenciou que adultos jovens e maduros apresentaram motivos de escolha do Curso e expectativas semelhantes; no entanto, apontaram entendimento diferenciado da Psicologia, traduzidas para os jovens na sua especificidade enquanto Ciência e para os maduros em propósitos que visam à realização pessoal.

ABSTRACT

The verification of choice motives and expectations with regard to the Psychology Course and to the future professional in first year, intermediate and last year students of the Psychology Course at the State University of Maringá, Maringá – (PR), Brazil is provided. One hundred and thirty students, of both sexes, age 18 to 52, took part in the research: 43 students from the 1st year; 43 students from the 3rd year and 44 students from the 5th year. A questionnaire was prepared for data collection with 11 open questions and 2 closed ones. Answers were analyzed quantitatively by Statistics for Windows 5.0 and qualitatively by Erikson's Theory. Results showed that the chief motives and expectations of the three groups in their choice of the Psychology Course consisted of personal interest and the desire of knowledge on the human being. Subjects mentioned that their family and friends contributed in the decision and that their first expectations were that the Course would give them a deeper understanding of people. They also said that at the moment of taking the decision they considered Psychology a science that studied human behavior. Many registered that at present the course is up to their expectations. They attributed the maintenance of these expectations to a better knowledge of the profession given by disciplines studied and by good professors. They therefore hope to have a firm basis to do a good job. In all three groups many said that some difficulties exist, namely, an exceedingly high number of class hours, difficulties in some disciplines and personal problems. Some said that they have found difficulties throughout the entire course. Some admitted that they had more serious problems in their third year. Psychology is presented to them as the study of the human being and his relationship and as the study of human behavior. Psychology is a science that should promote understanding and the mental health of man. With regard to the psychologist's role, all groups mentioned that it should be that of a professional who helps people in the betterment of life quality and who gives relief in psychic suffering. Indecision predominates in their future expectations in professional ministrations. They enhance the clinical area and the continuation of studies through postgraduate courses. Data analysis stated that first year, intermediate and last year students have similar expectations in the Psychology Course and in their idea of Psychology. Differences were more in the motives of choice of course and in professional expectations. Same data showed that young people in their early adulthood and mature adults have similar motives in the choice of course and expectations. Nevertheless, a differentiated understanding of Psychology was pointed out: in its specificity as a science to the young adults and in personal fulfillment in the mature adults.

ESCOLHA, MOTIVOS E EXPECTATIVAS DE ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA QUANTO À PROFISSÃO: UMA PERSPECTIVA PSICOEDUCACIONAL .

Marli Aparecida Calça Sanches

INTRODUÇÃO

Escolher uma profissão é decidir a escolha do futuro que se pretende viver, é definir quem ser e o que fazer, é determinar a trajetória da relação produtiva com o mundo, é poder se colocar como uma pessoa que possui um sentido de identidade, o qual lhe confere o reconhecimento de unicidade e continuidade; é, pois, antever um futuro próprio e especial.

Escolher um curso e passar no vestibular significa vivenciar uma formação, enquanto aluno universitário. Enfrentar as novas experiências acadêmicas requer condições objetivas e subjetivas que as subsidiem. Estas condições advêm, por um lado, da própria Instituição de Ensino, do curso escolhido, de currículo, professores, conteúdo, tarefas, desafios; por outro lado, pelas expectativas iniciais, atuais e futuras que se articulam com a realidade objetiva e permitem ao jovem ajustamentos na busca de seus objetivos.

Se por um lado a escolha de uma profissão coincide com o período da adolescência, tendo como tarefa básica a organização de uma identidade, por outro lado a vivência desta escolha acontece dentro de uma universidade, coincidindo com a idade do

adulto jovem, o que inclui o desenvolvimento da identidade profissional, englobando tarefas como a inserção pré-profissional e profissional e a articulação de planos de ação que lhe permitam lidar com o processo de mudança constante que caracteriza o mundo atual.

Esta realidade é vivida pelos estudantes universitários de forma geral, mas o que motiva o jovem a escolher, dentre tantos outros, o Curso de Psicologia? Quais eram e quais são as suas expectativas? Como percebe o seu futuro profissional?

Muitos estudos foram realizados objetivando conhecer esta população e visando ao aprimoramento do Curso de Psicologia. O conhecimento destes trabalhos e a atuação como docente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (o que possibilitou contato com alunos em diferentes momentos do curso de vida e da formação acadêmica) despertaram o interesse de investigar e de refletir sobre o que pensa e espera o futuro profissional psicólogo.

Assim, investigar os motivos de escolha e as expectativas dos acadêmicos de Psicologia em relação ao Curso e à atividade profissional é o propósito deste trabalho, além de analisar estes dados segundo o curso de vida, na visão da Teoria Eriksoniana. O estudo focaliza indivíduos na faixa etária entre 18 e 52 anos (adultos jovens e maduros), acadêmicos do primeiro, do terceiro e do quinto ano do Curso de Psicologia da UEM.

1. A ESCOLHA DO CURSO DE PSICOLOGIA E A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO - ESTUDOS E PERSPECTIVAS

1.1 A Escolha Profissional

Muito tem sido escrito, debatido, questionado e refletido acerca da escolha de um curso. Escolher um curso universitário significa escolher uma profissão, uma forma de entrar e de se representar no mundo adulto. Crites (1974), organizou as teorias existentes a respeito da escolha profissional, classificando-as em psicológicas, não-psicológicas e gerais. As psicológicas, interesse deste trabalho, foram postuladas a partir de 1909 com Parsons, cujo enfoque originou a Teoria do Traço e Fator. Incluem-se os trabalhos de Guinzberg, destacando a tendência evolutiva e psicodinâmica, e as teorias psicanalíticas da escolha. Atualmente, muito se tem construído teoricamente, na Psicologia, com o objetivo de explicar a eleição de uma profissão. Hoje, visando a esta compreensão, em nosso contexto, podem ser destacados os trabalhos realizados por teóricos como Bohoslavsky (1993), Lucchiari (1993), Rodrigues (1995), Bock et al. (1995), Levenfus (1997), Rappaport (1998), dentre muitos outros, além dos que têm como objeto de estudo a adolescência, fornecendo material valioso para se compreender aquele que escolhe.

Em princípio, tem-se claro que muito do que se vive relaciona-se a uma série de escolhas, vinculadas a diferentes momentos da vida do homem. Para Lucchiari (1993), escolher significa optar, decidir-se por algo que naquele momento parece ser o melhor; mas escolher significa também deixar a possibilidade de viver outras coisas, outros

relacionamentos, outras formas de atuação, outras possibilidades profissionais, implicando perdas e a elaboração delas. Para se escolher algo, conforme esclarece a autora, o indivíduo necessita conhecer a si mesmo, conhecer as profissões. Trata-se de uma decisão pessoal, a partir da qual se deixa de escolher outras coisas.

A escolha de uma profissão se insere, desta forma, na vida do indivíduo, como uma das opções mais importantes, pois seu significado remete à escolha de uma forma de inserção no mundo adulto, marcando o momento em que se articula o projeto profissional e a futura relação produtiva com o mundo.

Segundo os autores, este momento coincide com uma importante etapa evolutiva, a adolescência, quando o jovem está vivendo um novo processo de descoberta pessoal e de definição da sua identidade. Para Rappaport (1998, p.47), a coincidência deste momento com a necessidade da escolha de uma profissão intensifica ainda mais a chamada “crise da adolescência”. É que neste período, caracterizado pela possibilidade de muitas experimentações com relativa responsabilidade, como alerta Levisky (1995, p.51), o jovem acaba por se ver pressionado a realizar definições para as quais não se sente ainda preparado, uma vez que: *“Escolher um caminho profissional ao redor dos 16 anos é muito angustiante”*.

O que se encontra em questão é a escolha do futuro, com a definição do que fazer e de quem ser, incluindo-se aí, para Muller (1988, p.61), o esclarecimento do papel sexual e social, no sentido de permitir ao adolescente estabelecer *“o que e quem ser”* e *“o que e quem não ser”*. E, como toda situação de mudança, isto implica um aumento de conflitos que exigem soluções.

A obra de Bohoslavsky (1993), psicólogo argentino, é atualmente, um marco referencial para a compreensão da escolha profissional. Nela são revisadas a autonomia e as possibilidades de escolha, destacando como condições importantes as inconscientes e as

advindas da estrutura econômica e política. Defende que, mesmo com relativa liberdade, o indivíduo pode ser capaz de realizar uma escolha prospectiva, independente e responsável.

Para este autor, os conceitos de identificação, reparação e luto são centrais para o entendimento da escolha de uma profissão, pois através destes descortinam-se muitas possibilidades e opções no mundo externo, que visam ao atendimento de conteúdos internos do indivíduo.

O processo de identificação¹ ocorre a partir de movimentos psíquicos existentes na relação entre os pais e os filhos, em função dos quais os filhos incorporam, desenvolvem e transformam os modelos paternos em busca do próprio modelo, estabelecendo, desta forma, o seu modo de ser, pensar e viver. Assim, a base das identificações, da identidade pessoal e da identidade profissional vincula-se às figuras parentais dos primeiros anos de vida, sendo a identificação o mecanismo central em relação ao desenvolvimento, à personalidade e à constituição do ser como indivíduo. Constituir-se, então, implica a própria construção a partir das identificações realizadas, particularmente com a família, construindo-se não como idêntico, mas, a partir delas, organizando um estilo próprio de ser.

Este processo amplia-se à medida que o indivíduo amadurece, permitindo o contato com outras pessoas significativas que fazem parte da sua realidade. A identificação, assim, estabelece-se com o grupo como totalidade, com seu status e papel, e com as pessoas que o constituem, com seu sistema de valores, anseios e modo de ser.

Para Bohoslavsky (1993, p.56), pode-se chegar a conhecer “*qual é a resultante de uma identificação, mas não o que determina essa identificação*”. Desta forma, se o filho quer seguir a carreira do pai, pode-se supor que tenha havido identificação do filho

¹ Identificação: “*Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações*”. (Laplanche; Pontalis, 1988, p.295)

com o pai, mas esta suposição não é suficiente para explicar *para que e por que* se identificou com esse aspecto do pai. Afirma o autor que se pode escolher a mesma profissão do pai sem que isto se deva a uma identificação, assim como se pode escolher uma profissão completamente diferente da do pai e esta escolha ser devida à identificação com o mesmo. Neste caso destaca-se a função defensiva das identificações, estando estas, também, a serviço da superação de conflitos ou contradições existentes no mundo do indivíduo.

Afirma ainda este autor que uma escolha profissional baseada em identificações “*pode ser uma boa escolha, se realizada com autonomia dos motivos originais que deram lugar à identificação com determinada pessoa que desempenha um papel ocupacional*” (Bohoslavsky, 1993, p.56). Uma boa escolha depende, então, de identificações não distorcidas, que proporcionem um confronto entre a fantasia e a realidade, entre o conhecido e o desconhecido, entre o mundo adolescente e o mundo adulto.

Pode-se entender, desta forma, que em face da relação com diferentes modelos de identificação, como o são o grupo familiar, o grupo de pares, profissionais, professores e outras pessoas significativas do mundo do indivíduo, bem como o prestígio que as profissões possuem para o indivíduo e para sua família, as expectativas pessoais e familiares, e a percepção de um desempenho próprio é que se organizam as bases da escolha de uma profissão.

Assim como as identificações organizam as bases dessas futuras escolhas, apresentando-se como um conceito fundamental para o entendimento das motivações inconscientes na eleição de uma profissão, o entendimento do mecanismo de reparação²

² Este conceito é definido por Laplanche e Pontalis (1988, p. 581) como: “*Mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o indivíduo procura reparar os efeitos produzidos no seu objecto de amor pelos seus fantasmas destruidores. Este mecanismo está ligado à angústia e à culpabilidade depressivas: a reparação fantasmática do objecto materno, externo e interno, permitiria superar a posição depressiva, garantindo ao ego uma identificação estável com o objeto benéfico*”.

possibilita a compreensão desta eleição pautada na vocação. Segundo Bohoslavsky (1993), o conceito de vocação pode ser entendido como um chamamento interno, um impulso, uma necessidade a ser satisfeita, enquanto a profissão é o que possibilita a satisfação desta necessidade.

Nesse sentido, a escolha de uma determinada profissão reflete a eleição de um objeto interior a ser reparado, sendo uma resposta do ego ao objeto que foi danificado pela fantasia do indivíduo, iniciando-se a partir das primeiras relações estabelecidas com a mãe.

Compreendendo a reparação como uma tentativa de restaurar o objeto interno danificado, a escolha profissional deverá atender a anseios internos, necessitando de um ego fortalecido para que se possa buscar na realidade alternativas que permitam suprir essa demanda interna.

Como existe uma relação dinâmica entre o que se escolhe profissionalmente, à maneira de quem se vinculará com o objeto (dependendo das identificações realizadas), e o tipo de reparação necessária, para se entender a escolha deve-se entender também qual o sentido da reparação. Assim, a carreira escolhida fica como a depositária exterior do objeto interno, e a relação será determinada pela modalidade (autêntica, ou pseudo-reparação) implícita na relação com o objeto interno danificado.

No entendimento de Bohoslavsky (1993, p.76), existem formas concretas de reparação que se referem a “*com que se repara*”, nas quais se incluem os objetos externos e instrumentos, e “*à maneira de quem*” se repara, considerando-se os processos de identificação e suas resultantes.

Desta forma, para ele

As modalidades de reparação assinalarão o tipo de vínculo com as carreiras e profissões e, considerados 'com que' instrumentos se repara, em relação a qual objeto externo se realiza a reparação e 'à maneira de quem' será executada a reparação, mostrar-nos-ão qual é a qualidade objetiva da carreira. (Bohoslavsky, 1993, p.78)

Desenvolvendo esta forma de compreensão da escolha profissional, o trabalho pode ser analisado como um comportamento que implica um “com quê” se trabalha (objetos ou instrumentos), que representa um depositário do objeto interno, que exige, clama por reparação. Supõe ainda um “como”, um “por quê”, um “quem”, um “quando” e um “onde”. Abrange, desta forma, tanto quem escolhe, com que modalidade de reparação, com quais conflitos, em qual contexto social. O momento da escolha é, então, o ensaio antecipado deste comportamento que caracterizará o futuro. Portanto, de acordo com Bohoslavsky (1993), quem escolhe se define por muito mais do que uma carreira, ou seja, essa pessoa opta com o quê trabalhar, para que fazê-lo, delimitando quando e onde trabalhar; elegendo, enfim, uma área específica da realidade ocupacional.

Além das identificações e da reparação, na acepção de Bohoslavsky (1993), a escolha de uma profissão supõe, sempre, a elaboração de lutos³, pois optar por uma implica abrir mão da possibilidade de viver outras opções, caracterizando um conflito em que se ganha e se perde, gerando a necessidade de elaboração daquilo que fica para trás.

A escolha, segundo esse autor, também deve ser vista como um momento dinâmico no desenvolvimento da pessoa, incluindo-se num processo contínuo de mudança de personalidade, no qual a dimensão temporal ganha novo sentido.

³ Luto: “Processo intrapsíquico, consecutivo à perda de um objecto de afeição, e pelo qual o indivíduo consegue progressivamente desaparecer-se dele”. (Laplanche e Pontalis, 1988, p.622).

Neste caso, o manejo do tempo feito pelos adolescentes pode antecipar ou postergar o momento da escolha, numa tentativa de controlar o tempo, instrumentalizando-o. Para Bohoslavsky (1993), o passado, para o adolescente, refere-se aos seus aspectos infantis, às relações familiares da infância, ao colégio secundário, aos colegas, caracterizando o que se perde; quanto ao futuro, o que se apresenta é a universidade, a independência familiar, a responsabilidade e o esforço pessoal.

Já para Rappaport (1998), o caminho que se percorre para a definição profissional é longo, implicando perspectivas e renúncias, processando-se ao longo de toda a vida e sofrendo contínuas modificações. Escolher exige a capacidade de se localizar no tempo, tendo como requisito fundamental a delimitação do passado, do presente e do futuro. Como afirma a autora, *“escolher uma carreira envolve presente, passado e futuro. Não adianta ter pressa; ao contrário: quanto mais correr, tanto menos o sujeito encontrará. Porque, na verdade, busca-se a própria identidade”*. (Rappaport, 1998, p.49)

Quanto à perspectiva temporal, tanto para o jovem quanto para o adulto o passado é reconstruído e o futuro é planejado. A identidade é construída e reconstruída, ou seja, as reformulações das metas de vida são preocupações para estas faixas etárias. (Havighurst, 1972)

Deste modo, entende-se que a organização da identidade vincula-se à necessidade de se colocar na dimensão temporal, necessária também para que uma série de escolhas possam ser realizadas, como a de um parceiro, de uma profissão e a busca de valores condizentes com os anseios pessoais, assim como se deve também levar em conta que estas escolhas realizam-se de acordo com idéias e expectativas familiares e sociais.

Lucchiari (1993), por sua vez, enfatiza que neste momento o adolescente experimenta muita tensão, ansiedade e insegurança, além de muita pressão por definição,

exercida pela família e pelos amigos, traduzindo-se em expectativas da família e da própria pessoa sobre si mesma.

Nesta direção, Bock et al. (1995), relatam que antigamente a imposição familiar em relação ao caminho profissional era muito mais rígida do que hoje; no entanto, nos dias atuais, a família deposita uma grande expectativa sobre o adolescente e sobre a sua escolha, e caso esta frustre as esperanças familiares, conflitos podem aparecer de forma violenta.

Dias (apud Bock, 1995), desenvolve a idéia de que o momento da escolha profissional representa uma crise que envolve tanto o indivíduo quanto a sua família. Assim, a oportunidade de escolher inclui as visões e as pressões da família, tanto concretamente quanto de modo internalizado pelo indivíduo, pois junto a ela encontra-se uma rede de afetos que podem levar a escolha a reparar vivências dolorosas anteriores.

Andrade (apud Levenfus, 1997), diz que a relação entre os aspectos psicossociais familiares e a estrutura ocupacional do indivíduo apresenta-se, segundo um plano contextual, na influência exercida pela família por meio dos recursos e das limitações, como as condições socioeconômicas para os estudos; e num plano estrutural, traduzindo-se na influência da ideologia familiar sobre os conceitos e valores ocupacionais, sobre a identidade profissional e a auto-estima. Isto porque, no grupo familiar, as identificações ocorrem tanto com o grupo quanto com seus sistemas de valores, e com o papel e status do indivíduo no grupo, importando o grupo a que pertence e o papel que desempenha nele.

Ao discutir a questão familiar na escolha profissional, Lucchiari (apud Levenfus, 1997), salienta que os pais desejam que o filho atenda aos projetos que eles têm em relação ao futuro deles, propondo metas e objetivos a serem alcançados, tendo o filho, muitas vezes, a missão de realizar os sonhos dos pais. Esta relação está estruturada através de um

processo de identificação que prevê a identificação dos pais com os filhos e a identificação dos filhos com seus pais.

Em conformidade com esta visão, Greca (1997-1998), cita várias situações que evidenciam as influências da família no processo de escolha profissional. Estas influências podem ser traduzidas na projeção dos sonhos dos pais no filho, no reforço a uma determinada escolha, enaltecendo-a em detrimento de outra, no desejo que o filho faça a sua opção por uma profissão que já tenha representantes na família. Assim, as escolhas dos jovens incluem tanto as identificações com a família quanto o valor das profissões atribuído por este grupo.

Assim como a família tem papel decisivo na escolha de uma profissão, o grupo de amigos também é muito importante, pois é através dele que o adolescente vai conseguindo a segurança dos padrões de comportamento que lhe permitem a experimentação de novos papéis. Para Knobel (1981, p.36), na busca da identidade que caracteriza este momento surge no jovem o espírito de grupo, desencadeando um processo de “*superidentificação em massa*”, em que todos se identificam com cada um. Muitas vezes este processo é tão intenso que parece que o jovem pertence mais ao grupo de amigos do que ao grupo familiar.

As ações deste grupo, para o autor mencionado, representam a oposição às figuras parentais, sendo esta uma maneira ativa de construir uma identidade diferente da do meio familiar; transfere-se, então, ao grupo grande parte da dependência que se mantinha com os pais. Isto, de acordo com Osório (1989, p.20), permite novos modelos identificatórios, delimitando limites mais claros entre o “*eu e o outro*”, propiciando a assunção de papéis até então desempenhados pelos pais.

A escolha de uma profissão, portanto, representa um dos maiores conflitos desta idade, por ser influenciada tanto pelo mundo interno, através dos processos de

identificação, reparação e luto, quanto pelo externo, dado pelas relações familiares, de grupos de amigos e pelas condições impostas pela realidade. Assim, muitos jovens podem acabar por fazer uma escolha pressionados, especialmente pela família, por afinidades dos pais, por facilidades futuras, por identificação com os colegas, pelo status, pelo que imagina ser a profissão e até mesmo pela possibilidade de obtenção de respostas a questões pessoais.

Do exposto, pode-se concluir que em função da interação dinâmica entre o mundo interno e o mundo externo é que se organizam as escolhas, dentre elas a eleição profissional, estabelecendo motivos, expectativas, interesses e ações concretas na realidade.

Muitas são as possibilidades de opção e os motivos que concorrem para a escolha de uma profissão, o que suscita alguns questionamentos nesta pesquisa: Quais são os motivos que levam um jovem a optar pelo Curso de Psicologia, dentre tantos outros? O que espera do Curso e da futura atuação profissional?

1.2 Estudos e Perspectivas

Os motivos para a escolha do Curso de Psicologia, bem como cogitações sobre a formação do psicólogo têm sido objeto de inúmeros estudos, desde 1962, ano da regulamentação da profissão no Brasil.

Um dos primeiros trabalhos realizados com o objetivo de analisar a profissão de psicólogo no Brasil foi o de Mello (1975), após 10 anos de regulamentação. Neste estudo, realizado com psicólogos egressos de cursos de graduação na cidade de São Paulo, explicita-se uma estrutura já existente na divisão das áreas da Psicologia, existente até

os dias de hoje: clínica, escolar e industrial. Apesar disso, uma visão da Psicologia como predominantemente clínica é a opção por excelência desde o período de formação.

Essa mesma visão foi constatada por Carvalho (1982), no seu trabalho de pesquisa sobre a distribuição de psicólogos no mercado de trabalho em São Paulo, realizado 20 anos após a regulamentação da profissão. Afirma a autora que ao ingressar no Curso o aluno já tem uma imagem da Psicologia que o leva a escolher o que cursar e aprender de forma coerente com esta imagem, bem como os professores também trabalham nos Cursos a própria imagem e a sua prática na profissão, e nem sempre estas se harmonizam com as transformações que estão ocorrendo no mercado e nas necessidades sociais. Para ela:

... tal imagem se mantém e se reforça porque os cursos apresentam ao aluno basicamente uma atuação clínica do nível de atendimento psicoterapêutico individual, que corresponde, exatamente, à expectativa anterior dos alunos em termos do que se deve trabalhar em Psicologia. (Carvalho, 1982, p.16)

Portanto, quando o aluno ingressa no Curso traz consigo expectativas com relação ao mesmo e pré-conceitos sobre o objeto de estudo da Psicologia. Carvalho (1988), através de um estudo longitudinal com 20 alunos da USP, durante os cinco anos de sua formação, identificou expectativas e pré-concepções nos alunos de Psicologia que indicam que o aluno busca este Curso enquanto profissão ou prática; define seu objeto de estudo em termos individuais; estabelece uma cisão entre o individual e o social, não sendo este considerado como um fator que exerça influência no aparecimento de fenômenos psicológicos.

Conforme trabalho realizado por Carvalho e Kavano (1982), com psicólogos recém-formados em São Paulo, no período 1978-1982, através da análise das

justificativas de opção por área de trabalho, constatou-se que os Cursos de Psicologia desempenham importante papel na manutenção ou na modificação da imagem que o psicólogo possui da profissão.

Em pesquisa realizada em 1986, Lázaro, Oliveira e Marques (1986), compararam os motivos de escolha da profissão relatados por alunos ingressantes e concluintes do Curso de Psicologia. Os resultados obtidos nesta pesquisa indicam que, ao ingressar, o aluno conceitua a Psicologia como instrumento que permite auto-conhecimento e ajuda aos outros, demonstrando preferência pela área clínica, com poucas preocupações profissionais, e o aluno em término do Curso continua percebendo a Psicologia como uma forma de resolver problemas.

Ulian; Carvalho; Bastos et al. (1988), pesquisando sobre a formação e o exercício profissional do psicólogo, obtiveram resultados semelhantes, encontrando predomínio de respostas relativas ao desejo de conhecer o ser humano e ajudá-lo, e expectativa de auto-conhecimento, além de uma percepção do outro distanciada de seu meio, e o fascínio pelo objeto e pela prática profissional de ajuda.

Com o objetivo de verificar os discursos do estudante de Psicologia, Aquino (1990), entrevistou 10 alunos deste Curso e dois psicólogos recém-formados, encontrando dados que revelaram que a opção por este Curso, num primeiro momento, vincula-se ao desejo de conhecer o homem, seus mistérios e a si próprio; e, num segundo momento, ao desejo de ajudar o outro.

Santos (1992a), investigando a questão das representações sociais da Psicologia com alunos dos diversos períodos do Curso, obteve, através de respostas a um questionário, que se mantém uma representação idêntica do 1º ao 9º semestre do Curso: o caráter assistencialista do trabalho do psicólogo e a dificuldade em definir o objeto de estudo

da Psicologia. Quanto aos motivos para a escolha do Curso, no trabalho realizado por Santos (1992b), destacam-se o estudo e o entendimento do ser humano, a intenção de ajudar as pessoas, trabalhando diretamente com o ser humano, e a procura pelo Curso com a expectativa de se conhecer e conhecer mais os outros.

Neste mesmo estudo o autor verificou que, com relação à área de futura atuação, em todos os períodos pesquisados, a preferência maior concentra-se na área clínica, com um aumento significativo de escolha entre os alunos do último semestre. Outro dado obtido por Santos (1992c), foi que os alunos, em todos os semestres, esperam que o Curso possibilite o aprimoramento do contato com o outro, através de uma atuação baseada em uma relação de ajuda e orientação. Os resultados obtidos indicam a pouca influência que o Curso exerce sobre as representações que o aluno tem em relação à profissão e ao futuro exercício profissional.

O trabalho realizado por Curti (1993, p.82), com o objetivo de verificar a eficácia adaptativa dos estudantes da UEL quanto à escolha profissional realizada, através da investigação de 126 acadêmicos de diferentes cursos, entre eles alunos do Curso de Psicologia, nas fases inicial, intermediária e final, apontou que, em relação aos alunos do Curso de Psicologia, a escolha ocorre vinculada à fantasia de solução aos conflitos pessoais e interpessoais, refletindo o desejo de autoconhecimento. Afirma a autora que o Curso é tido como o “*processo terapêutico*”, e o seu encerramento, “*a cura*”.

Com relação ao futuro profissional, a mesma indica que as expectativas foram dirigidas à conclusão do Curso e pouco ao momento vivenciado, permitindo a visão de que o aluno espera a solução mágica dos seus conflitos no encerramento do Curso.

Pesquisando os motivos de escolha do Curso e as características de personalidade em alunos ingressantes no Curso de Psicologia e no de Administração de

Empresas, Ferreira (1995), observou nos alunos de Psicologia, que o principal motivo para a escolha deste Curso foi o de ajudar as pessoas e de adquirir autoconhecimento e conhecimento do outro. O trabalho do psicólogo foi percebido como eminentemente clínico, direcionado para atividades assistencialistas e humanitárias. Quanto a isso, afirma que

A investigação dos motivos de escolha do curso de Psicologia apontam para uma representação desta que corresponde apenas a uma das áreas de atividade do psicólogo, a área clínica, provavelmente por ser a que concentra um maior número de profissionais atuando, mesmo que em condições mais precárias de trabalho, terminando por fornecer uma imagem da profissão como semelhante à do profissional de Medicina: trabalho em consultório particular, exercendo atividades de cunho terapêutico. (Ferreira, 1995, p.84)

Nesta mesma pesquisa, a definição de Psicologia, teve como resposta mais freqüente: ciência que estuda o comportamento humano. A resposta mais presente quanto às expectativas referentes ao Curso foi: fornecer condições para o exercício da profissão (teórico e prático); quanto às expectativas em relação à futura profissão, os alunos esperam poder ajudar as pessoas através do seu trabalho.

Em recente estudo, Braga (1998), investigando 41 alunos do 1º ano do Curso de Psicologia da UEL, com o objetivo de estudar a questão do vestibular, obteve dados semelhantes aos encontrados em outros estudos citados, revelando que dentre os motivos que levam os jovens a optarem por este Curso destacam-se: identificação e/ou afinidade com o Curso, interesse pelo ser humano, interesse em ajudar as pessoas e desejo de autoconhecimento e de realização pessoal. Quanto às expectativas profissionais, a maioria dos alunos pretende se realizar profissionalmente; outros esperam poder ajudar as pessoas, e ainda outros trabalhar em clínica e fazer pós-graduação.

Campos, Silva Filho, Campos et al. (1996), em seu trabalho “Caracterização dos alunos de Psicologia da USF/Itatiba: características, opiniões e expectativas”, destacam a importância da caracterização da população universitária para a melhor compreensão da relação entre a formação e as expectativas discentes.

Além de estabelecerem a necessidade de se conhecer a população que ingressa nos cursos universitários, apontam a necessidade de conhecimento dos fatores motivacionais para a escolha do Curso e das expectativas quanto à profissão e à ciência “Psicologia”.

Em pesquisa realizada em 1996 com alunos de Psicologia do período noturno e do período diurno, pertencentes a diferentes séries do Curso, na Universidade São Francisco, Campos; Silva Filho; Campos et al. (1996), com o objetivo de coletarem dados sobre as opiniões em relação ao Curso e sobre características destes alunos, obtiveram, entre outras respostas, que os alunos do diurno buscam o Curso em função de um objetivo de vida e de melhor compreensão do ser humano; definem Psicologia como ciência que estuda o comportamento humano e desejam atuar na área clínica ou hospitalar. Já os alunos do Curso noturno buscam o Curso como forma de melhorar sua qualidade de vida ou de realizar um objetivo. Definem Psicologia como ciência que estuda o comportamento humano e desejam atuar na área clínica.

Pereira (1997, p.127), no artigo “Personalidade de Psicólogos que continuaram na área de Psicologia e dos que a abandonaram”, ao questionar as características das pessoas e os traços desejáveis para o exercício da Psicologia, salienta que vários estudos apontam a procura do Curso de Psicologia “*como meio de o indivíduo lidar com sua problemática pessoal*” e que este “*sozinho não promove a resolução desses problemas*”.

A pesquisa de Campos; Martinez; Almeida et al. (1995), “Conceito de Psicologia: definições e atributos criteriais na opinião de universitários”, dos cursos de Psicologia, Direito e Administração de Empresas, obteve respostas indicativas de que a tendência é a de conceituar a Psicologia em função da sua identidade social. Os atributos mais apresentados pelos alunos do Curso de Psicologia foram: ciência, mente humana, comportamento humano; e os dos outros grupos: comportamento humano, mente humana, solução de problemas. A definição da Psicologia pelos estudantes deste Curso está, segundo os autores, de acordo com as definições socialmente aceitas. Assim, pode-se perceber que os conceitos possuem elementos comuns, independentemente do tipo de sujeito, de forma que a influência do meio esteja visível quanto às dimensões naturais do conceito de “Psicologia”.

A partir de entrevistas realizadas com 6 jovens, alunos do 3º ano do Curso de Psicologia, sobre os motivos da dúvida em dar continuidade aos estudos, Dias (1995, p.133), conclui que essa dúvida é a superfície de um conjunto de dúvidas que assolam o estudante universitário e que aparecem de forma consistente no terceiro ano do Curso. Ela diz:

O terceiro ano é um período que apresenta algumas especificidades. É central nos cursos universitários que têm duração de cinco anos; é considerado um divisor. O aluno que passar pelo terceiro ano conclui o curso. Esta é a fantasia dos alunos. Aparentemente, o aluno que atravessa o terceiro ano, ultrapassou o período mais difícil, seja de adaptação ou de compreensão do que seja um curso superior; os entrevistados revelam esta sensação; duvidaram, mas têm certeza da continuidade.

Abreu; Leitão; Paixão et al. (1996, p.54), no artigo “Aspirações e projectos pessoais, condições de vida e de estudo dos alunos do ensino superior de Coimbra”, fornecem informações significativas no tocante à preocupação com o estudante do ensino superior, e

têm como objetivo promover as condições psicossociais que permitam uma transição satisfatória entre o ensino secundário e o superior, e entre o ensino superior e o mundo do trabalho. Através de questionários que investigaram necessidades e expectativas dos estudantes do primeiro ano, com 192 sujeitos voluntários, entre eles 21% cursando a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, apontam como resultados que as expectativas em face do ingresso no mundo do trabalho se encontram concentradas em torno de um emprego, que os acadêmicos esperam conseguir a curto ou médio prazo, incluindo apoio psicológico de informação e apoios institucionais à colocação profissional. Quanto à planificação da futura carreira profissional, *“constataram que 69,60% da amostra, ou não planificou nada relativamente à sua carreira futura, ou se encontra ainda em fase mais ou menos inicial desse processo”*.

Bock (1997, p.41), em seu artigo “Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico”, discute a formação do psicólogo e reflete sobre ela, através da visão sobre o fenômeno psicológico e sobre o homem que embasa as propostas de formação. E destaca:

Temos atraído jovens que desejam ‘fazer Psicologia’ para ajudar o outro e conhecer a si próprio, denotando valores individualistas em uma prática assistencial. Não temos conseguido mudar esses motivos de escolha da profissão, temos apenas, como demonstrou Mello, aperfeiçoado o discurso de nossos alunos, sem alterar os valores subjacentes. Temos fornecido uma formação técnica que ensina a atuar de determinada maneira em determinada situação, desenvolvendo pouco ou quase nada a capacidade de lidar com o novo, com o desconhecido.

A autora defende a construção de uma concepção social do psiquismo humano e a formação que tenha a certeza de que o conhecimento é histórico e deve acompanhar o movimento da realidade.

Neste sentido, merece destaque o trabalho realizado por Palmieri (1996, p.155), que teve como foco a investigação sobre a formação e a atuação do psicólogo egresso da Universidade Estadual de Londrina, no período compreendido entre 89/2 a 95/1. Este estudo foi realizado com docentes e profissionais formados na UEL no referido período. Entre os resultados obtidos, conclui:

As áreas de Clínica, Escolar e Organizacional absorvem grande parte dos egressos investigados, tanto na 1ª área do exercício da profissão quanto na área de atuação atual, sendo que as atividades desenvolvidas nessas áreas revelam um padrão tradicional de atuação com ações direcionadas à Psicoterapia Individual (Clínica), Assessoria a pais, professores e alunos (Escolar) e Recrutamento, Seleção e Treinamento (Organizacional).

Os dados indicam concentração nas três áreas, mas quase a metade dos egressos atua na área clínica. Estes dados corroboram outros, obtidos em outros estudos, que apontam a primazia da área clínica, através de formas tradicionais de atuação. Palmieri (1996), aponta que o egresso percebe a sua realidade de trabalho na dimensão psicólogo-cliente, não se fazendo presente uma visão mais ampla do fenômeno psicológico.

O artigo escrito por Souza Santos (1994, p.41), também registra reflexões sobre a formação dos profissionais psicólogos, tornando claro que

... a atuação do profissional em Psicologia, longe de ser uma busca de compreensão dos fenômenos da interação humana, tornar-se-á uma tentativa de apreender os motivos e conflitos individuais esvaziados de significados compartilhados, levando a um fechamento do homem sobre si mesmo.

Com o objetivo de discutir os novos espaços e as práticas emergentes na Psicologia brasileira, Yamamoto e Campos (1997, p.93), apresentam um trabalho em que discutem os significados do novo na Psicologia; a formação acadêmica e as perspectivas profissionais. Destacam que, quanto ao novo, “... *no interior dos campos consagrados de atuação, diversas modalidades novas de ação podem e têm sido desenvolvidas; ao passo que modalidades convencionais de ação podem e têm sido apresentadas em espaços novos*”.

Apontam ainda, com relação à formação acadêmica, que mesmo persistindo a antiga situação de predomínio de atuação na área clínica, o novo também se apresenta enquanto uma perspectiva possível, colocando uma questão essencial, “*a da adequação da formação acadêmica para fazer face à nova realidade que desponta*”. (Yamamoto e Campos, 1997, p.97)

Os autores não vêem como muito alvissareiras as perspectivas da Psicologia brasileira, mas reafirmam que os que lidam com a formação e o exercício profissional devem se esforçar para equacionar as questões que surgem nesta nova situação. Afinal, “*é na vigência do velho, nas condições postas por ele, que o novo emerge*”. (Yamamoto e Campos, 1997, p.108)

Estas reflexões impõem a necessidade de novos questionamentos e posicionamentos frente a uma realidade que muda muito rapidamente e que exige do profissional posicionamentos que permitam não só uma nova visão deste homem, mas uma forma de atuação redimensionada, propiciada em seu lugar de direito: a universidade e o curso.

Em síntese, pode-se destacar que as preocupações com a formação do estudante universitário, de forma geral, e do estudante do Curso de Psicologia, de forma específica, traduzem-se em muitos trabalhos que visam conhecer, repensar e propor novos

caminhos. Quanto aos motivos de escolha do Curso de Psicologia, relatados em inúmeros trabalhos, com populações pertencentes a diferentes estados brasileiros, permitem a delimitação de três pontos mais freqüentes: 1) que a sua escolha relaciona-se à imagem do psicólogo clínico; 2) fatores de ordem pessoal, relacionados ao desejo de ajudar a si e aos outros; 3) desejo de conhecer o homem e a si próprios, caracterizando uma visão clínica da Psicologia.

Estes aspectos devem ser analisados na perspectiva do desenvolvimento humano, para um melhor entendimento, pois tanto os motivos quanto as expectativas são aspectos que têm profundas implicações no curso de vida individual dos adultos, na dinâmica familiar e no contexto social.

Abordaremos, a seguir, como Erikson analisa a questão do desenvolvimento humano adulto, considerando que nosso estudo abrange uma população situada na faixa etária de 18 a 52 anos.

2. CONCEPÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADULTO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DE ERIK H. ERIKSON

O ciclo vital humano compreende a infância, a adolescência, a maturidade e a velhice, para a maioria dos autores que estudam o crescimento e o amadurecimento do homem através de fases do desenvolvimento.

Mas, somente a partir dos anos 50 e 60, em função das mudanças demográficas vivenciadas por muitos países, é que emergiu mais intensamente o interesse pelo estudo da vida adulta, uma vez que a infância e a adolescência já eram objetos de estudo da Psicologia, e a velhice, da Gerontologia.

As bases para uma Psicologia do desenvolvimento que engloba todo o ciclo vital, segundo Neri (1993), foram estabelecidas por Carl Gustav Jung, Charlotte Buhler, Alfred Adler, Erik H. Erikson e, mais atualmente, Daniel Levinson. Mas não se pode deixar de considerar também as contribuições da Psicanálise para a compreensão dos psicodinamismos que caracterizam o viver humano nos diferentes momentos da sua evolução.

Dentre estes teóricos, Erik Erikson será destacado neste trabalho, tanto por ser um dos pioneiros na descrição e compreensão do desenvolvimento que se processa durante toda a vida, quanto por sua teoria fornecer um arcabouço teórico que permite, nos dias de hoje, uma análise do homem nos seus diferentes modos constitutivos.

Erikson (1976, 1987), em sua teoria, integra experiências e influências da Psicologia americana do desenvolvimento, da Psicanálise e de pesquisas antropológicas, contribuindo para o pensamento psicológico através da reorganização sistemática da teoria

psicanalítica, à luz das descobertas antropológicas. Sua teoria focaliza a atenção no ego, muito mais no ser consciente, com especial interesse nas relações do ego com o social, enfatizando o papel significativo dos fatores sociais no desenvolvimento do indivíduo, conforme afirmam Hall e Lindsey (1984, p.75):

A concepção do ego na teoria de Erikson é muito socializada e histórica. Em acréscimo aos fatores genéticos, fisiológicos e anatômicos que ajudam a determinar a natureza do ego do indivíduo, há também importantes influências culturais e históricas. Esta colocação do ego num contexto cultural e histórico – em um enquadramento espaço-temporal - é uma das contribuições mais criativas de Erikson à teoria do ego.

Assim, aparece como ponto importante em sua teoria a proposição do desenvolvimento psicossocial, sendo que a associação destes termos, desenvolvimento e psicossocial, para estes autores, significa que os estágios da vida de uma pessoa são determinados por influências sociais que interagem com o organismo que se encontra em processo de maturação.

Desta forma, além da dimensão cultural e histórica proposta por Erikson para o desenvolvimento durante toda a vida, o mesmo é compreendido através de estágios, significando que há idades aproximadas nas quais aparecem novas formas de comportamento, em resposta a novas influências sociais e maturativas.

Para Erikson (1987, p.96), cada estágio ou idade do desenvolvimento organiza e operacionaliza as aquisições realizadas, sendo definidas com o termo “*crise psicossocial*”. A palavra crise é utilizada “... *para designar não uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial; e, portanto, a fonte ontogenética da força e do desajustamento generativos*”.

Este processo de desenvolvimento é governado pelo que Erikson (1987, p.91), denomina “*princípio epigenético*”:

Algo generalizado, esse princípio afirma que tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir deste plano básico que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham sido levantadas para formar então um todo em funcionamento.

Este mecanismo inato explica o desenvolvimento, ocorrendo numa seqüência mais ou menos previsível, organizada através de momentos críticos, idades ou estágios.

Erikson (1976), apresenta estas etapas de desenvolvimento postulando a passagem universal por oito estágios. Estes estágios relacionam-se aos estabelecidos por Freud, porém a cada um corresponde uma crise de natureza social que deve ser resolvida. Dos oito estágios, os quatro primeiros ocorrem durante a infância e a meninice, o quinto durante a adolescência e os três últimos a partir da idade adulta, incluindo a velhice.

Cada crise psicossocial estabelece um “sentimento de” ou “sentido de” como uma firme aquisição interior, através da resolução de um conflito com duas saídas possíveis, uma positiva e a outra negativa. Muuss (1976), aponta que, se o conflito for resolvido de maneira satisfatória, a qualidade positiva é incorporada ao ego, verificando-se um desenvolvimento sadio, mas a incapacidade de resolvê-lo ou a sua resolução de maneira insatisfatória prejudica o desenvolvimento do ego, uma vez que a qualidade negativa se incorpora a ele.

Desta forma, pode-se observar que Erickson (1976, 1987), propõe:
1) a existência de estágios psicossociais no desenvolvimento do ego; 2) o crescimento da

personalidade ocorrendo durante todo o ciclo vital; 3) cada estágio tendo um componente positivo e um componente negativo. Seu interesse concentra-se no ego “... *por ver a consecução da identidade do ego como uma tarefa evolutiva – chave da puberdade e da adolescência e um fundamento sólido para a vida adulta*”. (Pikunas, 1979, p.15)

Neste trabalho, o foco é a idade adulta, mas entendemos que este momento não pode ser compreendido em Erikson sem a análise completa do ciclo vital, o que inclui 1) a compreensão da aquisição da identidade e 2) os oito estágios do desenvolvimento.

2.1 Identidade

A organização da identidade é a etapa central proposta por Erikson (1976, 1987), na evolução do ciclo vital humano. É um momento de síntese, de transformação de identificações em identidade e de interação original com o mundo.

A emergência da identidade pessoal é um elemento importante na estrutura do ego, que, através de um processo de síntese, torna a identidade pessoal parte da identidade do ego, permitindo ao indivíduo um sentido consciente da singularidade individual, um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência e uma solidariedade para com os ideais de um grupo.

O sentido de identidade, então, permite ao indivíduo a integração do passado, do presente e do futuro, a manutenção de um sentido de mesmidade e continuidade pessoal, e o reconhecimento de ele ser único e especial ao mesmo tempo em que compartilha ideais e valores de uma determinada sociedade.

Neste ponto, é interessante o esclarecimento de Erikson (1987, p.49), quanto à diferença entre identidade pessoal e identidade do ego:

O sentimento consciente de se possuir uma identidade pessoal baseia-se em duas observações simultâneas: a percepção da uniformidade e continuidade da existência pessoal no tempo e no espaço; e a percepção do fato de que os outros reconhecem essa uniformidade e continuidade da pessoa. Aquilo a que chamei identidade do ego, porém, diz mais respeito ao mero 'fato' da existência; é, por assim dizer, a 'qualidade' do ego dessa existência.

Ao discutir o conceito de identidade do ego, Erikson (1987), esclarece que em síntese, esta identidade é caracterizada pelo sentimento da realidade do Eu, estando em constante revisão e dentro da realidade social.

Em termos psicológicos, a formação da identidade, segundo Erikson (1987), utiliza um processo de reflexão e observação que ocorre simultaneamente, envolvendo todos os níveis de funcionamento mental, levando o indivíduo a se julgar segundo a sua percepção de como o julgam, refletindo uma autopercepção e uma percepção do outro segundo os modelos que foram significativos em sua vida. Ver-se e ver o outro, julgar-se e ser julgado caracterizam uma crescente percepção de si e dos outros, permitindo o reconhecimento de ser único e especial e de fazer parte da humanidade, proporcionando a capacidade de auto-experimentação como algo que tem continuidade e uniformidade, numa perspectiva de tempo em que as dimensões de passado, presente e futuro permitem o reconhecimento que se faz enquanto pessoa.

Além disso, para Erikson (1987, p.21), este processo está sempre mudando e evoluindo, proporcionando uma crescente diferenciação do indivíduo à medida que este

adquire maior consciência das pessoas que são importantes para ele, desde a mãe até a “*humanidade*”.

A identidade, assim entendida, configura uma identidade psicossocial e se organiza em três áreas básicas: a sexual, a profissional e a ideológica. A identidade sexual, de acordo com Fiori (1982), refere-se à definição do papel genital, que permitirá ao indivíduo estabelecer filiações duradouras, permitindo o sentido de unicidade e continuidade da existência.

O sentimento de capacidade, de ser um membro produtivo da sociedade define a identidade profissional. A partir dos modelos e das identificações anteriores, com os pais e com outras pessoas significativas, o indivíduo organizará uma escolha profissional, estando seguro do que é e do que continuará sendo. A realização profissional é que permitirá o sentimento de membro ativo e produtivo no grupo social; independente e co-participador na produção de bens materiais.

Às aquisições da identidade profissional liga-se a escolha de uma profissão e, através desta, normalizam-se as relações do indivíduo com o mundo. Quanto a essas relações, em parte ele é aquilo que faz, e, em parte, define as realizações no mundo externo em correspondência com o seu mundo interno.

Um terceiro nível de organização da identidade é a definição ideológica, segundo a qual a reorganização interna, que se processa continuamente, deve acompanhar a reconstrução do mundo e elaborar um posicionamento que permita ao indivíduo não só estar neste mundo mas atuar de maneira que represente também os ideais do grupo a que pertence.

A resolução destes três níveis de identidade tem seu ponto máximo na adolescência, permitindo à pessoa segurança para as etapas posteriores, que se referem à vida adulta.

Assim, para Erikson (1987, p.41), o sentido de identidade vincula-se, para além da identidade, a uma base segura da existência, ou seja:

... o desenvolvimento humano não começa ou termina com a identidade; e a identidade também deve tornar-se relativa para a pessoa madura. A identidade psicossocial é necessária como base segura da existência transitória do homem, aqui e agora.

2.2 As Idades do Homem

O modelo de Erikson (1976, 1987), de desenvolvimento durante todo o ciclo vital é apresentado através de oito etapas evolutivas, designadas como as oito idades do homem, que podem ser compreendidas em três momentos: 1 - inclui as quatro crises iniciais nos estágios da infância e meninice, cada qual estabelecendo um sentido básico de relação com o mundo, contribuindo com etapas parciais para a formação da identidade; 2 - refere-se à configuração da identidade propriamente dita, na adolescência, estabelecendo o momento em que o indivíduo terá como tarefa básica a sua auto-definição; 3 - inclui as etapas do adulto jovem, de meia-idade e a velhice, cada uma propondo um momento de produção, tanto interno quanto de contribuição social.

As oito idades propostas por Erikson (1976), sugerem delimitações cronológicas. Entre os seus intérpretes encontra-se a delimitação proposta por Bee e Mitchell (1986), que as apresentam como segue: 1ª idade: 0 - 1 ano; 2ª idade: 2 - 3 anos; 3ª idade: 4 - 5 anos; 4ª idade: 6 - 12 anos; 5ª idade: 13 - 18 anos; 6ª idade: 19 - 25 anos; 7ª idade: 26 - 40 anos; 8ª idade: 41 - mais. Para as autoras há alguns desacordos entre os intérpretes de Erikson

quanto ao término da 7ª idade aos 40 anos, defendendo que a mesma pode ser dominante até depois dos 40 ou dos 50 anos.

Cada idade do homem, segundo Erikson (1976), representa períodos críticos do desenvolvimento, de onde emerge uma série de qualidades do ego, através das quais o indivíduo integra o seu desenvolvimento com a estrutura das instituições sociais.

A primeira idade do homem é a que estabelece como conflito a Confiança básica versus a Desconfiança básica, sendo descrita por Erikson (1976, p.288), como o fundamento de todos os desenvolvimentos posteriores. O estado geral de confiança “... implica não só que um indivíduo aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também que pode confiar em si mesmo e na capacidade de seus órgãos para enfrentar os desejos urgentes...”.

Portanto, as rotinas diárias, a consistência e a continuidade no ambiente do bebê fornecem a base inicial para o sentido de identidade psicossocial. O bebê aprende a confiar e a contar com os adultos através da continuidade das experiências, assim como a acreditar e a confiar em si mesmo.

Para Fiori (1982), é a certeza adquirida nesta idade que estrutura a dimensão psicossocial da confiança, alicerçando as estruturas da religião, através do sentimento de fé.

Assim, este primeiro modelo de relação com o mundo está ajustada na relação qualitativa com a mãe. Neste estágio a criança aprende a receber, desenvolvendo o sentimento de obter e esperar que lhe dêem. Para Erikson (1976, p.229), “isso cria na criança a base para um sentimento de identidade que mais tarde combinará um sentimento de ser ‘aceitável’, de ser ela mesma, e de se converter no que os demais confiam que chegará a ser”.

Mas, assim como o sentimento de confiança básica é fundamento para o desenvolvimento posterior, o sentimento de desconfiança básica, pólo negativo desta idade, de acordo com Gallatin (1978), deverá estar presente, pois é pouco provável que um bebê tenha suas necessidades totalmente satisfeitas, a ponto de superar sua desconfiança.

Deve-se salientar que é importante que o pólo positivo desta idade, bem como das outras, seja prevalente sobre o negativo; é da proporção adequada entre estes pólos que resulta o equilíbrio, importante para a construção de um sentido de identidade e de uma relação satisfatória consigo mesmo, com os outros e com o grupo social.

O firme estabelecimento de padrões duráveis para este conflito nuclear é a primeira tarefa do ego, vinculada diretamente ao cuidado materno, constituindo-se em base para o desenvolvimento da próxima idade.

A segunda idade do homem estabelece o conflito nuclear entre a Autonomia versus Vergonha e Dúvida. A principal mudança desta idade reside na maior mobilidade da criança, que agora pode se movimentar em seu mundo, tendo maiores possibilidades de escolha, formando a base para o sentido de independência e de autonomia. Erikson (1987), focaliza os ganhos em autonomia e realização de vontade. A criança ganha em percepção das pessoas, objetos e situações, também na habilidade para buscar o que a atrai, podendo aproximar-se ou afastar-se dos pais. À este respeito Fiori (1982), diz que a autonomia não se refere somente à elaboração dos produtos infantis, retendo ou doando-os, ou à autonomia muscular, mas é, sim, o momento em que se firma a autonomia em relação ao vínculo de dependência com a mãe, permitindo uma primeira separação.

A contrapartida da Autonomia é Vergonha e Dúvida. O sentimento de vergonha surge quando a criança se sente visível e inadequada, levando-a ao desejo de desaparecer, de sumir; já a dúvida se relaciona a um temor difuso, incerto, que parece provir

do detrás, da parte do corpo da criança que representa ainda um continente desconhecido. Erikson (1976, p. 231-2), esclarece que *“À medida que seu meio ambiente a encoraja a ‘parar sobre seus próprios pés’, também deve protegê-la contra as inexpressivas e arbitrarias experiências de envergonhamento e de dúvida precoce”*.

Finalmente, se a idade anterior organizou a confiança no nível individual e a fé em nível grupal, esta etapa, ao estabelecer a autonomia, estrutura o princípio da lei e da ordem como salvaguarda do grupo social.

A terceira idade descrita por Erikson (1976, 1987), propõe como conflito nuclear Iniciativa versus Culpa, centralizando-se na evolução da estrutura locomotora e dos órgãos genitais, e privilegiando a progressiva organização do ego através das suas interações com o mundo. Para Erikson (1976, p.234), *“Há em toda criança, em cada etapa, um novo milagre de desabrochamento vigoroso, que constitui uma nova esperança e uma nova responsabilidade para todos. Esse é o sentido e a qualidade intrínseca da iniciativa”*.

Considera a iniciativa um componente de todo ato humano, sendo necessária em tudo o que se aprende e se faz.

Nesta idade, o aprendizado que se processa é configurado como intrusivo: a criança, através da sua iniciativa, entra no mundo, nas relações, nos espaços, no corpo do outro, tornando-se mais consciente de direção e de propósito.

O sentimento básico de culpa, de ter feito algo proibido, pode levar ao fracasso em se estabelecer como alguém que pode lutar por suas metas.

O sentimento de autonomia ou de culpa depende, em grande parte, das interações da criança com seus pais, que podem sobrecarregar sua consciência e sufocar seu sentido de autonomia, possibilitando o aparecimento do pólo negativo de forma intensa, ou

podem ajudá-la a canalizar construtivamente suas energias, sentimentos estes que estarão presentes na vivência da próxima idade.

O sentido básico da quarta idade do homem refere-se ao conflito entre a Produtividade e a Inferioridade. Esta idade focaliza as mudanças nas habilidades, nas experiências e no impacto que as mesmas têm sobre o desenvolvimento da identidade. A produtividade desenvolve-se à medida que a criança se capacita no manejo das ferramentas e dos utensílios da sua cultura, desenvolvendo as habilidades específicas, como ler e escrever, que a sociedade requer da criança. *“Assim, os ‘fundamentos da tecnologia’ se desenvolvem à medida que a criança se capacita para manejar os utensílios, as ferramentas e as armas dos adultos”*. (Erikson, 1976, p.239)

Através do desenvolvimento de um sentido de produtividade, afirma Fiori (1982), a criança ajusta-se às leis, estrutura juízos e percebe as diferenças de oportunidades do mundo do trabalho, entrando em contato com a forma de produção característica de sua sociedade.

Mas o impulso para manipular o mundo e dominá-lo, para entender e realizar tarefas, pode ser frustrado, resultando em um sentimento de inadequação e inferioridade, desencorajando sua identificação com os integrantes do grupo e até mesmo com uma parte do mundo das ferramentas.

Esta idade é a última a referir-se à infância; com o estabelecimento de uma relação positiva com o mundo da tecnologia e das habilidades e o início da puberdade deixa-se a infância para trás e inicia a adolescência.

De acordo com Erikson (1976, 1987), a quinta idade do homem estabelece como conflito nuclear a Identidade versus Confusão de Papéis, sendo este o conflito básico da adolescência. Cada uma das idades da infância lega a esta idade uma disposição básica para o

sentido de identidade, pois esta incorpora elementos de todas as outras, sendo prenunciada em cada um dos conflitos que a precederam, recapitulando todos eles e antecipando os conflitos da idade adulta. Para Gallatin (1978, p.211), “... a formação da identidade entalha um conjunto bastante complexo de relação entre os diversos estágios do desenvolvimento humano, e a adolescência está assentada no meio do caminho”.

Questiona esta autora: “Por que é a adolescência o período crucial para a formação da identidade?” (p.201). Diversas razões são apresentadas em Erikson (1976, 1987), mas parece que a fundamental relaciona-se às capacidades do ego do adolescente. Para que organize um sentido de identidade, este deve ser capaz de realizar uma avaliação pessoal do que foi, do que é e do que poderá vir a ser, determinando em que medida é como todos os outros, como algumas pessoas, e como é diferente de todas.

Ao colocar sua existência em uma dimensão temporal, o adolescente defronta-se com sua história passada, a consciência do presente e das perspectivas futuras, que em seu aspecto subjetivo é a própria consciência da sua uniformidade e continuidade.

Erikson (1987 p.166), esclarece que um ótimo sentimento de identidade é experimentado como bem-estar psicossocial, como o sentimento de “*estar em casa*” em nosso próprio corpo, de “*saber para onde se vai*”, e sendo alvo de reconhecimento pelas pessoas que são significativas.

Nota-se que, em sua teoria, Erikson (1987, p.129), postula a existência de um período preparatório que denomina “*moratória psicossocial*”, que permite ao jovem o exercício de diferentes papéis, posturas e formas de comportamento, traduzindo-se em um período de espera concedido socialmente, antes da assunção de compromissos adultos. Este período permite ao jovem uma preparação para a tarefa de realizar opções conscientes e de assumir compromissos duradouros.

Este autor enfatiza que a mente do adolescente é essencialmente “*uma mente do ‘moratorium’, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto.*” (Erikson, 1976, p.242). Este momento permite então, ao jovem, o reexame da sua identidade e dos papéis a desempenhar, envolvendo tanto a identidade sexual quanto a profissional e a ideológica.

Neste processo, o adolescente pode se apoiar nas identificações do passado, nos sentimentos enfrentados nas outras crises normativas, como confiança, autonomia, iniciativa e produtividade, e olhar para o futuro, para os conflitos que ainda virão, desenvolvendo formas para enfrentá-los, a fim de não se perder entre as escolhas possíveis, que caracterizam este momento e marcam o futuro.

O perigo desta idade, afirma Erikson (1976, 1987), é a confusão de papéis, que tem como base uma intensa dúvida anterior com relação à identidade sexual, às escolhas e experimentações possíveis e à falta de integração de uma ideologia. As dificuldades podem decorrer tanto dos aspectos individuais e da resolução inadequada das crises anteriores quanto do contexto social, isto ocorre quando o jovem não encontra o espaço necessário para suas explorações.

A conquista de um firme sentido de identidade permite a percepção de si, dos outros, do mundo e das potencialidades do futuro, marcando o fim da adolescência. “*... só um firme sentido de identidade interior assinala o fim do processo adolescente e é uma condição para um maior amadurecimento verdadeiramente individual*”. (Erickson, 1987, p.88)

Vencidas as idades da infância e da adolescência, o indivíduo defronta-se com a sexta idade do homem, a primeira das três que tratam da vida adulta. Esta, para Erikson (1976, 1987), estabelece o conflito nuclear da Intimidade versus Isolamento, caracterizando o

adulto jovem, que, de acordo com Bee e Mitchell (1986), pertence ao período dos 19 aos 25 anos.

Como assinalado nas páginas iniciais deste trabalho, a sexta idade do homem tem importância fundamental nesta pesquisa, pois, assim como normalmente a escolha de uma profissão ocorre durante a quinta idade, esta, a sexta, marca em nossa sociedade o período em que o jovem se prepara para o mundo do trabalho, compreendendo os anos que passa numa instituição de ensino superior.

A intimidade, pólo positivo desta idade, significa, segundo Erikson (1976, p.242-3) “... a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos”.

Somente neste momento o indivíduo está preparado para unir sua identidade com outra, através de relacionamentos íntimos, parcerias e associações, desenvolvendo a força necessária para cumprir estes compromissos. Mas Erikson (1976), insiste que o requisito para o estabelecimento da intimidade é um firme sentido de identidade. O envolvimento com o outro e com o trabalho, características desta idade, dependem tanto de uma compreensão acurada de si quanto das relações estabelecidas entre as pessoas, o que não é possível antes que um sentido de identidade tenha se estabelecido.

De acordo com Bee e Mitchell (1986, p.499), há muitos caminhos a serem percorridos para se atravessar este período, mas em qualquer um deles o jovem adulto precisa enfrentar as tarefas relacionadas ao amor e ao trabalho. Esclarecem que “as poucas evidências de que dispomos sugerem que se você for bom numa delas provavelmente será bom na outra; o sucesso no trabalho baseia-se no sucesso no amor...”.

A preparação para a atividade ocupacional e a vida conjugal são componentes essenciais da vida do adulto jovem, fazendo parte do processo de amadurecimento. A fase adulta permanece como o status de uma pessoa para o resto da vida. Tornar-se adulto, então, é um processo que envolve a relação com um parceiro, a preparação e a atuação em uma profissão e a integração da personalidade nas estruturas socioculturais da sociedade.

Durante esta idade, o valor que passa a existir, segundo Erikson (1976), é o amor.

Acompanhando os momentos do desenvolvimento, Hall e Lindsey (1984, p.73), apontam que

Por ser um valor dominante universalmente, o amor aparece de muitas formas nos estágios iniciais; no começo há o amor da criança pela mãe, depois aparecem as paixões dos adolescentes e finalmente ele se manifesta na solicitude dirigida aos outros quando se é adulto.

O risco desta idade está no seu pólo negativo – o isolamento, ou seja, o adulto jovem pode evitar relacionar-se e comprometer-se com alguém, não desejando ou sentindo-se incapaz de estabelecer relacionamentos íntimos.

Gallatin (1978), sintetiza as características deste conflito quando afirma que as pessoas que temem a intimidade usam o trabalho como proteção, enquanto as que não suportam ficar sozinhas, que não conseguem se afastar dos outros, não conseguem trabalhar.

Portanto, esta idade coloca sua ênfase no amor e no trabalho. Além disso, conforme afirma Erikson (1987), o adulto jovem adquire a possibilidade de transcender a própria identidade, tornando-se, cada vez mais, verdadeiramente individual, e, ao mesmo

tempo, conseguindo colocar-se além de toda a individualidade, compartilhando, através do senso da solidariedade e do senso da ética.

O amor, a solidariedade e o senso ético aparecem como valores fundamentais nos cuidados com a formação das novas gerações, outorgando ao homem o sentido de generatividade.

A penúltima idade do homem, a sétima, estabelece o conflito nuclear entre a Generatividade e a Estagnação. Com a maturidade, o homem precisa sentir-se necessitado, produtivo, criando algo com seu esforço. Neste sentido, a generatividade define-se como a preocupação relativa a formar e a guiar as novas gerações.

Fiori (1982), ao discorrer sobre esta idade, enfatiza que a finalidade última da vida é a sua perpetuação, sendo a reprodução apenas o ponto de partida, uma vez que o reprodutor deve se tornar o mantenedor e aquele que deve transmitir a tecnologia e a ideologia que garantam a continuidade da própria civilização.

Assim, a produtividade e a criatividade seguem durante a vida adulta, absorvendo, desafiando e satisfazendo o homem através dos cuidados e da manutenção da próxima geração. Conforme Erikson (1976, p.246), *“a generatividade, então, é fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração...”*.

Pikunas (1979), ao se referir à idade adulta, afirma que ela abrange os anos mais produtivos de uma pessoa, tanto nos aspectos econômico e social quanto em muitos outros, permitindo que a autoconfiança e o senso de competência atinjam um ponto máximo. O impulso para a produtividade leva também à possibilidade de novas realizações profissionais. Para este autor, depois dos filhos o emprego é a principal fonte de produtividade e de gratificação, uma vez que a contrapartida da generatividade, a estagnação, causa repulsa à maioria dos adultos desta idade.

A estagnação, conforme descrita por Erikson (1976), é sinônimo de esterilidade, improdutividade e não-criatividade, sendo decorrente do fracasso na transposição desta idade.

Este período caracteriza-se pela capacidade de produzir: gerar vida e através dela o trabalho humano de elaboração da cultura, definindo o homem como aquele que ensina.

A etapa final da maturidade é descrita por Erikson (1976), como a idade da sabedoria. Ele afirma que se as crises dos primeiros estágios e dos estágios adultos foram resolvidas em favor de seu pólo positivo – a intimidade e a capacidade de produção –, torna-se possível, então, atingir uma integridade do ego, explicitada por ele nestas palavras:

Só naquele que de alguma forma tem cuidado de coisas e pessoas e tem-se adaptado aos triunfos e desilusões inerentes à sua condição de criador de outros seres humanos e gerador de produtos e idéias, somente nele pode amadurecer o fruto dessas sete etapas. Não conheço melhor termo para isso que integridade do ego. (Erikson, 1976, p.247)

Nesta idade, o conflito nuclear centra-se na Integridade do ego versus a Desesperança; nela o indivíduo pode sentir-se satisfeito com o que realizou e com o que a vida ainda lhe oferece, ou perde a esperança de conseguir controle quando sente que é muito tarde para iniciar uma outra vida, com diferentes objetivos e metas. Neste caso, é dominado pelo temor da morte, concretizando a desesperança de uma vida marcada pela preponderância de isolamento e estagnação. Torna-se assim, a velhice, a idade do desespero. Erikson (1976, p. 247), a respeito, afirma que

A falta ou a perda dessa integração acumulada do ego é simbolizada no temor da morte: o uno e único ciclo de vida não aceito como o limite extremo da vida. A desesperança exprime o sentimento de que o tempo já é curto, demasiado curto para a tentativa de começar outra vida e para experimentar rotas alternativas para a integridade.

Pode-se concluir que, se as duas primeiras décadas da vida preparam para a maturidade, o amadurecimento prepara a vivência da velhice. Ao crescer e amadurecer, o organismo e a personalidade funcionam em níveis cada vez mais avançados de maturidade. Se a solução dos conflitos psicossociais nos períodos iniciais da vida foram marcados por ganhos em confiança, autonomia, iniciativa e produtividade, a criança ganhará muito em força do ego, estando preparada para vivenciar os conflitos inerentes à idade da adolescência, que por sua vez preparará o indivíduo para a vivência das etapas da vida adulta, resultando em uma velhice plena de significação.

Em síntese, a tarefa de escolher uma profissão relaciona-se às metas do desenvolvimento humano e refere-se a determinados tipos de ações, que se estabelecem no contexto dos papéis socialmente instituídos, a partir da ação dos indivíduos, dos grupos e das instituições sociais. Portanto, eleger um curso e passar no vestibular significa vivenciar novas experiências, o que requer tanto condições objetivas quanto subjetivas, uma vez que o desenvolvimento humano implica uma seqüência de níveis qualitativos de organização, pelos quais os indivíduos têm de passar ao longo de sua trajetória evolutiva.

3. O ADULTO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL

Como visto, a formação do psicólogo tem sido objeto de muitas discussões e estudos visando a sua compreensão e aprimoramento, tanto do ponto de vista do conteúdo, do currículo e do campo de atuação quanto da própria pessoa do futuro profissional.

Refletir sobre a “pessoa” do futuro profissional nos remete a um momento específico do desenvolvimento, descrito por Erikson (1976, 1987) como a idade do adulto jovem, que estabelece o conflito nuclear Intimidade versus Isolamento. Marca o início da idade adulta, aproximadamente dos 19 aos 25 anos, e centra-se em torno da necessidade de intimidade – de fundir a própria identidade com a de outra pessoa.

Assinala, sobretudo, a entrada no mundo formal do trabalho e/ou a preparação para este.

A preparação para o mundo do trabalho, em uma parcela da sociedade, desenvolve-se através do estudo universitário, que irá habilitar o indivíduo a atuar na profissão que escolheu durante a adolescência. Espera-se que, decorrido o tempo necessário para a formação, normalmente 4 ou 5 anos, o indivíduo tenha organizado uma identidade profissional e esteja capacitado a agir na sociedade através do desempenho de uma profissão.

A partir da escolha profissional, ou concomitantemente a esta, ele deverá, pois, preparar-se para o vestibular – processo de seleção que lhe garantirá uma vaga na universidade, e “trabalhar” a sua formação durante os anos requeridos ou necessários para que a mesma se complete.

A escolha de um curso, a aprovação no vestibular, o ingresso na universidade, a permanência nela durante um tempo significativo, constituem uma experiência social única e distinta, que propõe ao jovem adulto expectativas, tarefas e desafios novos. Para muitos estudantes, este período do desenvolvimento representa a última oportunidade para experimentarem mudanças significativas, antes de serem solicitados a assumir maiores responsabilidades na vida social, familiar e profissional.

Assim, ao invés da dependência que caracteriza a infância, ou da luta pela independência que caracteriza a adolescência, o jovem adulto, cujo processo evolutivo acontece de modo normal, luta para alcançar uma posição equilibrada que se pode chamar de autonomia ou independência, sendo esta um dos seus alvos específicos.

Sob a ótica da teoria de Erikson (1987), é nessa faixa etária que o indivíduo começa a assumir as funções que a sociedade espera do ser adulto. É, portanto, uma fase evolutiva caracterizada por uma série de mudanças significativas, bem como por uma série de importantes ajustamentos na vida do ser humano, que apresenta problemas característicos. Alguns desses problemas se relacionam com a profissão, com o matrimônio e com a paternidade, sendo estes de profunda influência na vida do indivíduo. Estas dificuldades acabam por produzir considerável tensão emocional, e seus efeitos podem apresentar conseqüências importantes para a vida. Daí a enorme relevância do processo de ajustamento pessoal nesta fase da vida humana.

Como resultado desse ajustamento, ocorrem mudanças consideráveis no campo dos interesses da pessoa. Um dos aspectos mais importantes é o fato de o indivíduo ter que aprender a ser independente e responsável. Pela primeira vez ele é inteiramente responsável por suas decisões. Isso significa também que experimenta, quase sempre, um senso de insegurança, por lhe faltar o apoio, que até então estava habituado a receber dos pais

e da família em geral. Possui agora uma liberdade que também gera insegurança, podendo se manifestar nas conquistas e nos desafios que a nova forma de interação com o meio propõe.

Desta forma, em termos ideais, a 6ª idade do homem, segundo Gallatin (1978, p.205), “*com sua ênfase no amor e na produtividade, é caracterizada pela ampliação dos horizontes sociais*”. A integração numa comunidade mais ampla e variada, como é o caso da universidade, obriga o jovem adulto, em muitos casos, a abandonar o lar paterno, morar em comunidades de jovens, exercitando a liberdade e assumindo a responsabilidade por esta nova forma de relação consigo e com o outro.

Para Erikson (1976, 1987), a necessidade básica desta idade, o seu pré-requisito fundamental, é o firme sentido de identidade pessoal, envolvendo a área sexual, a profissional e a ideológica, outorgando ao jovem conhecimento pessoal e o sentimento de unicidade, reconhecendo-se o mesmo em diferentes momentos de sua vida e vislumbrando um futuro próprio.

Assim como o sentimento de identidade pessoal é organizado durante a adolescência, o jovem adulto tem como uma das suas metas a organização do sentido da identidade profissional, cuja vivência plena ocorre durante os anos compreendidos pela meia- idade.

O senso de identidade profissional estará fortemente presente na 7ª idade do homem, com sua ênfase na generatividade, tendo o cuidado de guiar e orientar a nova geração, apresentando como seu sinal mais visível a criação de uma família e a atuação no mundo do trabalho.

Os adultos, neste caso, asseguram o desenvolvimento, a orientação e a manutenção dos indivíduos que se encontram em estágios em que a dependência é maior. A

convicção pessoal da importância deste papel apóia-se na consistência adquirida entre as ações e os objetivos traçados, normalmente, em fases anteriores do desenvolvimento.

Toda a riqueza interna acumulada nos anos vividos revelam-se importantes para a conquista da maturidade, conferindo um maior senso de liberdade para decidir, aceitar opiniões e criar. As ilusões das outras etapas da vida perdem sua força, ocorrendo confrontos menos idealizados com a realidade.

A pessoa que, nesta idade, superou as críticas por não corresponder totalmente às expectativas dos outros, vive este momento segundo as suas percepções e aspirações, conferindo autenticidade ao seu viver.

Cuidar dos filhos, viver plenamente a opção profissional, enfrentar o início do envelhecimento, dotam o homem da idéia da transitoriedade da vida e permitem que intensifique o desejo de perpetuação, que se organiza na nova geração: criada, mantida e orientada pelo homem.

Assim, a conquista da identidade, conceito de Erikson, é entendida por Bohoslavsky (1993), como a confiança na igualdade e na continuidade interiores, de tal forma que estas coincidam com a igualdade e a continuidade do significado que tem para os outros e para si mesmo.

Este conceito subsidia a compreensão do modelo de orientação vocacional descrito por Bohoslavsky (1993, p.66), que afirma ser este um conceito que permite integrar

... fatores internos e externos, para articular as expectativas dos outros a respeito dos indivíduos e sua coerência ou não com as expectativas, aspirações, ideal do ego, adequação do nível de aspirações às possibilidades, etc., que se relacionam com a continuidade anterior.

Segundo este autor, a identidade é produto de três fatores: grupos, processos de identificação e esquema corporal. Os grupos de referência são a família, núcleo primário da socialização, e os grupos de pares. Os processos de identificação ocorrem com todas as pessoas que são significativas no mundo do indivíduo, desde pai e mãe até um universo que se descortina muito maior à medida que se ganha autonomia e independência. Quando as identificações perdem seu caráter defensivo ou protetor original e resultam numa integração, o indivíduo alcançou a sua identidade ocupacional.

A identidade ocupacional, segundo Bohoslavsky (1993, p.55), “*é a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais*”. Desta forma, a ocupação refere-se ao conjunto de expectativas do papel que se desempenha.

Assim, a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do indivíduo, sendo parte deste sistema mais amplo. Esta identidade vincula-se ao “fazer”, entendendo-se aqui objetos, ferramentas, estratégias e técnicas que efetivam os instrumentos necessários para o seu trabalho.

Dessa forma, o indivíduo poderá contrapor os ideais com as possibilidades reais do exercício profissional, reconhecendo-o como gratificante, porém não sendo imune às dificuldades e frustrações.

Segundo este autor, para um bom desempenho profissional é necessário que se tenha segurança e tranquilidade com relação à própria identidade, sendo que “*A segurança quanto à auto-identidade do psicólogo manifesta-se, simultaneamente, num alto grau de ‘coerência interna’ e num alto grau de ‘ambigüidade’ externa (disponibilidade)*”. (Bohoslavsky, 1993, p.193)

Além de permitir um auto-reconhecimento, manter a coerência interna auxilia na prevenção de desorganizações, e a disponibilidade, que se lida com o que é depositado no profissional, possibilitando que cada um vivencie a sua forma de ser psicólogo.

Portanto, a identidade assegura certa estabilidade, que permite escolher uma profissão e identificar-se com ela. A construção da própria história profissional inclui, então, os processos identificatórios da infância com as marcas deixadas, os profissionais com quem se entrou em contato, os valores e os objetivos que foram sendo organizados à medida que progrediu o desenvolvimento, requisitos fundamentais para o exercício de uma profissão.

Ainda para Bohoslavsky (1993), no início de qualquer curso existem conflitos e fantasias em relação à universidade, à vida de estudante, à profissão, aos professores, ao exercício profissional; e o conflito que caracteriza o início desta vivência reaparece, com contornos semelhantes, quando do final do curso, na escolha de uma especialização.

Pode-se concluir, então, que o sentido de identidade profissional depende de uma autêntica identidade, de uma estratégia de trabalho definida, de uma tática organizada e do domínio de teorias e técnicas eficazes, além de um senso ético e de um senso de solidariedade. Embora a idade adulta considere a independência como um objetivo a ser alcançado, a aprovação do outro e da cultura também tem seu peso, uma vez que ser aceito, reconhecido e valorizado são desejos presentes tanto na preparação quanto no exercício profissional.

Delineadas as questões principais do tema em pauta, são apresentados, a seguir, os objetivos do presente estudo.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Investigar os motivos da escolha profissional e as expectativas de alunos ingressantes, intermediários e concluintes acerca do Curso de Psicologia, e da atividade profissional do psicólogo.

4.2 Objetivos Específicos

- Levantar os motivos que determinaram a opção pelo Curso de Psicologia.
- Identificar as expectativas iniciais sobre o Curso e verificar se estas se mantêm ao longo do Curso de Psicologia.
- Avaliar as expectativas iniciais sobre a atividade profissional do psicólogo e se estas continuam ao longo do Curso de Psicologia.
- Analisar os dados provenientes do grupo de alunos ingressantes, intermediários e concluintes do Curso, visando ter um quadro geral sobre motivos e expectativas, tanto da escolha quanto da realização do Curso e de sua futura atividade profissional.

5. METODOLOGIA

No presente tópico são delineados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

A proposta metodológica permitiu viabilizar um trabalho comparativo entre os alunos do 1º, do 3º e do 5º ano do Curso de Psicologia.

A coleta de dados foi desenvolvida através de um questionário, com perguntas abertas e fechadas e submetido à análise quantitativa de acordo com o software Statistic For Windows 5.0 e qualitativa mediante os pressupostos de Erik Erikson.

A opção por esta metodologia teve por base a natureza dos objetivos propostos para esta pesquisa.

5.1 Caracterização e Formas de Seleção dos Sujeitos

A amostra foi composta de 130 estudantes de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, sendo 43 alunos do 1º ano, 43 alunos do 3º ano e 44 alunos do 5º ano, que concordaram em participar como informantes da presente investigação. Deste total, 119 pertencem ao sexo feminino e 11 ao sexo masculino, pertencendo à faixa etária de 18 anos a 52 anos.

A opção por coletar dados com os alunos do 1º ano deveu-se ao fato de estes representarem o início do Curso, pós escolha e aprovação no vestibular. Os alunos do 3º ano são considerados alunos intermediários, uma vez que este tem a duração de 5 anos, evidenciando um envolvimento maior com conteúdos da Psicologia, o que proporciona um embasamento da sua especificidade enquanto ciência. Os alunos do 5º ano foram escolhidos para compor a amostra por representarem o final do Curso, momento no qual incertezas com relação ao futuro se fazem mais intensas.

5.2 Local de Realização

A coleta de dados foi realizada nos seguintes locais da Universidade Estadual de Maringá (PR): no Laboratório de Psicologia Experimental, localizado no Bloco 5 – com os alunos do 1º ano; nas salas de aula do Bloco 27 – com os alunos do 3º ano e na Unidade de Psicologia Aplicada – com os alunos do 5º ano.

5.3 Procedimento de Coleta e de Análise dos Dados

Com o intuito de atender aos objetivos propostos foi elaborado um questionário (Anexo 1) contendo, na primeira parte, dados de identificação: série, idade, sexo, estado civil; profissão, renda, escolaridade dos pais e número de irmãos; e, na segunda parte, 13 questões, sendo 11 abertas e 2 fechadas, contemplando os motivos da escolha, as

expectativas iniciais e atuais, a visão inicial e a atual da Psicologia e as expectativas em relação ao futuro profissional, distribuídas como segue:

Motivos da escolha – questões 1 e 2

Expectativa inicial com relação ao Curso de Psicologia – questão 3

Expectativa atual com relação ao Curso de Psicologia – questão 7

Correlação das expectativas – questões 5, 6, 8, 9 e 10

Visão inicial da Psicologia – questão 4

Visão atual da Psicologia – questão 11

Expectativa com relação ao futuro – questões 12 e 13.

A aplicação do questionário foi coletiva, realizada com os alunos que se encontravam no local (Laboratório de Psicologia Experimental, Salas de aula e Unidade de Psicologia Aplicada) e precedida da seguinte instrução:

“Este questionário visa obter dados sobre os motivos que os levaram a escolher o Curso de Psicologia, bem como sobre as suas expectativas em relação ao Curso e ao futuro profissional. Respondam da forma que melhor expresse a sua opinião”.

Os estudantes tiveram tempo livre para responder ao questionário, demorando em média 30 minutos.

Inicialmente, os dados obtidos com a aplicação do questionário aos 130 estudantes foram sistematizados em forma de protocolo de respostas e categorizados. Em seguida, os protocolos de respostas do 1º, 3º e 5º ano foram encaminhados aos juízes, que atuaram na categorização das respostas presentes no material, com a instrução:

“Seguem aqui dados obtidos com a aplicação de um questionário em alunos de 1º, 3º e 5º ano do Curso de Psicologia, acerca dos motivos da escolha e de percepções sobre o Curso, e sobre o futuro profissional. De acordo com cada pergunta, seguem os tipos de respostas dadas pelos alunos. Gostaria que você as categorizasse de acordo com o que achar conveniente”.

Esses juízes eram do sexo feminino, psicólogas e professoras universitárias. Uma delas estava informada a respeito da pesquisa e a outra não, sendo, portanto, considerada neutra com relação à proposta subjacente à pesquisa.

Ao serem entregues as categorizações elaboradas pelos juízes, observou-se que uma delas formulou 76 categorias, mais específicas, e a outra 66 categorias, mais amplas. De posse desses dados, a autora da pesquisa procedeu à fusão e à reformulação dessas categorias, mediante critérios lógicos. Resultaram 73 categorias de respostas, distribuídas conforme o Anexo 2.

A fim de se proceder à análise desses dados foram organizados 4 núcleos temáticos, discriminados em: 1- motivos de escolha (Questões 1 e 2); 2- expectativas em relação ao Curso e seus aspectos determinantes (Questões 3, 7, 5, 6, 8, 9, 10); 3- visão inicial e atual da Psicologia (Questões 4 e 11); e 4- perspectivas em relação à profissão (Questões 12 e 13).

Os dados foram tratados quantitativamente, através da estatística descritiva, apresentando Tabelas, Gráficos, e do Teste Qui-quadrado de Pearson. Este tratamento dos dados foi eleito por possibilitar a análise de um número amplo de variáveis. Foram analisados qualitativamente tendo como eixo central a teoria proposta por Erik H. Erikson.

6. RESULTADOS

Neste tópico são expostos os resultados da pesquisa, partindo dos dados obtidos com a aplicação do questionário aos 130 alunos do Curso de Psicologia da UEM, sendo que destes 43 cursam o 1º ano, 43 cursam o 3º ano e 44 cursam o 5º ano.

Os resultados são descritos e analisados de duas formas: 1) Caracterização da população pesquisada (Parte A do questionário); e 2) Dados obtidos nas questões contidas no questionário (Parte B), de acordo com os núcleos temáticos pré–estabelecidos.

6.1 Caracterização da População

1. Idade

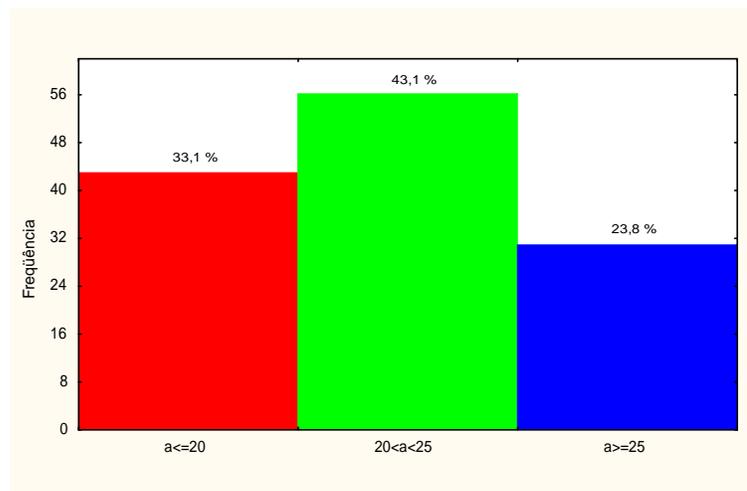


Gráfico 1: Faixa etária

O Gráfico 1 aponta que 43,1% dos 130 alunos pesquisados encontram-se na faixa etária compreendida entre 20 e 25 anos; enquanto 33,1% têm idade igual ou inferior a 20 anos, e 23,8% têm idade igual ou superior a 25 anos.

Tabela 1: Idade

Idade	Frequência			Total
	1ª Série	3ª Série	5ª Série	
18	11	0	0	11
19	9	1	0	10
20	11	11	0	22
21	5	6	1	12
22	1	9	7	17
23	0	6	11	17
24	1	1	8	10
25	1	4	6	11
26	0	0	2	2
27	1	1	2	4
28	0	0	1	1
29	1	0	0	1
30	0	0	1	1
32	0	0	1	1
33	1	0	0	1
34	0	1	2	3
35	0	1	0	1
36	0	1	1	2
39	0	0	1	1
46	1	0	0	1
52	0	1	0	1
Total	43	43	44	130

A Tabela 1 registra as faixas etárias de cada uma das séries. Nota-se que dos 43 alunos da 1ª série, 11 têm 18 anos, 28 têm entre 19 e 25 anos, 4 têm de 26 a 46 anos. Dos alunos da 3ª série, 38 têm idade de 19 a 25 anos, e 5 de 26 a 52 anos. Já entre os alunos da 5ª série, 33 têm idade de 21 a 25 anos, e 11 de 26 a 39 anos.

2. Sexo

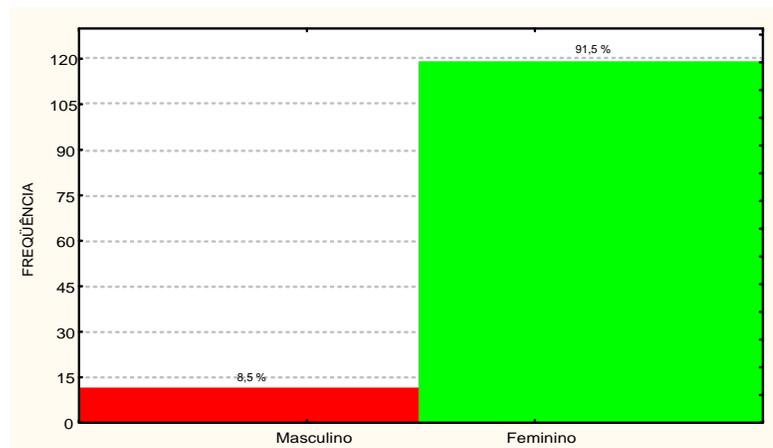


Gráfico 2: Sexo

Observa-se no Gráfico 2 que 91,5% dos 130 alunos pesquisados pertencem ao sexo feminino, enquanto 8,5% ao sexo masculino.

3. Estado Civil

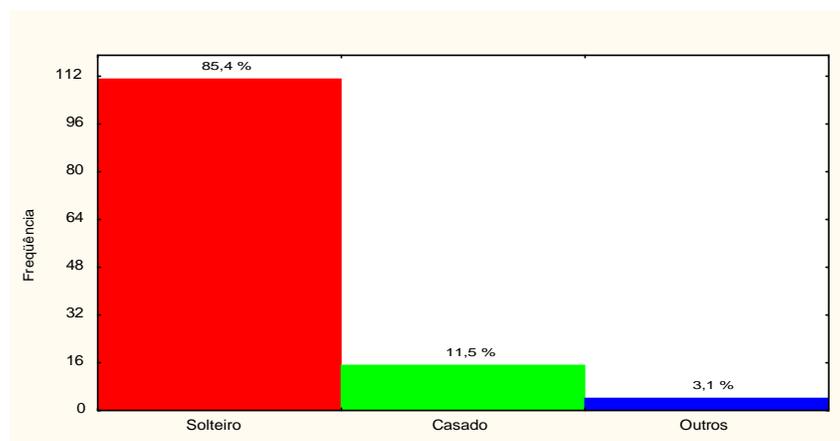


Gráfico 3: Estado civil

Conforme se observa no Gráfico 2, 85,4% dos alunos são solteiros e 11,5% são casados. A categoria Outros inclui 3 alunos divorciados e 1 separado.

4. Profissão do Pai

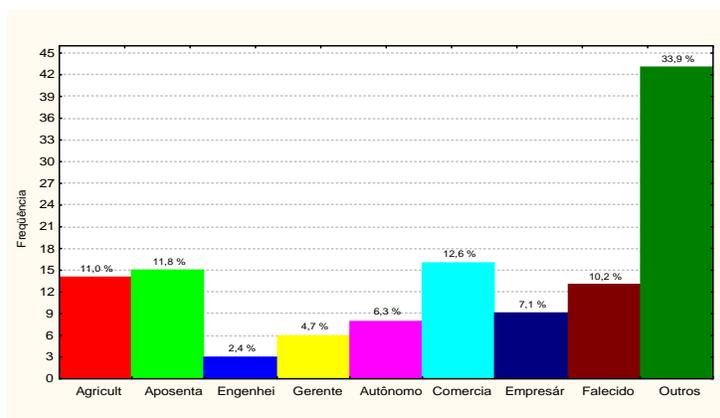


Gráfico 4: Profissão do pai

De acordo com o Gráfico 4, as profissões exercidas pelos pais dos alunos são muito diferenciadas, apresentando maior número a de comerciante, 12,6%, seguida pela de aposentados, que corresponde a 11,8%. Entre as Outras profissões se incluem: técnico (refrigeração, laboratório, eletricidade, eletrônica, topografia), advogado, motorista, militar, funcionário público, marceneiro, administrador, corretor, bancário, representante comercial, operário, jornalista esportivo, pintor, zelador, economista, confeccionista, vendedor, operador de máquinas, professor, procurador geral da república e pedreiro.

5. Profissão da Mãe

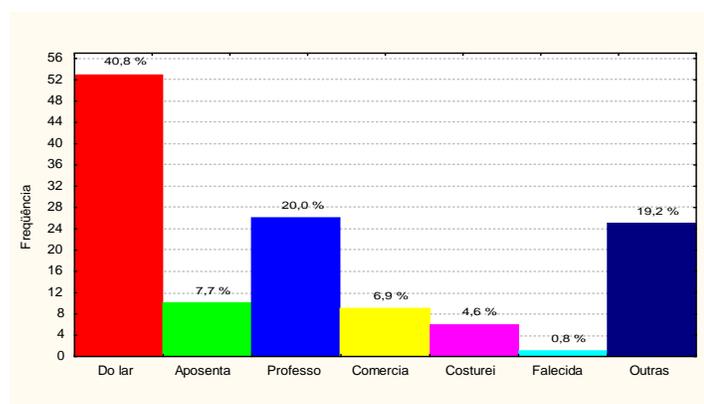


Gráfico 5: Profissão da mãe

Entre as diferentes profissões exercidas pelas mães dos sujeitos, 40,8% são do lar e 20,0% são professoras, conforme se observa no Gráfico 5. A categoria Outras profissões inclui: empresária, cabeleireira, gerente de hotel, cozinheira, padreira, telefonista, administradora, operária, agricultora, vendedora, funcionária pública, pedagoga e operadora de máquinas.

6. Escolaridade do pai

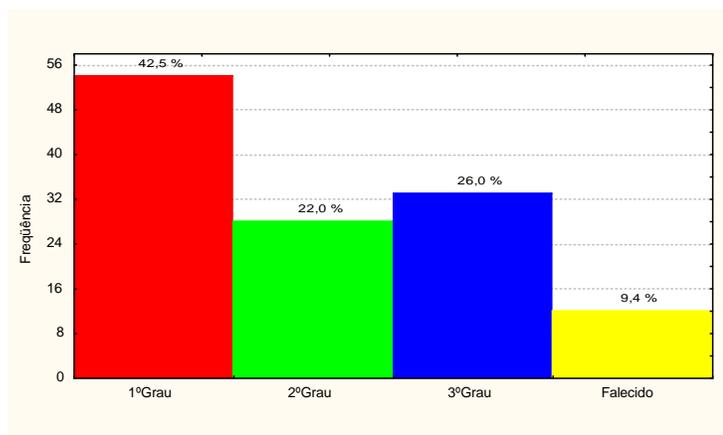


Gráfico 6: Escolaridade do pai

Com relação à escolaridade dos pais dos sujeitos, conforme se apresenta no Gráfico 6, a maioria, 42,5%, possui o 1º grau, 26,0% estudaram até o 3º grau e 22,0% estudaram até o 2º grau.

7. Escolaridade da mãe

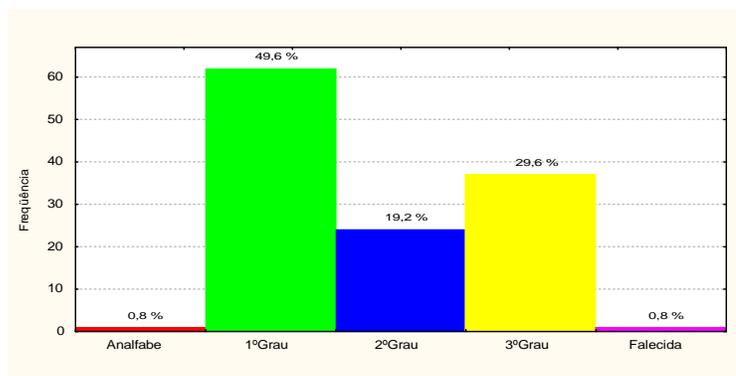


Gráfico 7: Escolaridade da mãe

Com relação à escolaridade da mãe (Gráfico 7), verifica-se que 49,6% possuem o 1º grau, 29,6% o 3º grau e 19,2% o 2º grau.

8. Renda do pai

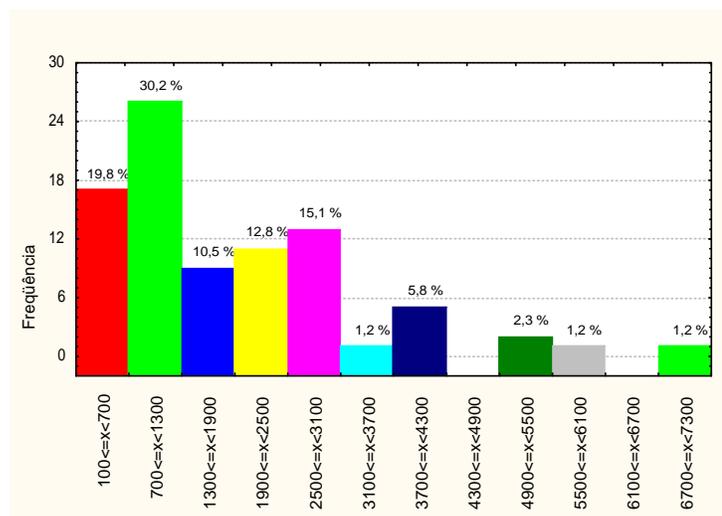


Gráfico 8: Renda do pai

No Gráfico 8 pode-se observar que a renda dos pais dos sujeitos varia de menos 1.000 a 7.300 reais mensais, sendo que a maioria, 30,2%, ganha de 700 a 1.300 reais mensais.

9. Renda da mãe

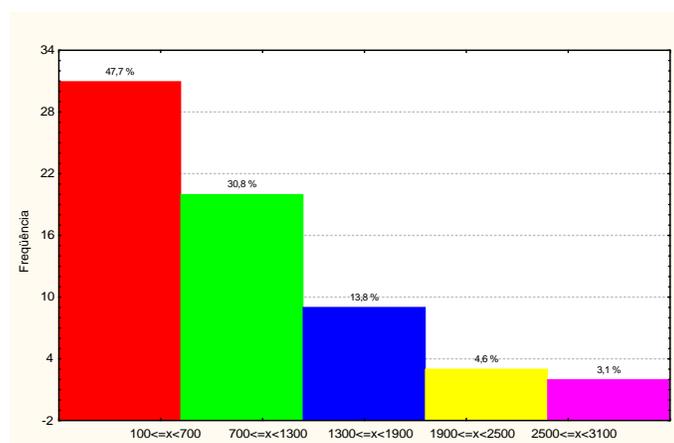


Gráfico 9: Renda da mãe

O Gráfico 9 indica que os ganhos maternos variam entre menos de 700 a 3.100 reais mensais, sendo que 47,7% das mães ganham de 100 a 700 reais, e 3,1% ganham de 2.500 a 3.100 reais mensais.

10. Número de irmãos

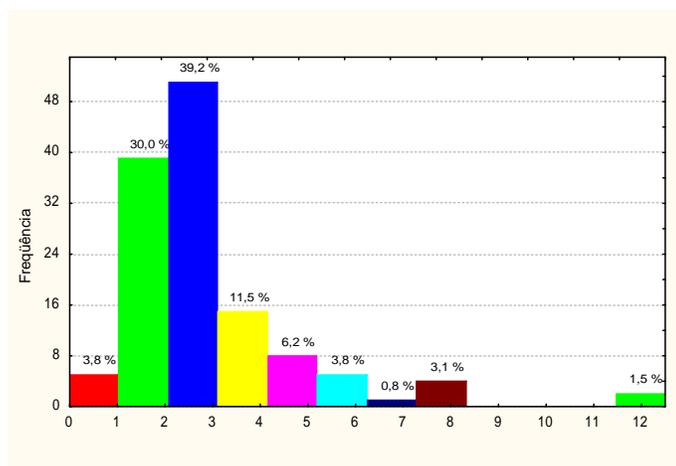


Gráfico 10: Número de irmãos

As famílias dos sujeitos são compostas por um número de filhos que varia de 1 a 12, segundo se observa no Gráfico 10. Destas, 39,2% possuem 3 filhos; 30,0% possuem 2 filhos e 1,5% possuem 12 filhos.

6.2 Apresentação dos Dados Obtidos nas Questões

Conforme descrito anteriormente, os resultados serão apresentados em Tabelas e Gráficos, obedecendo aos quatro núcleos temáticos: 1- Motivos de escolha do Curso de Psicologia (questões 1 e 2); 2- Expectativas com relação ao Curso e seus aspectos

determinantes (questões 3, 7, 5, 6, 8, 9 e 10); 3- Visão inicial e visão atual sobre a Psicologia (questões 4 e 11); e 4- Perspectivas em relação à profissão (questões 12 e 13).

6.2.1 Motivos de Escolha do Curso de Psicologia

Tabela 2: Motivos de escolha

	Motivos	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A	Ajudar as pessoas	8	3	4	15	11,54%
B	Interesse pessoal	23	12	18	53	40,77%
C	Área do curso (Humanas)	1	5	4	10	7,69%
D	Não foi primeira opção	4	6	6	16	12,31%
E	Conhecer o ser humano	5	16	7	28	21,54%
F	Sem motivos especiais	2	1	5	8	6,15%
	Total	43	43	44	130	100,00%

A Tabela 2 apresenta os principais motivos apontados pelos sujeitos para a escolha do Curso de Psicologia, organizados em 6 categorias de respostas. O motivo mais freqüente foi *interesse pessoal*, citado por 53 dos 130 alunos pesquisados, representando 40,77% da população total. O segundo motivo mais citado foi *conhecer o ser humano*, representando 21,54% do total (28 sujeitos); o motivo *não foi a primeira opção mas gostar do Curso e ter passado no vestibular*, 12, 31%, foi citado por 16 sujeitos; *ajudar as pessoas* 11,54%, foi eleito por 15 sujeitos; 8 sujeitos relataram não terem tido motivos especiais para a escolha do Curso (6,15%).

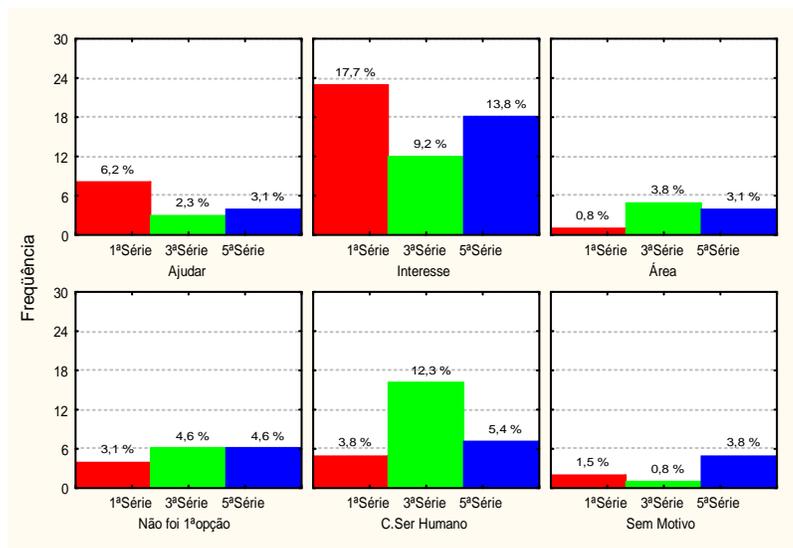


Gráfico 11: Motivos de escolha – Geral

O Gráfico 11 registra as respostas mais frequentes apresentadas pelos alunos de cada série pesquisada. O motivo *interesse pessoal* foi o preferido, tanto na 1ª série quanto na 5ª, representando, respectivamente, 17,7% e 13,8% do geral. Os alunos da 3ª série apontaram o motivo *conhecer o ser humano* como o mais frequente, representando 12,3% do total.

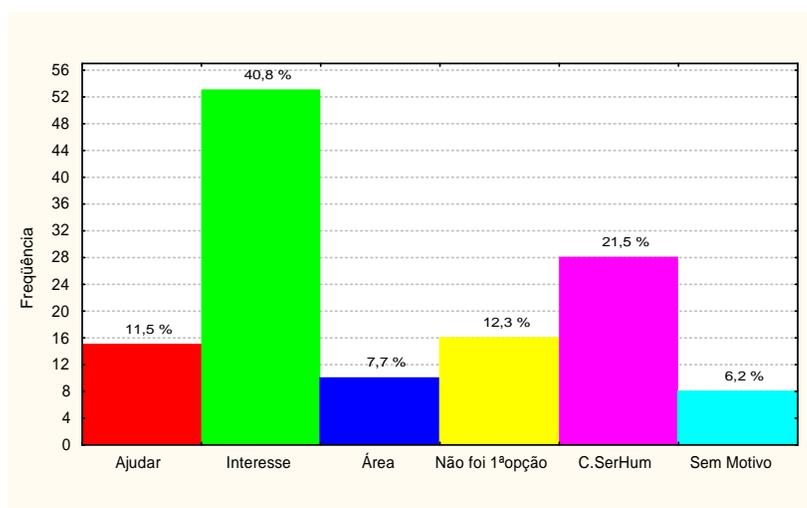


Gráfico 12: Motivos de escolha – Total

O Gráfico 12 registra os motivos de escolha do Curso de Psicologia, apresentados pelos 130 alunos pesquisados. O motivo *interesse pessoal* foi o mais citado, verificando-se que 40,8% dos alunos apresentaram esta resposta. 21,5% responderam que o motivo que os levou a escolher este Curso foi o desejo de *conhecer o ser humano*. Mesmo o Curso de Psicologia não sendo a primeira opção de 12,3% dos sujeitos, gostar do Curso e ter passado no vestibular foram os motivos apontados para cursá-lo. 11,5% apresentaram a resposta *ajudar as pessoas* como motivo para a escolha do Curso de Psicologia, enquanto 7,7% o escolheram em função de ser da área de Humanas e 6,2% declararam não possuírem motivos especiais para a escolha.

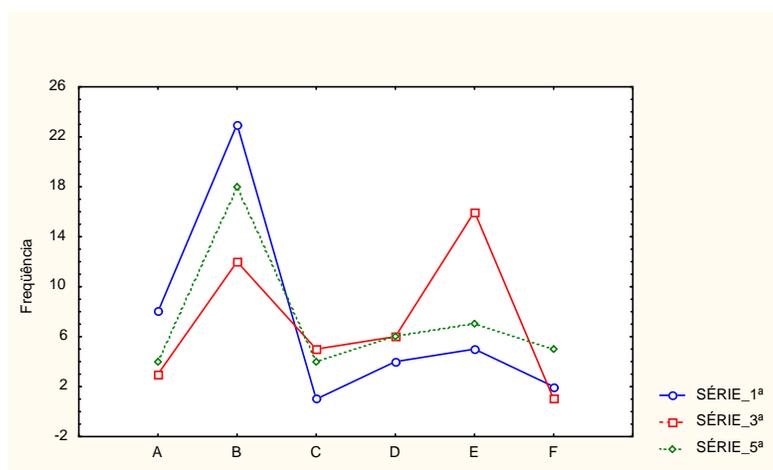


Gráfico 13: Motivos de escolha – Linhas

De acordo com o que se observa no Gráfico 13, existe uma tendência de dependência entre a série cursada e os motivos de escolha relacionados pelos alunos, o que se verifica na Tabela 3.

Tabela 3: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q01 X Série	20,01	10	0,03	Rejeita-se H ₀ , concluindo-se, com risco de 5%, que há dependência entre a resposta e a série.

O Teste do Qui-quadrado de Pearson, conforme a Tabela 3, conclui pela rejeição da hipótese nula, indicando que existe dependência entre os motivos apontados e a série que os alunos cursam.

Tabela 4: Fatores que contribuíram para a tomada de decisão

Fatores	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Decisão pessoal	14	8	15	37	28,46%
B Certo conhecimento da área	5	8	4	17	13,08%
C Contato com profissionais	5	8	10	23	17,69%
D Família, amigos, parentes	13	15	13	41	31,54%
E Terapia	4	4	1	9	6,92%
F Baixa concorrência no vestibular	2	0	1	3	2,31%
Total	43	43	44	130	100,00%

A Tabela 4 apresenta 6 categorias de respostas à questão: *Quem, ou o quê, contribuiu para esta tomada de decisão?* Dos 130 alunos pesquisados, 41 (31,54%) responderam que *família, amigos e parentes* contribuíram para a escolha; 37 (28,46%) declararam que foi uma *decisão pessoal*; 23 (17,69%) atribuíram ao *contato com profissionais e professores*; 17 (13,08%) responderam que o que contribuiu foi o *conhecimento que possuíam da área e do Curso*; 9 (6,92%) afirmaram que foi o fato de terem se submetido a *terapia* pessoal e/ou familiar e 3 (2,31%) declararam que o que contribuiu foi a *baixa concorrência no vestibular*.

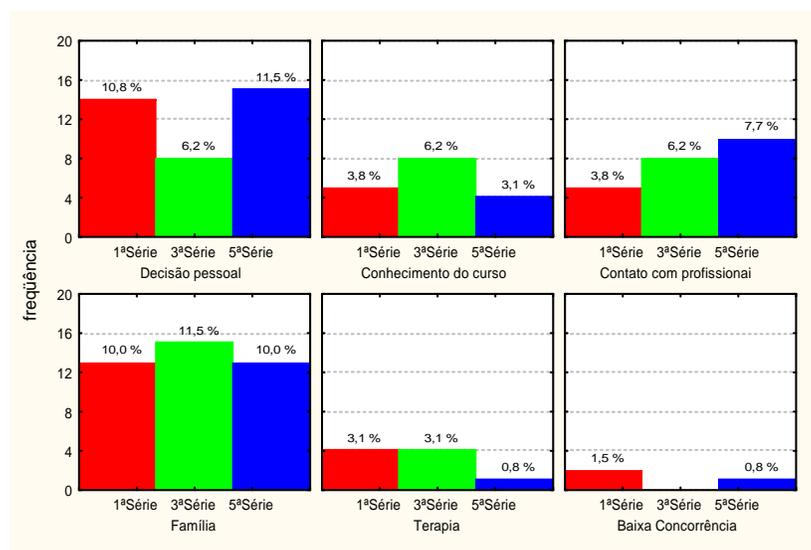


Gráfico 14: Quem, ou o quê contribuiu – Geral

O Gráfico 14 registra a frequência de cada uma das respostas por série. Pode-se observar que 10,0% dos alunos da 1ª série, 11,5% dos alunos da 3ª série e 10,0% dos alunos da 5ª série disseram que o que contribuiu para a escolha foi *família, amigos e parentes*. Já a resposta *decisão pessoal* foi apresentada por 10,8% dos alunos do 1º ano, 6,2% dos alunos do 3º ano e 11,5% dos alunos do 5º ano. *Contato com profissionais e professores* foi a resposta citada por 3,8% dos alunos da 1ª série, 6,2% dos alunos da 3ª série e 7,7% dos alunos da 5ª série. O *conhecimento da área e do Curso*, que já possuíam, foi relatado como contribuição por 3,8% dos alunos da 1ª série, 6,2% dos alunos da 3ª série e 3,1% dos alunos da 5ª série. Ter feito *terapia* foi a resposta de 3,1% dos alunos da 1ª série, 3,1% dos alunos da 3ª série e 0,8% dos alunos da 5ª série. A *baixa concorrência no vestibular* foi a resposta de 1,5 % dos alunos da 1ª série, e 0,8% dos alunos da 5ª série, sendo que nenhum aluno da 3ª série apresentou esta resposta.

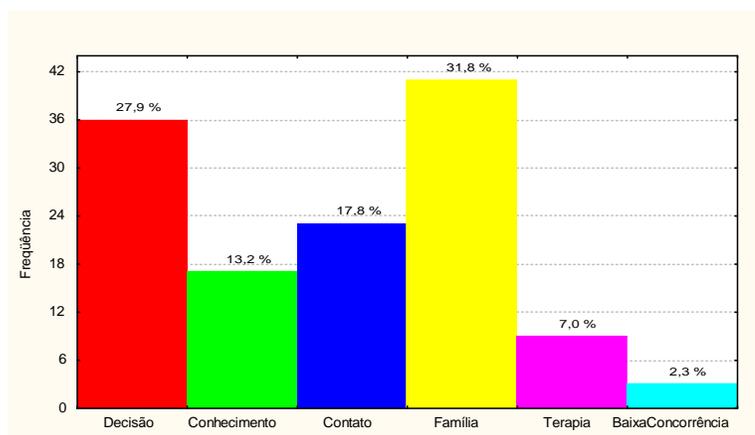


Gráfico 15: Quem, ou o quê contribuiu – Total

O Gráfico 15 apresenta as 6 categorias de respostas dos 130 alunos pesquisados. Pode-se verificar que 31,8% dos alunos responderam que *família, amigos e parentes* contribuíram para a escolha do Curso de Psicologia. 27,9% afirmaram que foi uma *decisão pessoal*; 17,8% atribuíram ao *contato com profissionais e professores*; 13,2% responderam que *conhecimento da área e do Curso* foi o que contribuiu para a escolha; 7,0% apontaram a *terapia* como contribuição; e 2,3% relataram que a *baixa concorrência no vestibular* foi o que contribuiu para a escolha deste Curso.

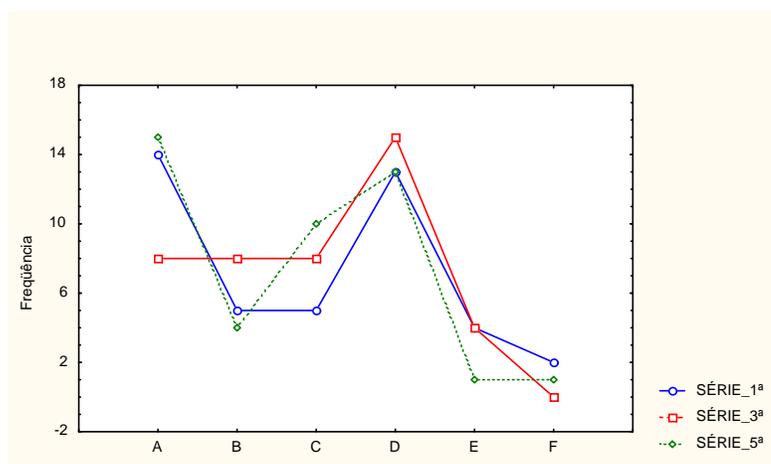


Gráfico 16: Quem, ou o quê contribuiu – Linhas

O Gráfico 16 registra a frequência das respostas por série e indica que não há tendência de dependência entre elas, conforme também registra a Tabela 5.

Tabela 5: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	p	Conclusão
Q02 X Série	9,69	10	0,47	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

O Teste Estatístico, de acordo com a Tabela 5, aceita H_0 , e conclui que há independência entre o quê ou quem contribuiu para a escolha e a série em que os alunos se encontram.

6.2.2 Expectativas com Relação ao Curso e seus Aspectos Determinantes

As Tabelas abaixo referem-se à expectativa inicial e atual dos alunos em relação ao Curso.

Na seqüência são apresentados os Gráficos 17, 18, 19 e Tabela 8, bem como, os Gráficos 20, 21, 22 e Tabela 9, referenciados respectivamente à expectativa inicial (Tabela 6) e atual (Tabela 7).

Tabela 6: Expectativa inicial em relação ao Curso

O que esperava	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Sem expectativas	5	8	7	20	15,38%
B Matérias específicas de Psicologia	5	4	1	10	7,69%
C Assuntos e opiniões diversos	11	9	6	26	20,00%
D Ajudar as pessoas	4	3	5	12	9,23%
E Realização pessoal	9	4	15	28	21,54%
F Entender as pessoas	6	13	10	29	22,31%
G Professores mais qualificados	2	2	0	4	3,08%
H Não sei	1	0	0	1	0,77%
Total	43	43	44	130	1,00%

A Tabela 6 registra as expectativas iniciais dos alunos, apresentadas à questão: *O que você esperava do Curso de Psicologia quando prestou o vestibular?*, que foram organizadas em 8 categorias de respostas. A expectativa inicial de 29 alunos (22,31%) era a de *entender as pessoas, conhecer o homem*; 28 alunos (21,54%) tinham como expectativa a *realização pessoal*; 26 alunos (20,00%) esperavam *que o Curso abordasse assuntos diversos com opiniões diversas*; 20 alunos (15,38%) afirmaram que não tinham expectativas em relação ao Curso quando prestaram o vestibular; 12 alunos (9,23%) queriam poder *ajudar as pessoas* através do Curso; 10 alunos (7,69%) esperavam *matérias específicas de Psicologia, já no 1º ano*; 4 alunos (3,08%) esperavam *professores mais qualificados*; e 1 aluno (0,77%) declarou não saber o que esperava do Curso.

Tabela 7: Expectativa atual em relação ao Curso

Expectativas	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Aplicação prática da teoria	3	9	4	16	12,31%
B Base para ser bom profissional	26	23	30	79	60,77%
C Qualidade do conhecimento recebido	4	4	6	14	10,77%
D Autoconhecimento e compreensão do ser humano	4	5	0	9	6,92%
E Não sei	6	2	4	12	9,23%
Total	43	43	44	130	100,00%

Observa-se, na Tabela 7, que a expectativa atual de 79 alunos (60,77%), dos 130 pesquisados, apresentadas à questão: *Quais são as expectativas atuais que você tem em relação ao Curso?* é a de que o Curso forneça base para ser bom profissional; dos quais, 26 são do 1º ano, 23 do 3º e 30 do 5º ano. A *aplicação prática dos conteúdos teóricos* é a expectativa de 16 alunos (12,31%); sendo três do 1º ano, nove do 3º e quatro do 5º ano. A *preocupação com a qualidade do conhecimento recebido* foi a resposta apresentada por 14 (10,77%) alunos, 4 do 1º, 4 do 3º e 6 do 5º ano do Curso de Psicologia. 12 alunos (9,23%) responderam não saber quais são as suas expectativas em relação ao Curso; destes, 6 são do 1º, 2 do 3º e 4 do 5º ano. *Autoconhecimento e compreensão do ser humano* é a expectativa de 9 alunos (6,92%), dos quais 4 cursam a 1ª série e 5 cursam a 3ª série.

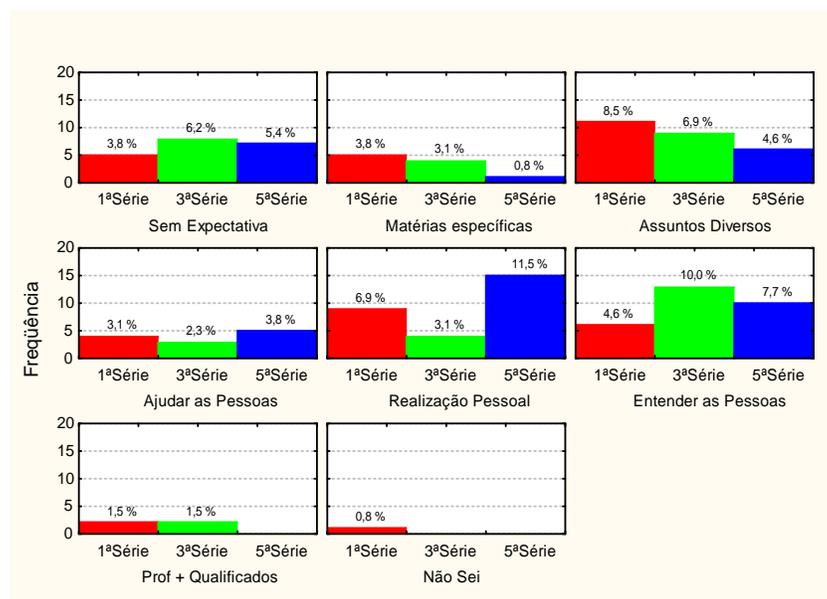


Gráfico 17: Expectativa inicial – Geral

O Gráfico 17 registra as respostas mais frequentes apresentadas pelos alunos de cada série pesquisada. A expectativa inicial com relação ao Curso de Psicologia, para 4,8% dos alunos da 1ª série, 10,00% dos alunos da 3ª série e 7,7% dos alunos da 5ª série era a de *entender as pessoas, conhecer o homem*. A *realização pessoal* era a expectativa de 6,9% dos

alunos da 1ª série, 3,1% dos alunos da 3ª série e 11,5% dos alunos da 5ª série. *Estudar diferentes assuntos*, com a possibilidade de diferentes opiniões, era a expectativa, quando do concurso vestibular, de 8,5% dos alunos do 1º ano, 6,9% dos alunos do 3º ano e 4,6% dos alunos do 5º ano. 5 alunos (3,8%) da 1ª série, 8 alunos (6,2%) da 3ª série e 7 alunos (5,4%) da 5ª série responderam que não tinham expectativas em relação ao Curso.

Do total de 130 alunos, 12 responderam que a expectativa inicial era a de *ajudar as pessoas*; destes, 4 (3,1%) da 1ª série, 3 (2,3%) da 3ª série e 5 (3,8%) da 5ª série. *Matérias específicas de Psicologia, já no primeiro ano*, era a expectativa de 10 alunos, sendo 5 (3,8%) do 1º ano, 4 (3,1%) do 3º ano e 1 (0,8%) do 5º ano. *Professores mais qualificados* foi a resposta apresentada por 2 alunos (1,5%) do 1º ano e 2 (1,5%) do 3º ano. 1 aluno (0,8%) do 1º ano respondeu não saber o que esperava do Curso de Psicologia quando prestou o vestibular.

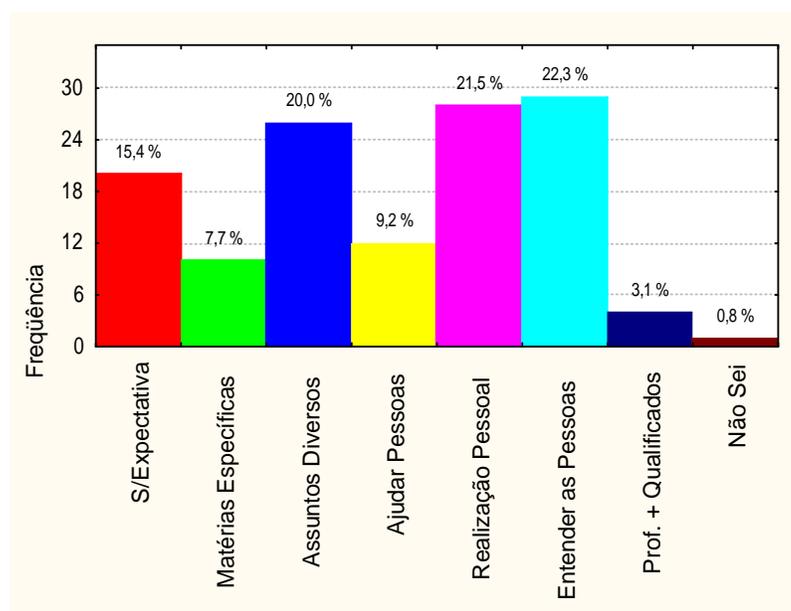


Gráfico 18: Expectativa inicial – Total

O Gráfico 18 registra a frequência das respostas do total da população pesquisada. Pode-se observar que a expectativa de *entender as pessoas, estudar o homem* foi a mais apresentada, compreendendo 22,3% das respostas dos alunos pesquisados, enquanto a expectativa de 21,5% dos alunos era a de *realização pessoal*.

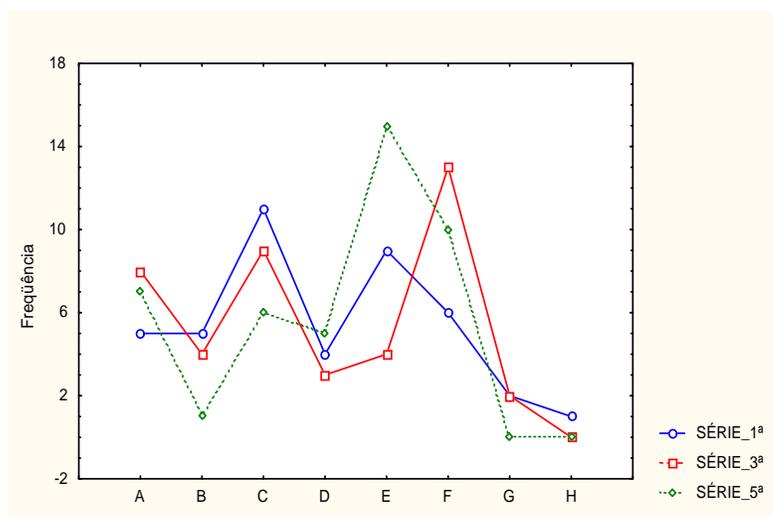


Gráfico 19: Expectativa inicial – Linhas

Conforme indica o Gráfico 19, não se observa tendência de dependência entre a expectativa inicial dos alunos e a série que cursam, o que pode ser confirmado na Tabela 8.

Tabela 8: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q03 X Série	18,26	14	0,19	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

A Tabela 8 apresenta o resultado do Teste Estatístico, que aceita H_0 , e conclui que há independência entre a resposta apresentada pelos alunos e a série cursada.

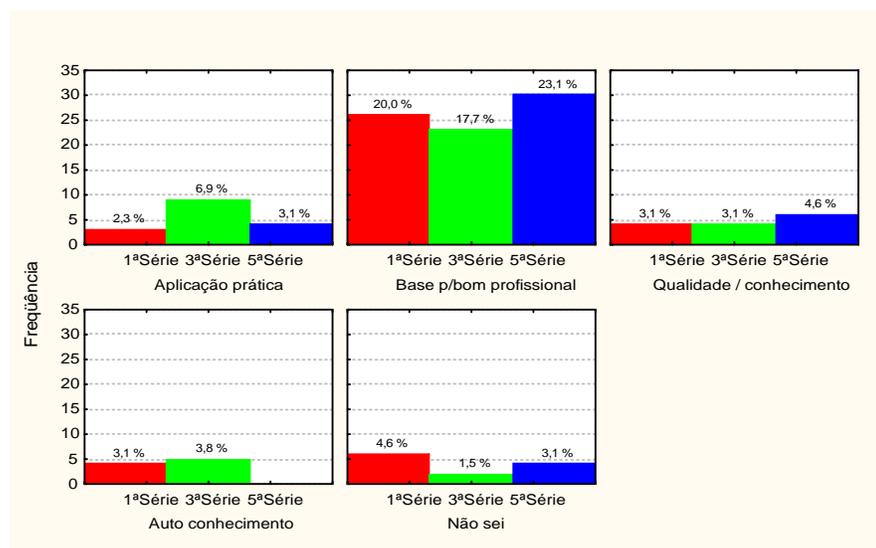


Gráfico 20: Expectativa atual – Geral

O Gráfico 20 aponta a expectativa atual dos alunos pesquisados, segundo a série cursada. Pode-se observar que, nas três séries, a maioria espera *que o Curso dê uma boa base para o exercício profissional*, sendo esta a expectativa de 23,1% dos alunos da 5ª série, 20,0% dos alunos da 1ª série e 17,7% dos alunos da 3ª série. A *aplicação prática dos conhecimentos* foi a resposta apresentada por 6,9% dos alunos da 3ª série. A preocupação com a *qualidade do conhecimento recebido* foi a resposta de 4,6% dos alunos da 5ª série. O *autoconhecimento* é a expectativa de 3,8% dos alunos da 3ª série; enquanto 4,6% dos alunos da 1ª série não sabem o que esperar do Curso.

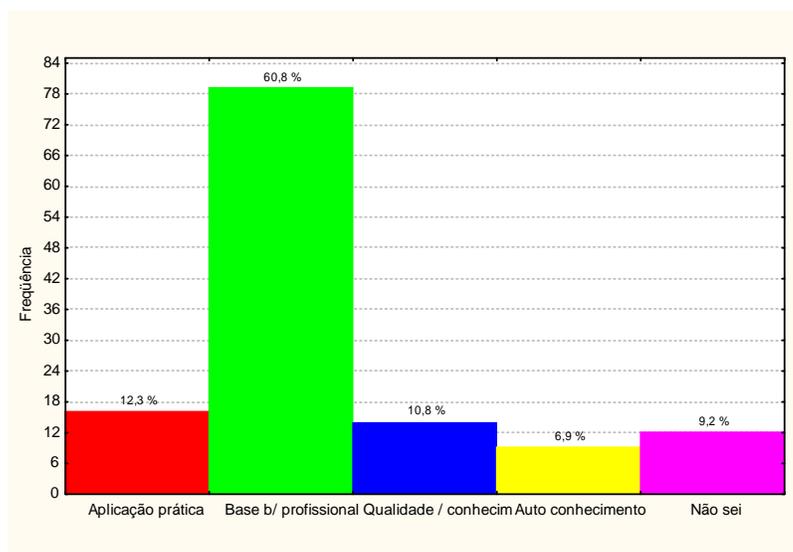


Gráfico 21: Expectativa atual – Total

Considerando-se a população total pesquisada, constata-se, através do Gráfico 21, que 60,8% dos sujeitos têm a expectativa de *que o Curso forneça uma boa base para o futuro exercício profissional*, enquanto 6,9% esperam que o Curso proporcione autoconhecimento.

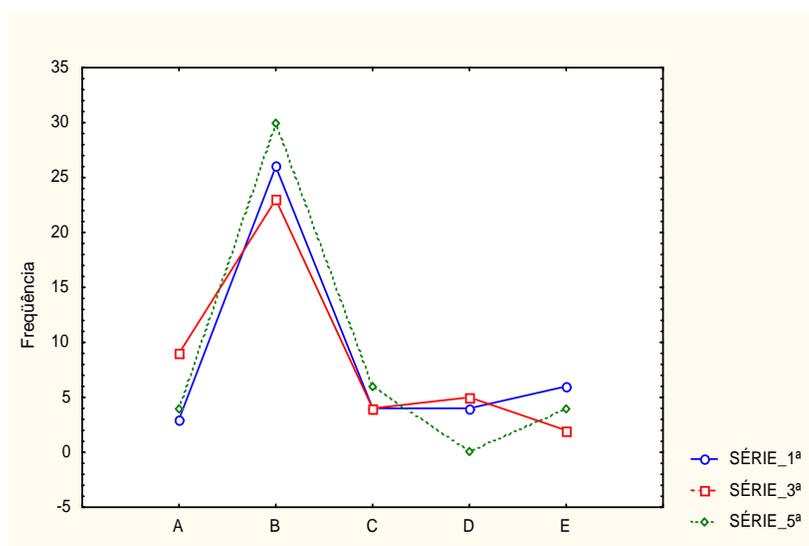


Gráfico 22: Expectativa atual – Linhas

De acordo com o que se observa Gráfico 22, pode-se apontar que as respostas dos alunos não indicam uma tendência de dependência com a série que cursam.

Tabela 9: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q07 X Série	12,03	08	0,15	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

O Teste de Qui-quadrado de Pearson, de acordo com a Tabela 9, permite concluir que a expectativa atual dos alunos não depende da série que cursam.

Tabela 10: O Curso está correspondendo às expectativas?

Corresponde?	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Sim	31	26	31	88	67,69%
B Não	12	12	12	36	27,69%
C Outros	0	5	1	6	4,62%
Total	43	43	44	130	100,00%

A Tabela 10 aponta as respostas à questão: O Curso de Psicologia está correspondendo às expectativas que você tinha no início? Dos 130 alunos pesquisados, 88 (67,69%) responderam que *sim*, dos quais 31 da 1ª série, 26 da 3ª série e 31 da 5ª série. Responderam que o Curso *não* está correspondendo às expectativas iniciais 36 alunos (27,69%), sendo 12 da 1ª série, 12 da 3ª série e 12 da 5ª série. 6 alunos (4,62%) apresentaram outras respostas, dos quais 5 da 3ª série e 1 da 5ª série.

Os dados acima são explicitados nos Gráficos 23, 24, 25 e Tabela 12.

Tabela 11: Motivos da manutenção ou da não-manutenção das expectativas

Motivos	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Conhecimento da profissão	15	15	17	47	36,15%
B Teoria/Disciplinas/Bons professores	12	9	11	32	24,62%
C Entendimento da Psicologia	3	6	10	19	14,62%
D Faltam qualificações do professor	4	2	2	8	6,15%
E Grade curricular	6	5	0	11	8,46%
F Outros	3	6	4	13	10,00%
Total	43	43	44	130	100,00%

A Tabela 11 apresenta os motivos relatados pelos sujeitos para a manutenção ou a não-manutenção das expectativas iniciais. Para 47 (36,15%) alunos a conservação das expectativas relaciona-se ao *conhecimento da profissão e do Curso*; destes, 15, 15 e 17 alunos, pertencendo respectivamente à 1ª, 3ª e 5ª série do Curso de Psicologia. 32 alunos (24,62%) atribuem a *teoria, disciplinas e bons professores* a manutenção de suas expectativas; destes, 12 são alunos do 1º ano, 9 do 3º e 11 do 5º ano. A *mudança na forma de entender a Psicologia* foi o motivo relatado por 19 (14,62%) alunos como responsável pela manutenção das expectativas; sendo 3 do 1º ano, 6 do 3º ano e 10 do 5º ano. As expectativas não foram mantidas para 11 (8,46%) alunos em função da *grade curricular – má distribuição das disciplinas*; dos quais, 6 alunos pertencem ao 1º ano e 5 ao 3º ano. *Faltam qualificações do professor para o ensino* foi o motivo relatado por 8 alunos; destes, 4 da 1ª série, 2 da 3ª e 2 da 5ª série. Outros motivos foram apontados por 13 alunos (10,0%), 3, 6 e 4, pertencendo, respectivamente, à 1ª, 3ª e 5ª séries do Curso de Psicologia.

Os dados contidos nesta Tabela são destacados nos Gráficos 26, 27, 28 e Tabela 13.

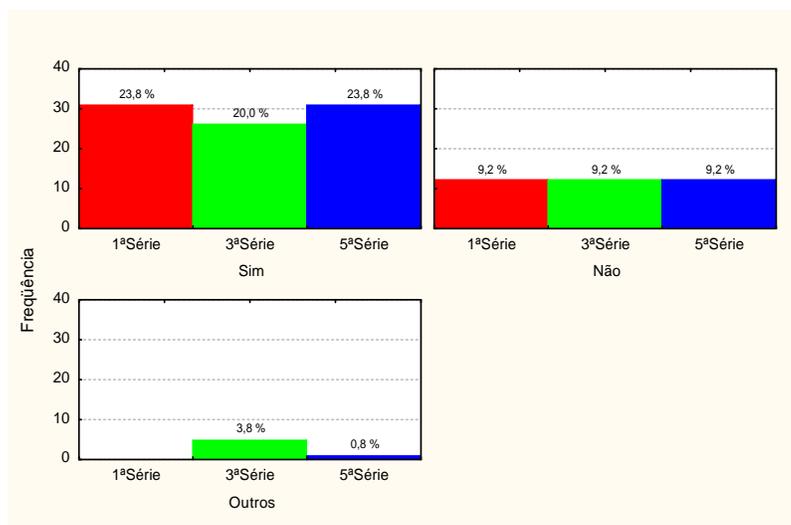


Gráfico 23: Correspondência das expectativas – Geral

O Gráfico 23 registra as respostas de cada série com seu respectivo percentual. Dos 88 alunos que responderam que o Curso está correspondendo às expectativas iniciais, 23,8% pertencem à 1ª série, 20,0% à 3ª série e 23,8% à 5ª série. Observa-se que o mesmo número de alunos (12), nas três séries, responderam que o Curso não está correspondendo às expectativas iniciais, representando, cada um, 9,2% da população geral. Dos 6 alunos que apresentaram outras respostas, 3,8% pertencem à 3ª série e 0,8% à 5ª série.



Gráfico 24: Correspondência das expectativas – Total

O Gráfico 24 ilustra o exposto pela Tabela 10, destacando que a maioria, 67,7% dos alunos, afirma que o Curso está correspondendo às expectativas que tinham no início do mesmo.

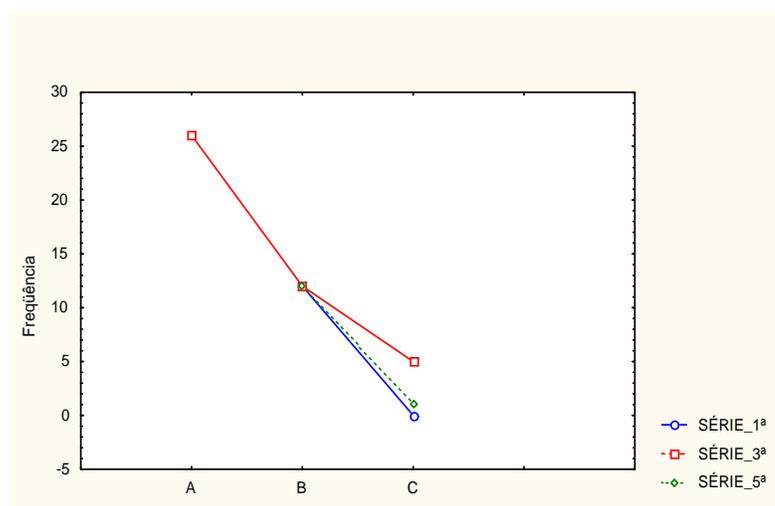


Gráfico 25: Correspondência das expectativas – Linhas

O Gráfico 25 registra que não há tendência de dependência entre o que relatam os alunos e a série que cursam, o que se verifica no resultado do Teste Estatístico, apresentado na Tabela 12.

Tabela 12: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q05 X Série	7,60	4	0,11	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

O Teste de Qui-quadrado de Pearson, conforme a Tabela 12, permite concluir que há independência entre as respostas apresentadas pelos alunos e a série em que estudam.

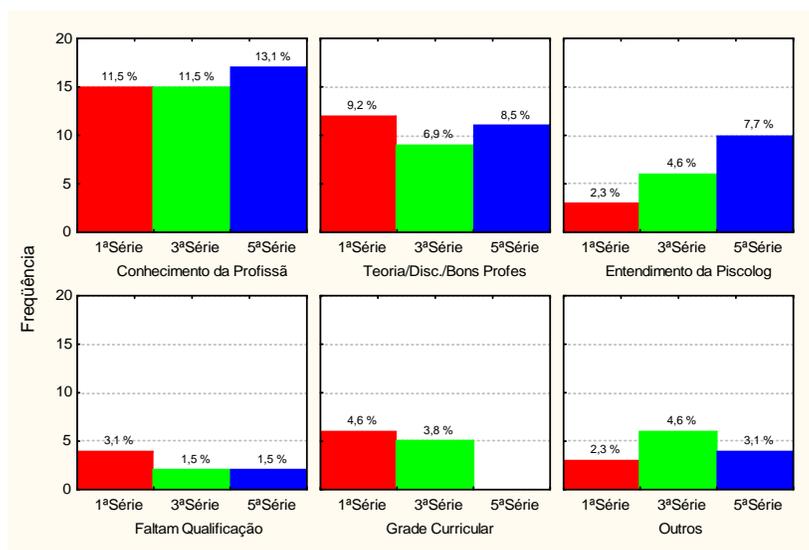


Gráfico 26: Motivos da manutenção ou não – Geral

O Gráfico 26 registra a freqüência das respostas dos alunos de cada uma das séries pesquisadas. A resposta mais freqüente, nas três séries, foi *conhecimento da profissão, do Curso*, correspondendo a 11,5% dos alunos da 1ª série, 11,5% dos alunos da 3ª série e 13,1% dos alunos da 5ª série. *Teoria, disciplinas e bons professores* foi a resposta apresentada por 9,2% dos alunos da 1ª série, 6,9% da 3ª e 8,5% da 5ª. Uma *nova forma de entender a Psicologia* foi o motivo citado por 2,3% dos alunos da 1ª série, 4,6% da 3ª série e 7,7% da 5ª série. O motivo para a não-manutenção das expectativas foi a *grade curricular*, para 4,8% dos alunos da 1ª série e 3,8% dos alunos da 3ª série. *Faltam qualificações do professor para o ensino* foi a resposta apontada por 3,1% dos alunos da 1ª série, 1,5% dos alunos da 3ª série e 1,5% dos alunos da 5ª série. Outras respostas foram apresentadas pelos alunos, segundo as séries: 2,3%, 4,8% e 3,1%.

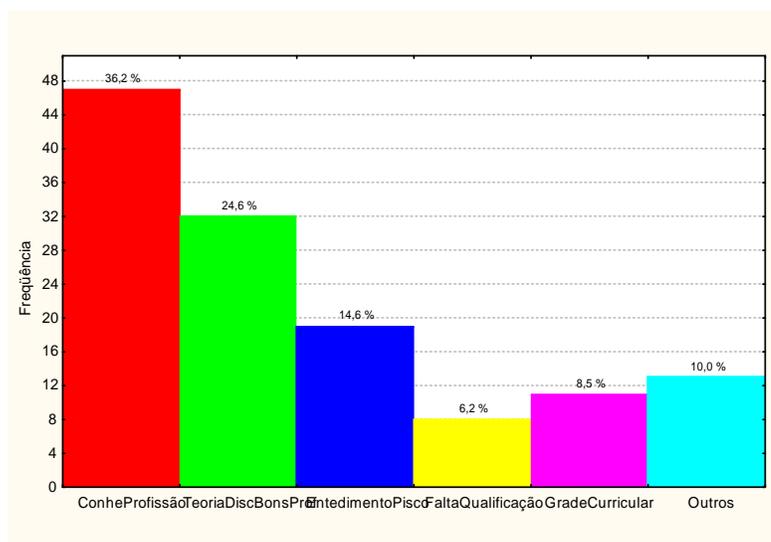


Gráfico 27: Motivos da manutenção ou não – Total

O Gráfico 27 registra os motivos relacionados pelos alunos pesquisados para a manutenção ou para a não-manutenção das suas expectativas em relação ao Curso. A expectativa se mantém para 36,2% dos alunos em função do *conhecimento da profissão e do Curso*; enquanto para 8,5% as expectativas não se mantêm em função da *grade curricular* (má distribuição das disciplinas).

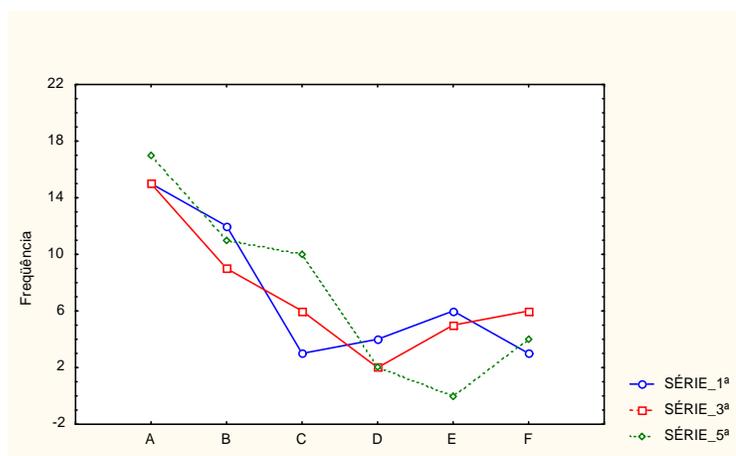


Gráfico 28: Motivos da manutenção ou não – Linhas

Os motivos apresentados pelos alunos para a manutenção ou não das expectativas, conforme indica o Gráfico 28, tendem a não ser dependentes com a série.

Tabela 13: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q06 X Série	12,16	10	0,27	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

A Tabela 13 apresenta o resultado obtido com a aplicação do Teste Estatístico, concluindo pela independência entre os motivos relatados e a série.

Tabela 14: Há dificuldades na realização do Curso?

Dificuldade	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Sim	24	30	34	88	67,69%
B Não	19	13	10	42	32,31%
Total	43	43	44	130	100,00%

Na Tabela 14 encontram-se os resultados referentes à pergunta *Você tem encontrado dificuldades na realização do Curso?*, em função dos quais se pode observar que 67,69% (88) dos 130 alunos pesquisados acusam dificuldades na realização do Curso; destes, 24 são da 1ª série, 30 da 3ª e 34 da 5ª série. No entanto, 42 alunos, 32,31% do total, relatam não terem encontrado dificuldades, sendo 19 da 1ª série, 13 da 3ª série e 10 da 5ª série.

Os dados apontados acima encontram-se representados nos Gráficos 29, 30, 31 e Tabela 16.

Tabela 15: Dificuldades relacionadas

Dificuldades	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Dificuldade financeira	2	3	8	13	10,00%
B Carga horária excessiva	6	13	6	25	19,23%
C Mobilização emocional	0	7	5	12	9,23%
D Questões pessoais	9	4	5	18	13,85%
E Dificuldades em disciplinas	10	4	10	24	18,46%
F Sem dificuldades	16	12	10	38	29,23%
Total	43	43	44	130	100,00%

Como se pode verificar na Tabela 15, para a questão: *Quais? Relacione-as*, a resposta mais freqüente foi *carga horária excessiva*, apresentada por 25 alunos, 19,23% do total pesquisado; destes, seis do 1º ano, 13 do 3º ano e seis do 5º ano. *Dificuldades em algumas disciplinas* foi a resposta de 24 alunos (18,46%), 10 do 1º ano, 4 do 3º ano e 10 do 5º ano. Dos 130 alunos, 12 (9,23%) referem como dificuldades a *mobilização emocional*, dos quais 7 são do 3º e 5 do 5º ano.

Os Gráficos 32, 33, 34 e Tabelas 17 e 18, referem-se aos dados apresentados na Tabela acima.

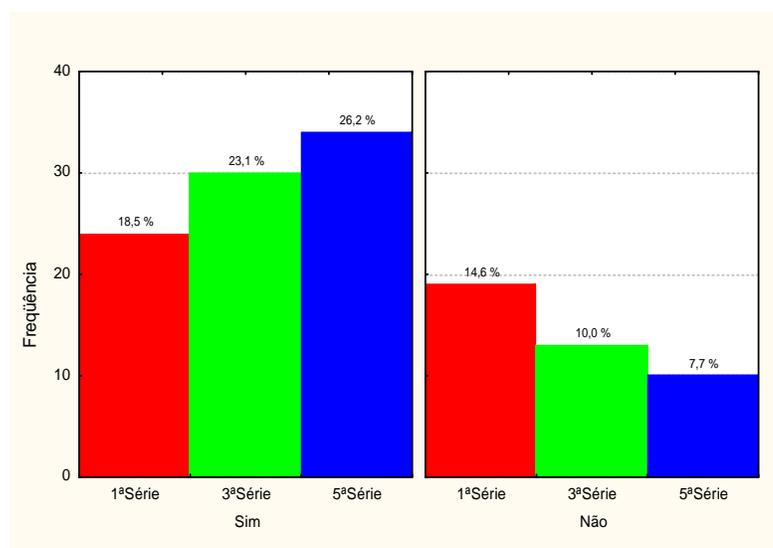


Gráfico 29: Dificuldades: sim – não Geral

Conforme se apresenta no Gráfico 29, dos 88 alunos que responderam encontrar dificuldades na realização do Curso, 26,2% cursam o 5º ano, 23,1% cursam o 3º ano e 18,5% cursam o 1º ano de Psicologia. Já dos 42 alunos que responderam não encontrar dificuldades 14,6% são da 1ª série, 10,0% da 3ª série e 7,7% da 5ª série.

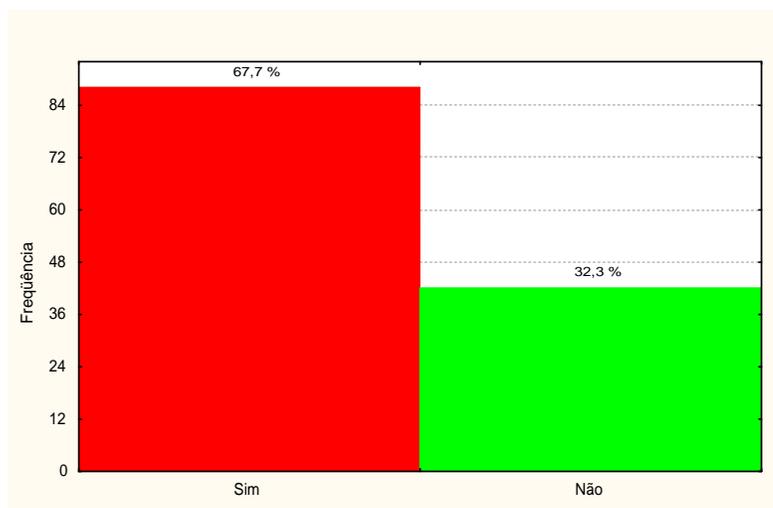


Gráfico 30: Dificuldades: sim – não Total

O Gráfico 30 registra que 67,7% dos alunos encontram dificuldades na realização do Curso e 32,3% não as apresentam.

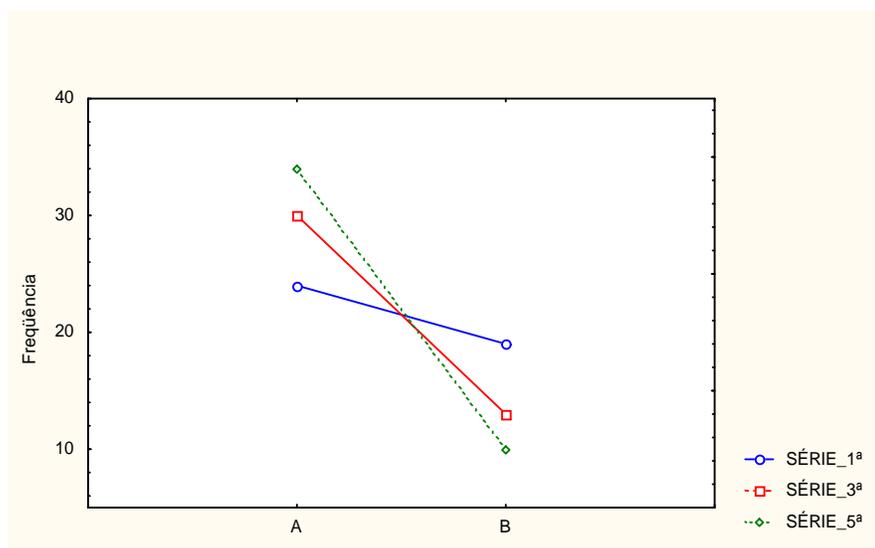


Gráfico 31: Dificuldades: sim – não Linhas

Nota-se, no Gráfico 31, que a existência ou a não existência de dificuldades tendem a não ser dependentes da série, conforme se observa também na Tabela 16.

Tabela 16: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	p	Conclusão
Q08 X Série	4,71	2	0,09	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

O resultado do Teste de Qui-quadrado de Pearson, de acordo com a Tabela 16, conclui que existe independência entre a resposta e a série que o aluno cursa.

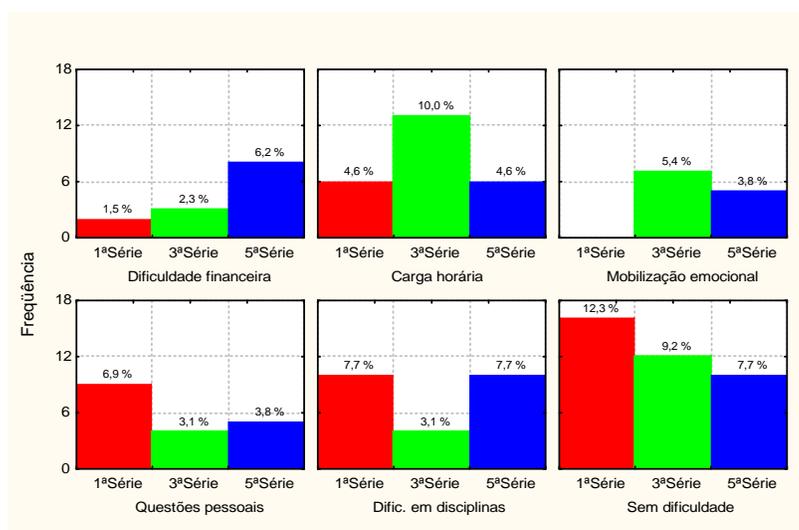


Gráfico 32: Dificuldades relacionadas – Geral

O Gráfico 32 aponta as dificuldades relacionadas pelos alunos, de acordo com as séries que cursam. A *carga horária excessiva* foi a dificuldade apontada por 10,0% dos 43 alunos do 3º ano; e *mobilização emocional*, por 5,4% dos alunos desta série. Os alunos do 1º e do 5º ano registram, cada um, 7,7% de *dificuldades em disciplinas*. *Dificuldades financeiras* foram apontadas por 6,2% dos 44 alunos da 5ª série. *Questões pessoais* foi a resposta de 6,9% dos 43 alunos da 1ª série.

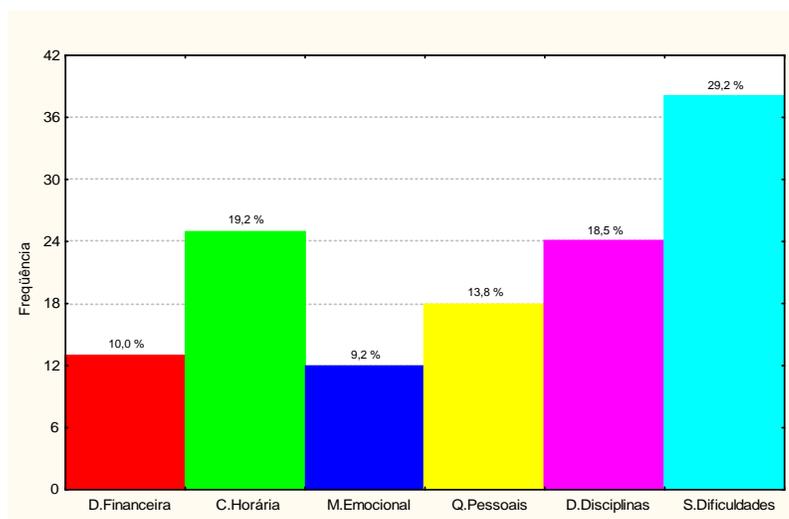


Gráfico 33: Dificuldades relacionadas – Total

Dentre as principais dificuldades relacionadas pelos alunos, pode-se observar no Gráfico 33 as que apontam carga horária excessiva (19,2%) e dificuldades em disciplinas (18,5%).

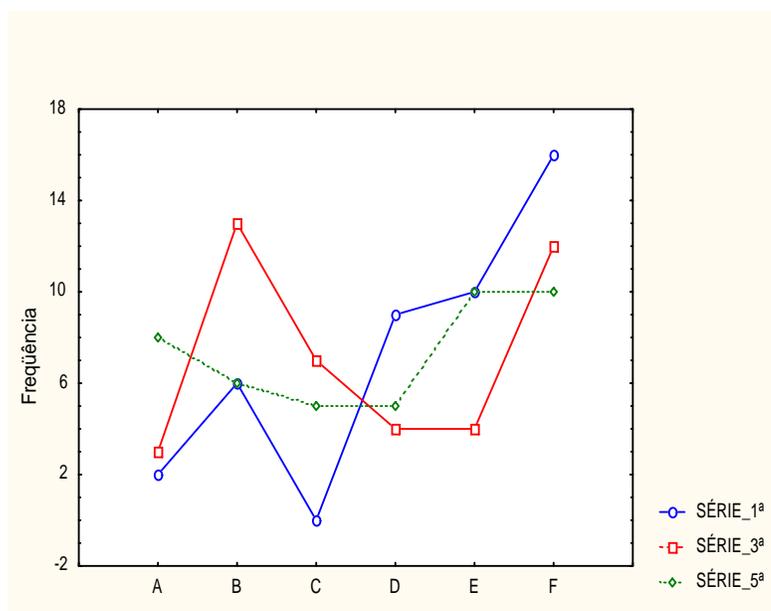


Gráfico 34: Dificuldades relacionadas – Linhas

Percebe-se, no Gráfico 34, que existe uma tendência de dependência entre a série e as dificuldades apresentadas pelos alunos. O resultado do Teste Estatístico, conforme registra a Tabela 17, que se refere ao total das respostas, e a Tabela 18, que apresenta o resultado das respostas *sim*, conclui que existe dependência entre a resposta dos alunos e a série que cursam.

Tabela 17: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q09 X Série	22,03	10	0,01	Rejeita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há dependência entre a resposta e a série

Tabela 18: Teste de Qui-quadrado de Pearson; considerando apenas aqueles que responderam SIM na Q09

	χ^2	GL	p	Conclusão
Q09 X Série	22,50	08	0,00	Rejeita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há dependência entre a resposta e a série

Tabela 19: Momento em que ocorreram as dificuldades

Onde houve dificuldade	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Todo o tempo	5	14	12	31	23,85%
B 1º Ano	19	6	5	30	23,08%
C 2º Ano	0	5	4	9	6,92%
D 3º Ano	0	11	9	20	15,38%
E 4º Ano	0	0	1	1	0,77%
F 5º Ano	0	0	8	8	6,15%
G Sem dificuldade	19	7	5	31	23,85%
Total	43	43	44	130	100,00%

Com relação à questão: *Em que momento da realização do Curso ocorreram as dificuldades?* pode-se observar, na Tabela 19, que 31 (23,85%) apontam *Todo o tempo*; destes, 5 são do 1º ano, 14 do 3º ano e 12 do 5º ano; e 30 (23,08%) apontam o *1º ano*, sendo 19 alunos do 1º ano, 6 do 3º ano e 5 do 5º ano. O *3º ano* foi a resposta apresentada por 20 alunos (15,38%), dos quais 11 cursam o 3º ano e 9 o 5º ano.

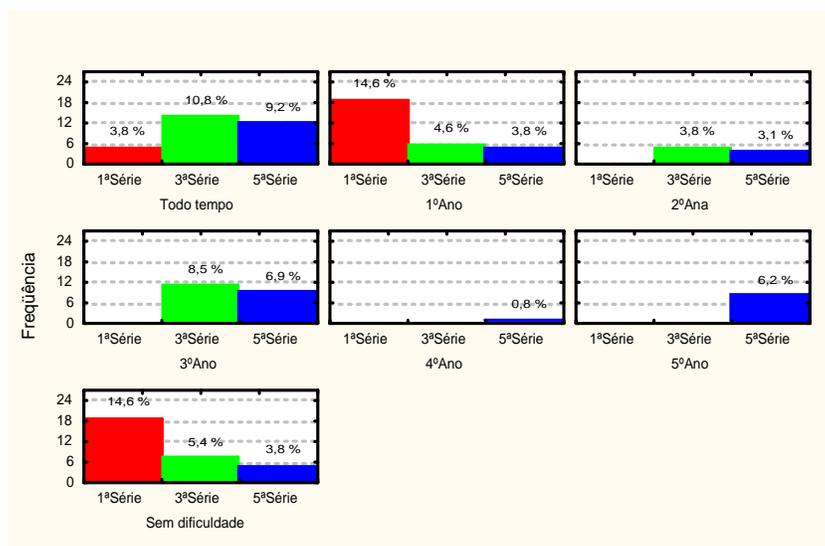


Gráfico 35: Momento das dificuldades - Geral

O Gráfico 35 registra o momento em que ocorreram as dificuldades, relatadas pelos alunos das três séries pesquisadas. *Todo o tempo* foi a resposta mais freqüente dos alunos da 3ª série (10,8%) e dos alunos da 5ª série (9,2%); a 1ª série foi a resposta de 14,6% dos alunos do 1º ano e a 5ª série foi a resposta de 6,2% dos alunos do 5º ano.

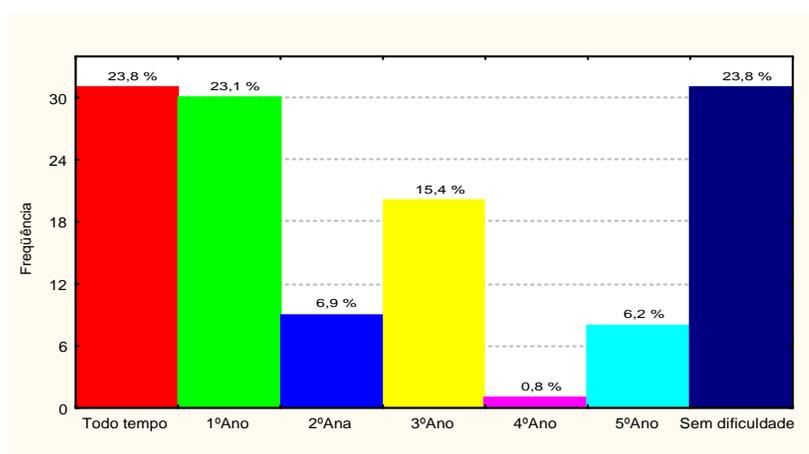


Gráfico 36: Momento das dificuldades - Total

De acordo com o que se observa no Gráfico 36, do total de alunos, 23,8% relatam dificuldades durante *todo o tempo* do Curso e 23,8% não as apresentam. O *1º ano* é o momento em que ocorrem as dificuldades para 23,1% dos alunos, e o *3º ano* o é para 15,4%.

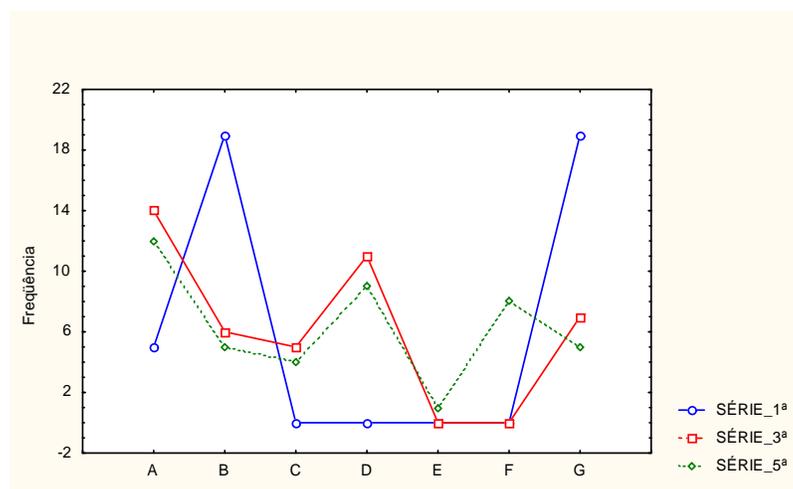


Gráfico 37: Momento das dificuldades – Linhas

O Gráfico 37 registra a frequência das respostas de cada série, e sugere a existência de uma dependência entre elas.

Tabela 20: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q09 X Série	60,61	12	0,00	Rejeita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há dependência entre a resposta e a série.

Nota-se, na Tabela 20, que o teste de Qui-quadrado de Pearson permite concluir que existe dependência entre as respostas apresentadas pelos alunos e a série que cursam.

6.2.3 Visão Inicial e Atual da Psicologia

Tabela 21: Visão inicial da Psicologia

O que era?	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Ciência, estudo do comportamento	17	15	16	48	36,92%
B Possibilidade de ajudar	13	9	8	30	23,08%
C Mágico, algo misterioso	5	9	4	18	13,85%
D Técnica, manual	1	2	1	4	3,08%
E Curso p/ compreensão pessoal	3	4	6	13	10,00%
F Trabalho em clínica	2	3	5	10	7,69%
G Sem conceito	2	1	4	7	5,38%
Total	43	43	44	130	1,00%

A Tabela 21 registra a frequência das respostas à questão: *Na época, o que era a Psicologia para você?* Do total de alunos pesquisados, 48 (36,92%) responderam que na época do vestibular a Psicologia era entendida por eles como *Ciência, estudo do comportamento do homem*. Destes, 17 cursam a 1ª série, 15 cursam a 3ª série e 16 cursam a 5ª série. 30 alunos (23,08%) apresentaram a resposta *possibilidade de ajudar as pessoas*, sendo 13 da 1ª, 9 da 3ª e 8 da 5ª série. A Psicologia era entendida como *algo misterioso, fantástico e mágico* por 18 alunos (13,85%), dos quais 5 cursando a 1ª série, 9 a 3ª e 4 a 5ª série. 13 alunos (10,0%) viam a Psicologia como um *Curso para compreensão pessoal*; destes, 3 alunos pertencem à 1ª série, 4 à 3ª série e 6 à 5ª série. Como *trabalho em clínica* era a compreensão de 10 alunos (7,69%), dos quais 2 da 1ª série, 3 da 3ª série e 5 da 5ª série. Viam a Psicologia como *técnica, manual* 4 alunos (3,08%), sendo 1 da 1ª, 2 da 3ª e 1 da 5ª série. Declararam não possuir conceito de Psicologia 7 alunos (5,38%), dos quais 2 da 1ª, 1 da 3ª e 4 da 5ª série do Curso de Psicologia.

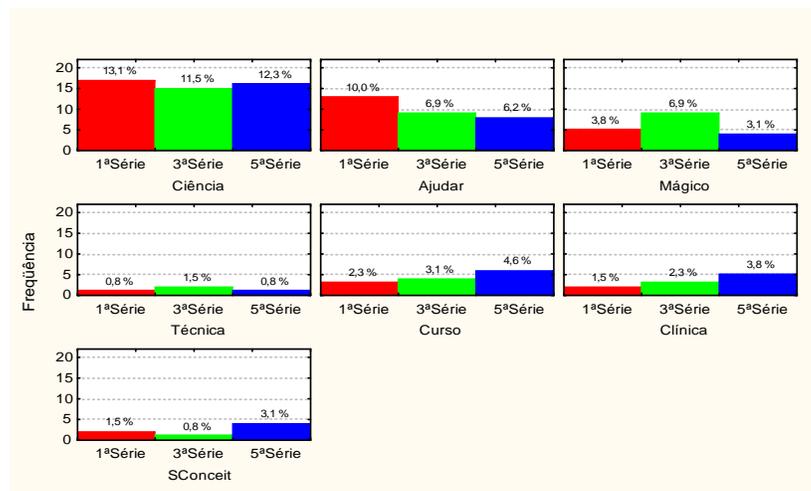
Os dados contidos na Tabela 21 estão explicitados nos Gráficos 38, 39, 40 e Tabela 23.

Tabela 22: Visão atual da Psicologia

O que é a Psicologia?	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Estudo do comportamento, Ciência	6	9	5	20	15,38%
B Ciência que estuda e compreende o comportamento humano, possibilitando alívio ao sofrimento e prevenção a ele	6	6	6	18	13,85%
C Estudo do homem e suas relações, promovendo compreensão e saúde mental	15	13	19	47	36,15%
D Curso que escolhi, profissão do futuro	5	6	6	17	13,08%
E Sem conceito	8	3	2	13	10,00%
F Outras	3	6	6	15	11,54%
Total	43	43	44	130	100,00%

Observa-se, através da Tabela 22, que a visão atual da Psicologia, obtida através da questão: *Atualmente, o que é a Psicologia para você?*, para 47 (36,15%) dos 130 alunos refere-se ao *Estudo do homem e das suas relações, promovendo a sua compreensão e a sua saúde mental*, dos quais 15 alunos cursam a 1ª série, 13 a 3ª série e 19 a 5ª série. Atualmente a Psicologia é entendida como *Ciência, estudo do comportamento*, por 20 (15,38%) alunos, dos quais 6 estão no 1º ano, 9 no 3º e 5 no 5º ano. *Ciência que estuda e compreende o comportamento humano, possibilitando alívio ao sofrimento e prevenção a ele* é a visão que 18 (13,85%) alunos têm da Psicologia, sendo 6 alunos de cada série pesquisada.

Estes dados estão representados nos Gráficos 41, 42, 43 e Tabela 24.

**Gráfico 38: Visão inicial da Psicologia – Geral**

O Gráfico 38 registra a porcentagem para cada categoria de respostas, segundo a série. As três séries pesquisadas apresentaram o conceito de Psicologia como *Ciência, estudo do homem* como o mais freqüente, correspondendo, respectivamente, a 13,1%, 11,5% e 12,3%. *Possibilidade de ajudar* foi a resposta de 10,0% dos sujeitos do 1º ano, 6,9% do 3º ano e 6,2% do 5º ano. A Psicologia como *algo misterioso, fantástico, mágico* era a visão de 3,8% dos alunos do 1º ano, 6,9% dos alunos do 3º ano e 3,1% dos alunos do 5º ano. *Curso para melhor compreensão pessoal* era a visão de 2,3% dos alunos do 1º ano, 3,1% do 3º e 4,6% do 5º. A Psicologia como *trabalho em clínica* era o entendimento de 1,5%, 2,3% e 3,8% dos alunos do 1º, do 3º e do 5º ano, respectivamente. A resposta *técnica, manual* foi apresentada por 0,8%; 1,5% e 0,8% dos alunos da 1ª, da 3ª e da 5ª série. Por ocasião do vestibular, não possuía um conceito da Psicologia 1,5% dos alunos da 1ª série, 0,8% dos alunos da 3ª série e 3,1% dos alunos da 5ª série.

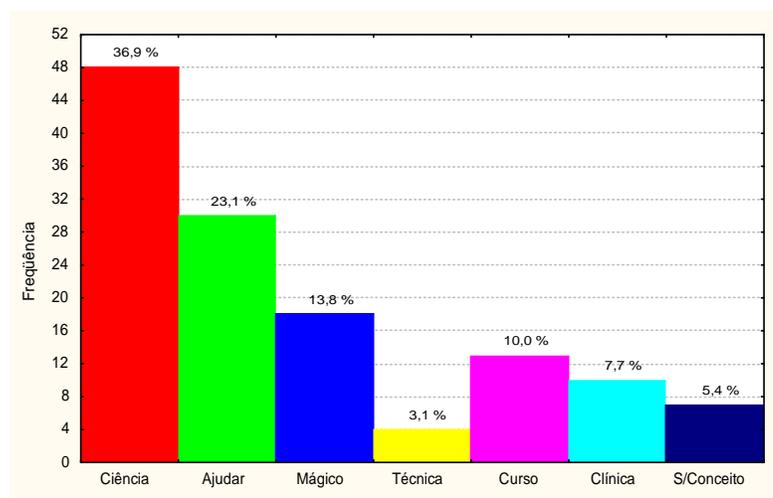


Gráfico 39: Visão inicial da Psicologia – Total

Conforme registra o Gráfico 39, a visão da Psicologia, na época do vestibular, para a maioria (36,9%) dos 130 alunos pesquisados, era de *Ciência, estudo do*

comportamento do homem. Representava a *possibilidade de ajudar as pessoas* para 23,1% dos alunos; e era entendida como *Técnica e Manual* por 3,1% dos alunos.

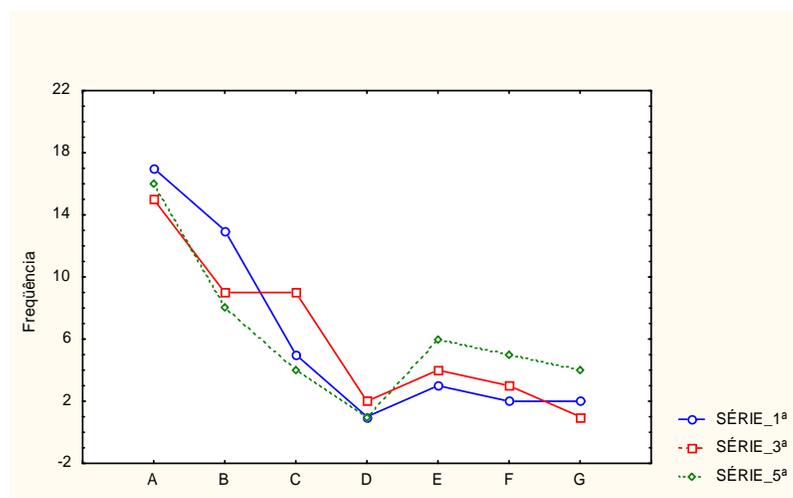


Gráfico 40: Visão inicial da Psicologia – Linhas

De acordo com o Gráfico 40, nota-se que a visão inicial da Psicologia, conforme as respostas apresentadas pelos alunos, não indica uma tendência de dependência com a série.

Tabela 23: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q04 X Série	8,80	12	0,72	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

A Tabela 23, registra o resultado do Teste de Qui-quadrado, e conclui que há independência entre a resposta dos alunos e a série em que se encontram.

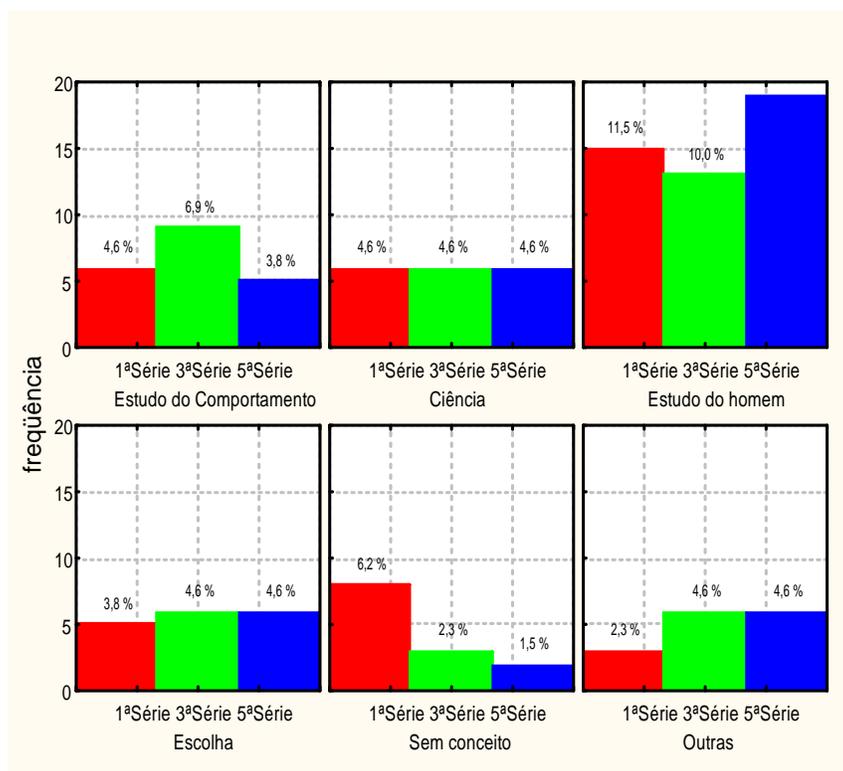


Gráfico 41: Visão atual da Psicologia – Geral

Conforme apontado no Gráfico 41, a visão atual da Psicologia, para a maioria dos sujeitos pesquisados, é a do *Estudo do homem e suas relações, promovendo a sua compreensão e a sua saúde mental*, sendo esta a resposta apresentada por 15,0% dos alunos da 5ª série, 11,5% dos alunos da 1ª série e 10,0% dos alunos da 3ª série. A Psicologia é entendida como *Ciência que estuda e compreende o comportamento humano, possibilitando alívio ao sofrimento e prevenção a ele*, por 4,8% dos alunos das três séries pesquisadas. A resposta *Ciência, estudo do comportamento* foi apresentada por 6,9% dos alunos da 3ª série. Atualmente, não possuem conceito 6,2% dos alunos da 1ª série, 2,3% dos alunos da 3ª série e 1,5% dos alunos da 5ª série.

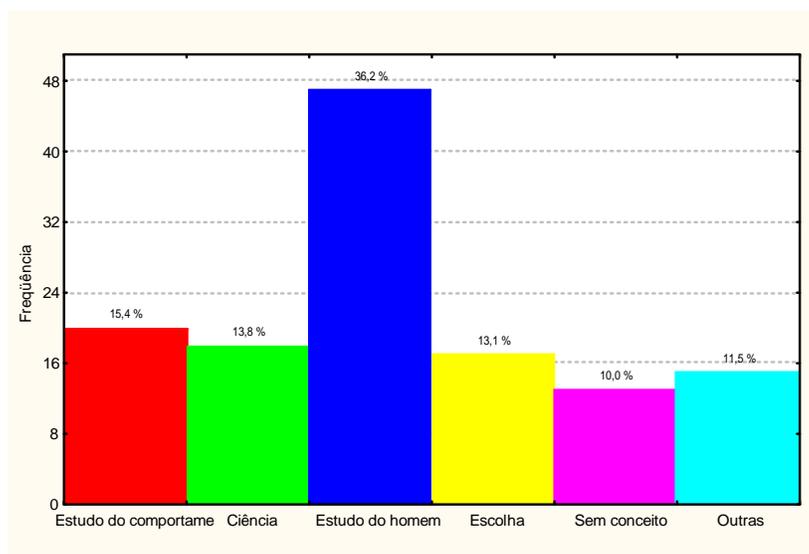


Gráfico 42: Visão atual da Psicologia – Total

De acordo com o Gráfico 42, verifica-se que a maioria dos sujeitos (36,2%) possui a mesma visão da Psicologia, e ela é entendida como uma opção pessoal, *Curso que escolhi, profissão do futuro*, por 13,1% dos sujeitos pesquisados.

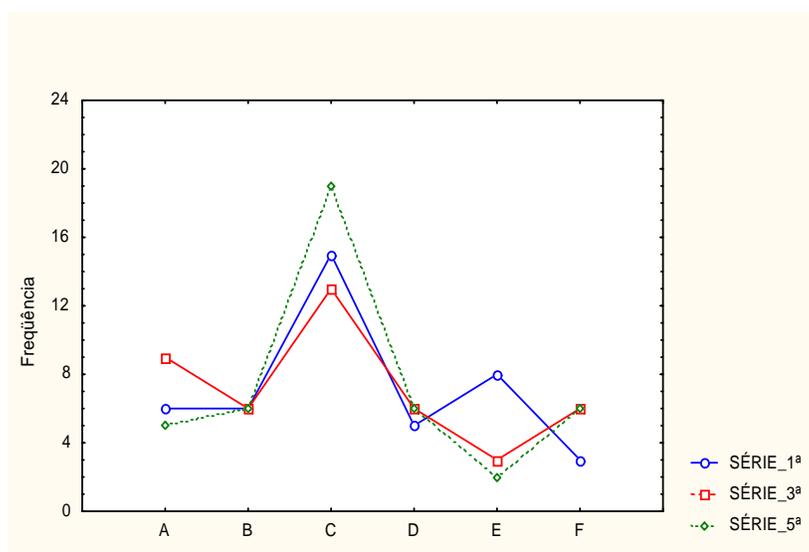


Gráfico 43: Visão atual da Psicologia – Linhas

A visão atual que os alunos têm da Psicologia não indica tendência de dependência com a série que os alunos cursam, conforme destaca o Gráfico 43, e é registrado na Tabela 23.

Tabela 24: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	P	Conclusão
Q10 X Série	8,57	10	0,57	Aceita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

Pode-se observar na Tabela 24, a aceitação de H_0 , indicando que há independência entre as respostas e as séries.

6.2.4 Perspectivas em Relação à Profissão

Tabela 25: O que faz o psicólogo?

O que faz?	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida e alívio ao sofrimento psíquico	18	22	26	66	50,77%
B Trabalha com o ser humano, suas relações consigo mesmo e com os outros	10	9	12	31	23,85%
C Depende da área de atuação	15	12	6	33	25,38%
Total	43	43	44	130	100,00%

Na Tabela 25 encontram-se os resultados referentes à pergunta *Na sua opinião, o que faz o psicólogo no seu trabalho?* A resposta da maioria (66 - 50,77%) foi *Auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida, proporcionando alívio ao sofrimento psíquico*; destes, 26 alunos cursam a 5ª série, 22 a 3ª série e 18 a 1ª série. A resposta *Trabalha com o ser humano e suas relações consigo mesmo e com os outros* foi apresentada por 31

(23,85%) alunos, sendo 12 da 5ª série, 10 da 1ª série e 9 da 3ª série. *Depende da área de atuação* foi o que responderam 33 (25,38%) dos 130 alunos pesquisados, dos quais 15 cursam a 1ª série, 12 a 3ª série e 6 a 5ª série.

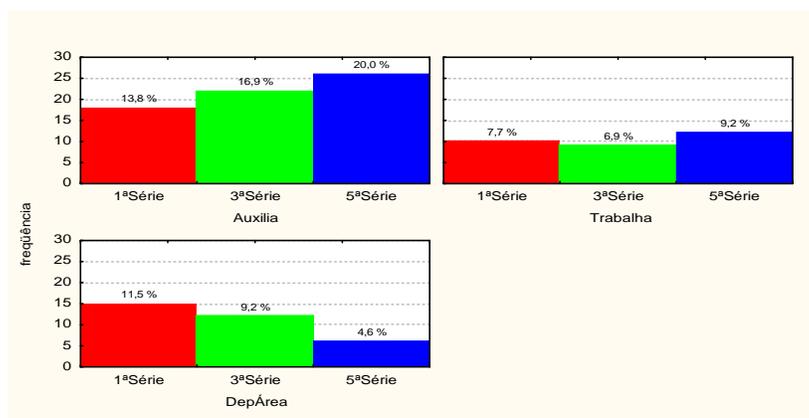


Gráfico 44: O que faz o psicólogo? – Geral

De acordo com o Gráfico 44, 20,0% dos alunos do 5º ano, 16,9% dos alunos do 3º ano e 13,8% dos alunos do 1º ano responderam que no seu trabalho o psicólogo *auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida, proporcionando alívio ao sofrimento psíquico*.

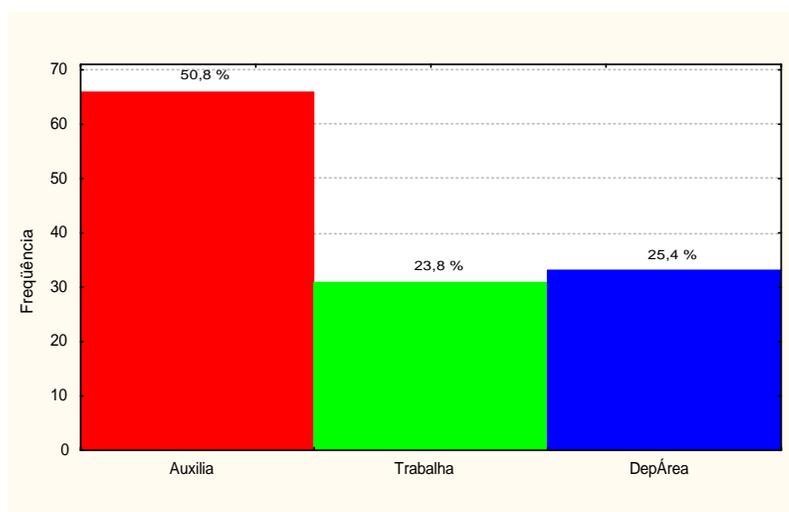


Gráfico 45: O que faz o psicólogo? – Total

Observa-se, no Gráfico 45, que 50,8% dos 130 alunos pesquisados responderam que, no seu trabalho, o psicólogo *auxilia as pessoas*.

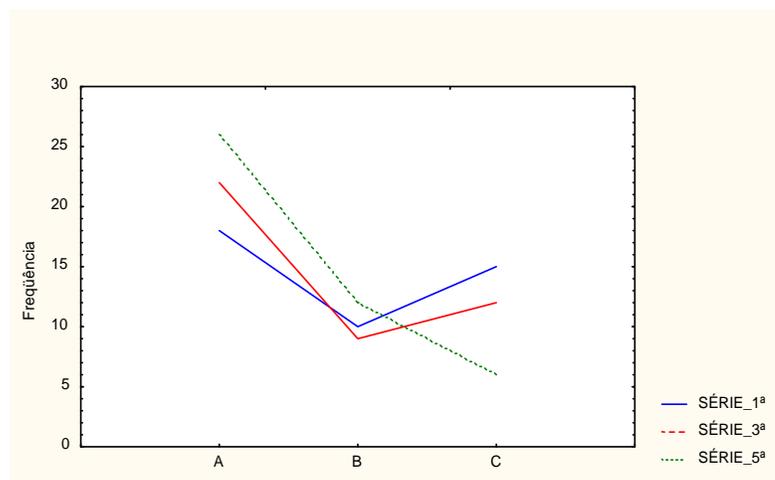


Gráfico 46: O que faz o psicólogo? – Linhas

O Gráfico 46 sugere que não há tendência de dependência entre as respostas apresentadas pelos alunos e a série que cursam, conforme se pode verificar na Tabela 25.

Tabela 26: Teste de Qui-quadrado de Pearson

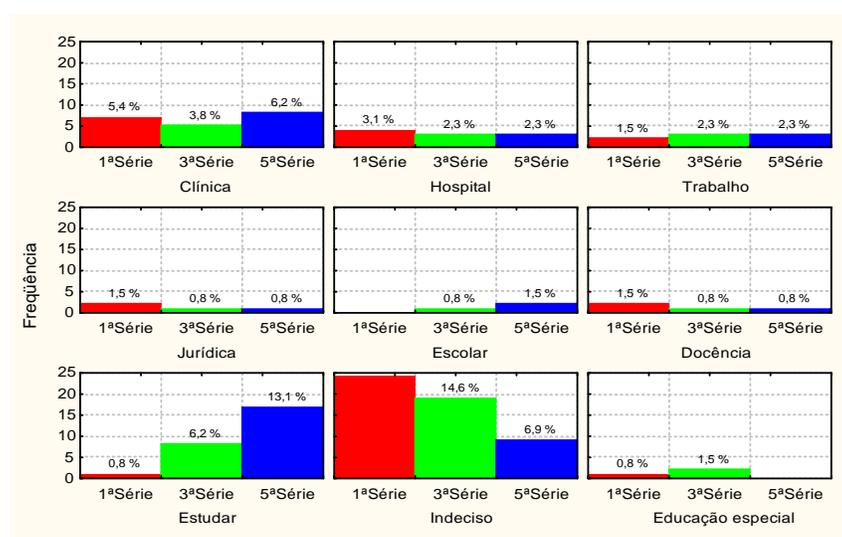
	χ^2	GL	P	Conclusão
Q11 X Série	5,68	4	0,22	Aceita-se H_0 , concluindo-se com risco de 5%, que há independência entre a resposta e a série

Conforme apontado pelo Gráfico 46, pode-se verificar na Tabela 26, que existe independência entre a resposta dos alunos e a série em que se encontram.

Tabela 27: Expectativa profissional

O que pretende fazer?	1ª Série	3ª Série	5ª Série	Total	f %
A Psicologia Clínica	7	5	8	20	15,38%
B Psicologia Hospitalar	4	3	3	10	7,69%
C Psicologia do Trabalho	2	3	3	8	6,15%
D Psicologia Jurídica	2	1	1	4	3,08%
E Psicologia Escolar	0	1	2	3	2,31%
F Docência	2	1	1	4	3,08%
G Estudar (pós- graduação)	1	8	17	26	20,00%
H Indeciso	24	19	9	52	40,00%
I Educação Especial	1	2	0	3	2,31%
Total	43	43	44	130	100,00%

De acordo com a Tabela 27, em resposta à questão: *O que você pretende fazer em termos profissionais, após concluir o curso de Psicologia?* obteve-se que 52 (40,00%) dos 130 alunos pesquisados estão indecisos quanto ao futuro profissional; destes, 24 cursam a 1ª série, 19 a 3ª série e 9 a 5ª série. Pretendem continuar os estudos 1 aluno da 1ª série, 8 da 3ª série e 17 da 5ª série. A opção pela Psicologia Clínica foi a resposta apresentada por 20 alunos; destes, 7 da 1ª série, 5 da 3ª série e 8 da 5ª série. Atuar na área Hospitalar é a expectativa de 10 alunos, dos quais 4 estão cursando o 1º ano, 3 o 3º ano e 3 o 5º ano. A área escolar é onde pretendem atuar 3 dos 130 alunos, sendo a opção de 1 aluno da 3ª série e 2 alunos da 5ª série.

**Gráfico 47: Expectativa profissional – Geral**

O Gráfico 47 aponta que entre os alunos indecisos com relação ao futuro profissional, 18,5% cursam o 1º ano, 14,6% o 3º ano e 6,9% o 5º ano. Pretendem continuar estudando 0,8% dos alunos da 1ª série, 6,2% dos alunos da 3ª série e 13,1% dos alunos da 5ª série.

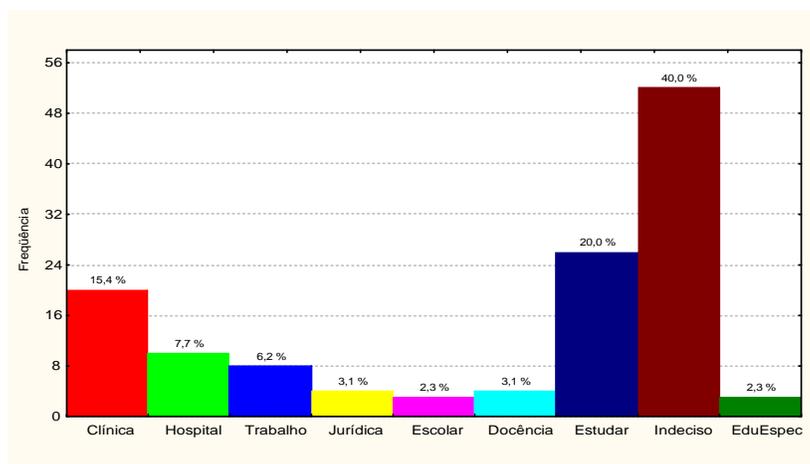


Gráfico 48: Expectativa profissional – Total

Observa-se, no Gráfico 48, que 40,0% dos alunos estão indecisos quanto ao futuro profissional.

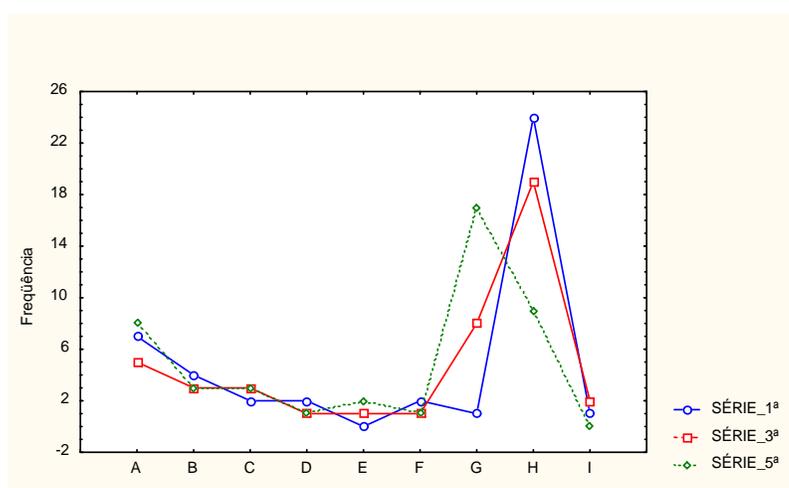


Gráfico 49: Expectativa profissional – Linhas

Nota-se, no Gráfico 49, que as respostas referentes à expectativa profissional dos alunos pesquisados, mostram uma tendência de dependência com a série que cursam.

Tabela 28: Teste de Qui-quadrado de Pearson

	χ^2	GL	p	Conclusão
Q12 X Série	27,59	16	0,03	Rejeita-se H_0 , concluindo-se, com risco de 5%, que há dependência entre a resposta e a série

Conforme destaca o Gráfico 49, pode-se observar na Tabela 28 que o resultado do Teste Estatístico de Qui-quadrado de Pearson, conclui pela rejeição de H_0 , evidenciando a existência de dependência entre a resposta e a série.

Apresentados os Resultados do presente trabalho, passamos, a seguir, à Discussão sobre os mesmos.

7. DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os motivos da escolha profissional e as expectativas de alunos ingressantes, intermediários e concluintes do Curso de Psicologia, quanto ao Curso e à atividade profissional do psicólogo.

Como já se enfatizou na Introdução, escolher uma profissão significa optar por uma forma de inserção no mundo adulto, marcando o momento em que se articula o projeto profissional com a futura relação produtiva com o mundo. É necessário, para tal, o conhecimento de si mesmo e das profissões, pois esta é uma decisão pessoal, que normalmente coincide com uma importante etapa evolutiva, a adolescência, quando o jovem está vivendo um novo processo de descoberta pessoal e de definição da sua identidade.

Mas, assim como o momento da escolha coincide, segundo a ênfase dos autores, com a adolescência; a vivência desta escolha, em uma Instituição de Ensino Superior, ocorre durante a idade do adulto jovem (Erikson, 1976, 1987). Vencidas as idades da infância e da adolescência, o indivíduo defronta-se com a sexta idade, que estabelece o conflito nuclear Intimidade versus Isolamento, sendo esta a primeira das três idades que tratam da vida adulta, a do adulto jovem, que compreende o período dos 19 aos 25 anos, de acordo com Bee e Mitchel (1986).

A discussão dos resultados obtidos obedece à sua apresentação, constando de duas partes: dados de caracterização da população e informações obtidas com as questões, organizadas em quatro núcleos temáticos: motivos de escolha do Curso de Psicologia; expectativas em relação ao Curso e seus aspectos determinantes; visão inicial e atual da Psicologia e perspectivas em relação ao futuro profissional.

7.1 Caracterização da População

Assim como afirmaram Campos, Silva Filho, Campos et al. (1996), o conhecimento da população que ingressa no Curso de Psicologia permite uma melhor compreensão da relação entre a formação e as expectativas discentes. Entende-se que este conhecimento passa por dados que permitem identificá-los a partir da faixa etária a que pertencem.

Pode-se observar, nos resultados, três faixas etárias: 1) alunos com 18 anos; 2) alunos com idade entre 19 e 25 anos; e 3) alunos entre 26 e 52 anos. (Vide Tabela 1)

Os alunos do 1º ano de Psicologia estão situados entre 18 e 46 anos de idade, sendo que 11 têm 18 anos, 28 entre 19 e 25 anos e 4 alunos entre 26 e 46 anos (27, 29, 33, e 46 anos).

Os 43 alunos do 3º ano têm idade entre 19 e 52 anos. Destes, 1 aluno tem 19 anos, e é na idade de 20 anos que se encontra o maior número (11); e na faixa de 19 a 25 anos se concentra a maioria (38 alunos). De 26 a 52 anos encontram-se 5 alunos (com 27, 34, 35, 36 e 52 anos).

Os dados relativos à idade dos alunos do 5º ano indicaram que 33 deles têm entre 21 e 25 anos e 11 entre 26 e 39 anos (2 com 26, 2 com 27, 1 com 28, 1 com 30, 1 com 32, 2 com 34, 1 com 36 e 1 com 39 anos).

Quanto ao sexo, os dados mostrados no Gráfico 2, constataram o predomínio do sexo feminino (91,5%), o que mantém uma tendência existente desde a criação deste Curso no Brasil, sendo o mesmo ainda identificado como uma profissão muito mais relacionada à mulher do que ao homem.

Em relação ao estado civil (Gráfico 3), dos 130 alunos pesquisados 85,4% são solteiros.

No que se refere à profissão dos pais, os dados apontaram que estas são muito diferenciadas, destacando-se agricultores, engenheiros, comerciantes, empresários e pais já aposentados. Relativamente às mães, mostraram significativo percentual de donas de casa, mas também professoras, comerciantes, costureiras e aposentadas. (Gráficos 4 e 5)

Observou-se, em relação à escolaridade, que a maioria dos pais (pai e mãe) têm, no mínimo, escolaridade básica, com exceção de uma mãe não alfabetizada; é também expressivo o número que possui escolaridade média e superior. (Gráficos 6 e 7)

Quanto à renda familiar, constatou-se que a mesma, tanto para os pais quanto para as mães, apresenta maior concentração entre 100 reais e 1.300 reais, mas que chega a 7.300 para os pais e 3.100 para as mães. (Gráficos 8 e 9)

As famílias, em sua maioria, são compostas por 2 e 3 filhos, mas verificou-se que este número varia de 1 a 12 filhos. (Gráfico 10)

Pode-se concluir, então, que a maioria dos alunos têm de 19 a 25 anos, são do sexo feminino e solteiros e suas famílias são constituídas de 4 a 5 pessoas. Os pais têm nível de escolaridade que vai do básico ao superior, exercendo diferentes profissões, com ressalva para as mães que se dedicam ao trabalho no lar. Possivelmente nestas famílias o homem fique no papel de provedor básico.

Tais dados mostraram compatibilidade com os achados de Ferreira (1995), em seu estudo sobre os motivos de escolha do Curso de Psicologia e os de Braga (1998), quando investigou a percepção de universitários sobre o vestibular.

7.2 Dados Obtidos nas Questões

7.2.1 Motivos de Escolha do Curso de Psicologia

Neste núcleo temático foram analisadas tanto as respostas relativas aos motivos de escolha quanto aquelas relacionadas aos fatores que influenciaram na tomada de decisão do aluno para cursar Psicologia.

A perspectiva de análise envolveu dois eixos, ou seja, um que levou em conta o ano que os alunos estão cursando, e o outro, a perspectiva temporal dos sujeitos.

De acordo com outras pesquisas realizadas sobre este tema, encontrou-se que os motivos mais freqüentemente apontados para a escolha do Curso de Psicologia estão relacionados à imagem do psicólogo clínico; à existência de fatores de ordem pessoal, tanto no que se refere ao desejo de ajudar a si quanto aos outros; e também ao desejo de conhecer o homem e a si próprio.

Em conformidade com os resultados obtidos nas três séries pesquisadas, observou-se que os motivos relatados para a escolha do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá são o *interesse pessoal* e o interesse em *conhecer o ser humano*. Outros motivos são: gostar do Curso e ter passado no vestibular, embora não tenha sido a primeira opção, desejo de ajudar as pessoas e o interesse para a área de Humanas também foram registrados nas três séries. (Vide Tabela 2 e Gráfico 12)

Quanto ao motivo relacionado, em cada uma das séries notou-se que os alunos ingressantes (1º ano) e concluintes (5º ano) elegeram mais expressivamente o interesse

pessoal, e os alunos intermediários (3º ano) elegeram o desejo de conhecer o ser humano.

(Gráfico 11)

Pode-se verificar, assim, semelhança entre os motivos apresentados pelos alunos do 1º e do 5º ano. Este dado nos permite deduzir que tanto o início quanto o final do Curso revelam semelhanças, ou seja, o aluno vivencia conflitos novos de ajustamento: os do 1º ano defrontam-se com o início da vivência da sua opção profissional e os do 5º ano encontram-se decidindo o que fazer. Estão todos envolvidos, pois, em incertezas com relação ao futuro profissional.

De certa maneira, acredita-se que ocorra, então, uma revivescência do processo de escolha que caracteriza o período pré-vestibular, conforme apontado por Bohoslavsky (1993), caracterizando a reedição dos conflitos vividos nesta etapa, ao final do curso.

Já os alunos do 3º ano apresentaram como motivo de interesse pelo Curso o de conhecer o homem. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que estão mais envolvidos com o Curso em si, conseqüentemente com os conteúdos específicos da Psicologia.

Conforme já foi notado por Dias (1995), analisando a dúvida em relação à continuidade dos estudos universitários, durante o 3º ano o aluno é retirado de uma atitude passiva e acomodada e colocado diante de questões que o obrigam a pensar, criticar e buscar soluções dentro do próprio Curso.

Complementarmente, para Curti (1993), no seu estudo sobre a escolha profissional, e para Pereira (1997), em seu artigo sobre a personalidade dos psicólogos, a escolha do Curso de Psicologia é feita mediante a fantasia de resolução dos conflitos em nível pessoal e interpessoal, refletindo a necessidade de se conhecerem e salientando a sua procura como um meio de o indivíduo lidar com a problemática pessoal.

Os dados apontados por estes autores revelam-se importantes neste trabalho, especialmente quando se desvenda a possibilidade de entender os motivos apontados pelos alunos para a escolha deste Curso como firmemente relacionados com a necessidade de autoconhecimento e conhecimento do outro.

Mas este entendimento se organiza igualmente através do reconhecimento do momento evolutivo em que se encontra a maioria (na adolescência), ao fazer esta opção, trazendo consigo questionamentos que se referem diretamente à questão: “quem sou eu?”. A resposta depende, além da capacidade de se colocar em uma perspectiva temporal, também de experimentações e reflexões acerca do amor, do trabalho, de relacionamentos, crenças e anseios, o que leva o jovem a se confrontar, como afirma Erikson (1976, 1987), com sua história passada, com a vivência do presente e as expectativas futuras, a partir do que toma consciência de ser único e especial, ao mesmo tempo em que é semelhante a todos e compartilha de ideais comuns.

Esta necessidade de conhecer a si mesmo e ao outro, na verdade, pode levar o jovem a valer-se de dispositivos colocados socialmente, como a necessidade de escolher uma profissão vislumbrada como uma possibilidade de auto-esclarecimento; assim, a escolha do Curso de Psicologia pode passar a ser entendida pelo jovem como uma possibilidade de obtenção deste autoconhecimento, negando a necessidade de envolvimento com os conflitos característicos da adolescência. Talvez aqui esteja presente, na ótica do jovem, um “elemento mágico” – o Curso fornecendo a possibilidade de resolução de conflitos pessoais com menos investimento emocional e muito investimento intelectual.

Estas reflexões remetem, então, não só ao Curso visto numa perspectiva terapêutica, como afirma Curti (1993), em seu estudo sobre a escolha profissional, mas apresentam-se como um espaço que acena a permissão para experimentações no sentido de o indivíduo esclarecer a si próprio. Apresentam-se ainda como uma expressão da moratória

psicossocial (Erikson, 1976), o fato de o jovem, ao optar pelo Curso de Psicologia, vislumbrar uma permissão para continuar explorando quem foi, quem é e quem quer ser.

Levando-se em conta o resultado do Teste Estatístico de Qui-quadrado de Pearson (Tabela 3), que conclui pela dependência entre os motivos relatados e a série que o aluno cursa, é possível deduzir que o conhecimento recebido nos diferentes anos do Curso de Psicologia possa relacionar-se à percepção interna que o aluno tem dos seus motivos para esta escolha.

Estes dados estão correlacionados com resultados de pesquisas tais como as de Ulian, Carvalho, Bastos, et al. (1988); Aquino (1990); Santos (1992), que apontaram o desejo pessoal como um dos motivos para a escolha do Curso de Psicologia.

Na perspectiva do desenvolvimento humano pode-se constatar que, de acordo com a organização cronológica proposta por Bee e Mitchell (1986), para as oito idades do homem (Erikson, 1976, 1987), do total de alunos pesquisados a maioria (99 deles) está na idade do adulto jovem (19 a 25 anos), correspondendo à 6ª idade do homem, quando se estabelece o conflito nuclear da Intimidade versus Isolamento; 11 estão com 18 anos, compreendendo à 5ª idade do homem (13 a 18 anos), que apresenta o conflito nuclear da Identidade versus Confusão de papéis; e 20 se encontram na idade do adulto maduro, 7ª idade do homem (26 a 40 anos), quando se estabelece o conflito nuclear da Generatividade versus Estagnação.

Cabe esclarecer que, de acordo com a organização cronológica referenciada neste trabalho, duas alunas, uma com 46 anos e a outra com 52 anos, deveriam ser consideradas como fazendo parte da última idade do homem, ou seja, 8ª idade, a que propõe o conflito nuclear da Integridade do ego versus a Desesperança. Porém, como alguns intérpretes de Erikson discordam quanto à finalização da 7ª idade aos 40 anos, as alunas foram consideradas, aqui, como representantes desta idade.

A partir das respostas apresentadas, fica evidenciado que os adultos jovens arrolaram o interesse pessoal e o desejo de conhecer o ser humano como motivos que os levaram a realizar o Curso, enquanto os adultos maduros, além destes motivos, discriminaram também o interesse pela área de Humanas.

Tendo por base, então, a caracterização da população pesquisada e a análise das respostas dos sujeitos, foi possível observar que as turmas do Curso de Psicologia da UEM são heterogêneas, tanto no que diz respeito à idade dos acadêmicos quanto às vivências particulares de cada faixa etária. Esta observação converge para o que pensa Dias (1995), quando afirma que as classes dos cursos de Psicologia são profundamente heterogêneas, seja pela idade dos alunos, que pode variar entre 17 e 70 anos, seja pelo nível de conhecimentos. Alunos mais velhos, em sua maioria, apresentam maturidade e uma experiência pessoal diferente das vivências do jovem, exigindo do professor e do Curso dinamismo e criatividade, ao lidar com uma população tão diferenciada.

Em relação aos fatores que influenciaram a escolha dos alunos, ou seja, quem ou o quê contribuiu na decisão do aluno em cursar Psicologia, observa-se que a maioria dos alunos do 1º e do 5º ano mencionaram ser esta uma *decisão pessoal*, enquanto os do 3º ano atribuíram-na à *família*, aos *parentes* e aos *amigos*. (Tabela 4 e Gráfico 15)

Outros fatores também são indicados pelas três séries pesquisadas: conhecimentos prévios sobre o Curso e o contato com profissionais e professores, especialmente os alunos que cursaram o Magistério e que tiveram Psicologia entre as suas disciplinas; palestras, seminários e leituras (Gráfico 14). Pode-se constatar, portanto, que este processo de decisão está vinculado às influências exercidas tanto pelo mundo interno, representado pela resposta que indica uma decisão pessoal, quanto pelo mundo externo, representado por eventos e pessoas que são significativos na vida do indivíduo.

Conforme observado por Dias (apud Bock, et. al 1995), Bock et. al (1995), Andrade (apud Levenfus, 1997), Lucchiari (apud Levenfus, 1997) e Greca (1997-1998), a família acaba tendo uma influência ímpar sobre esta escolha, tanto por ser um modelo significativo quanto por representar apoio e proteção. Ela é tida como ancoradouro seguro, permitindo, assim, a passagem gradativa para novas formas de interação, em que a responsabilidade e a independência se fazem, portanto, divididas, aliviando possíveis temores relacionados ao medo de errar.

O grupo de pares é também destacado, constituindo um grupo de referência, cuja aprovação é buscada, permitindo ao adolescente tanto sentir-se entre os iguais (Knobel, 1981), quanto buscar novos modelos de identificação, uma vez que esta decisão também contou com a contribuição e o apoio dos amigos. (Osório, 1989)

Outro aspecto apontado pelos alunos como decisivo para esta escolha foi o fato de alguns deles terem se submetido à terapia. Conforme já foi notado por Ferreira (1995), em seu estudo sobre os motivos de escolha da profissão de psicólogo, dado como este sugere que a busca de autoconhecimento, para alguns, inclui a ajuda de profissionais psicólogos, com os quais eles se identificam, e possivelmente adotam como modelos profissionais.

O resultado do Teste de Qui-quadrado de Pearson (Tabela 5), conclui pela independência entre as respostas dadas pelos alunos, relacionando quem ou o quê contribuiu para a decisão pelo Curso de Psicologia com a série que o aluno cursa. Este resultado possibilita deduzir que o conteúdo trabalhado nas séries pesquisadas não representa influências na percepção que o aluno tem dos fatores que o auxiliaram ou influenciaram na escolha.

À luz do momento evolutivo, não houve diferenças entre os grupos, isto é, tanto adultos jovens quanto maduros pesquisados mencionaram família, parentes e amigos, e decisão pessoal como fatores que influenciaram sua decisão. Vale ressaltar que alguns jovens

também incluíram o conhecimento prévio da área , contato com professores e profissionais como fatores determinantes.

Estes dados nos reportam ao processo de identificação e ao mecanismo de reparação descritos por Bohoslavsky (1993), para a compreensão da eleição de uma profissão. Como destacado nos resultados obtidos neste núcleo temático, os pais e outras pessoas significativas passaram a ser modelos de futuras escolhas. Entende-se também que esta escolha pode estar vinculada à necessidade de restaurar conteúdos internos danificados pela fantasia do indivíduo durante o seu processo de desenvolvimento, tendo como indicador o desejo manifesto de conhecer as pessoas e prestar ajuda à elas, partindo de algo estritamente pessoal (interesse e decisão pessoais).

De modo geral, pode-se concluir que existem tanto semelhanças quanto diferenças na eleição dos motivos de escolha. As semelhanças estão mais presentes nos alunos ingressantes e concluintes e as diferenças nos alunos intermediários. Entre adultos jovens e maduros, prevaleceram as semelhanças. Os dados obtidos permitiram o reconhecimento de que o curso ainda é selecionado a partir de fatores de ordem pessoal, que incluem o desejo de conhecer o homem e, provavelmente, a si próprios.

7.2.2 Expectativas com Relação ao Curso e seus Aspectos Determinantes

Neste núcleo temático foram analisadas as respostas relacionadas às aspirações iniciais e atuais dos alunos com relação ao Curso; a correspondência das expectativas com o presente momento e os motivos relatados para a manutenção das mesmas, assim como a existência e a descrição das dificuldades na realização do Curso, e o momento em que ocorreram.

Constatou-se, através dos dados obtidos, que a expectativa inicial em relação ao Curso, da maioria dos 130 alunos pesquisados, era a de que o mesmo possibilitasse conhecimentos que permitissem a eles *entender as pessoas* visando a realização pessoal. (Tabela 6 e Gráfico 18)

Em relação às séries pesquisadas pode-se verificar que entre os alunos do 1º ano a aspiração mais freqüente era a de encontrar no Curso espaço para o debate sobre diferentes temas e assuntos; já os alunos do 3º ano apontaram mais expressivamente que esperavam entender as pessoas, e os do 5º ano buscavam, predominantemente, a realização pessoal. (Gráfico 17)

Outras respostas também foram registradas nas três séries, como a que indica o desejo de ajudar os outros e a de obtenção de conhecimentos específicos da Psicologia desde o primeiro ano do Curso.

Estes dados permitiram verificar a existência de diferenças na percepção dos alunos em relação ao que esperam encontrar no Curso.

Pode-se apontar, então, que os anseios iniciais relacionam-se tanto ao desejo de conhecer o outro quanto podem indicar também um desejo de autoconhecimento, talvez porque a maioria, ao iniciar o Curso, estivesse lidando ainda com questões referentes à sua identidade, delimitando o quanto são iguais e diferentes das outras pessoas. Ainda esperam realizar-se pessoalmente, assim como têm a expectativa de ajudar as pessoas, evidenciando almejos pessoais relacionados à Psicologia. Assim, vemos que existem tanto pretensões iniciais vinculadas à questões pessoais quanto relacionadas ao Curso.

Ajudar e entender as pessoas e desejo de realização foram as expectativas observadas em mais da metade dos alunos pesquisados (69), quando iniciaram o Curso. Este dado indica semelhança com o apontado por Carvalho (1988), quando conclui, em seu estudo sobre a visão da formação com alunos de Psicologia, que estes trazem consigo aspirações e

preconcepções que evidenciam a busca deste Curso como profissão ou prática e não como área de conhecimento e ciência. Além disso, em pesquisa anterior sobre a distribuição dos psicólogos no mercado de trabalho, Carvalho (1982), enfatiza que o aluno, ao ingressar no Curso, já tem uma imagem que o leva a escolher o que cursar e aprender de forma coerente com esta imagem.

Neste ponto incisivo, Ulian, Carvalho, Bastos, et al. (1988), em seus estudos sobre a formação e o exercício profissional do psicólogo, apontaram como desejo dominante o autoconhecimento nos seus pesquisandos, e Santos (1992b), ao investigar as representações sociais da Psicologia em alunos deste Curso, indicou, ainda, o interesse no conhecimento do outro.

Embora as expectativas iniciais da maioria dos acadêmicos aponte diferenças em relação às séries, elas podem e devem ser analisadas também de acordo com o momento evolutivo.

É nesta questão que, de modo mais explícito, são observadas diferenças entre as expectativas dos alunos de 19 a 25 anos (adulto jovem) e as dos alunos de 26 a 52 anos (adulto maduro). Enquanto os primeiros apresentam desejos iniciais vinculadas à realização pessoal, ao debate de diferentes assuntos e opiniões, e ao anseio de entender as pessoas, os últimos esperam somente obter realização pessoal. Estas expectativas traduzem-se nas verbalizações:

- *Que ele me ajudasse a compreender melhor as pessoas e a sociedade, auxiliando no que fosse possível.* (aluna do 1^a ano, 20 anos)
- *Esperava que fôssemos filosofar bastante, muita leitura e nos aprofundar nas questões e enigmas do homem.* (aluna do 3^o ano, 25 anos)
- *O que estou quase conseguindo: satisfação de ter escolhido o que queria e ter acertado e obter conhecimento.* (aluna do 5^o ano, 27 anos)

É possível verificar que as expectativas iniciais apresentam algumas diferenças entre as idades. Este dado pode ser compreendido à luz do fato de os mais jovens terem uma percepção diferenciada dos adultos maduros em função da experiência de vida destes últimos, que buscam realização pessoal, em objetivos talvez adiados durante muito tempo, enquanto os mais jovens ainda estão movidos pelo desejo de conhecer mais sobre si e sobre a vida.

A investigação dos propósitos atuais dos alunos revelou que a maioria (79 alunos) espera, atualmente, que o Curso *forneça bases suficientes para que possam ser bons profissionais*, sendo esta a aspiração maior dos alunos ingressantes, intermediários e concluintes. (Tabela 7 e Gráfico 21)

Importa destacar que, nas séries pesquisadas, outros anseios também se fizeram presentes, como o que aponta a aplicação prática dos conhecimentos, pelos alunos do 3º ano, e a preocupação com a qualidade do conhecimento recebido entre os alunos do 5º ano. (Gráfico 20)

Estes resultados estão concordes com os obtidos por Santos (1992c), que menciona como uma expectativa do aluno de Psicologia a de que o Curso possibilite o aprimoramento do contato com o outro e o obtido por Ferreira (1995), que salienta a vontade de que o Curso forneça condições para o exercício da profissão, tanto em nível teórico quanto prático.

Em relação às intenções atuais, tanto adultos jovens quanto maduros citaram a esperança de que o Curso possibilite boa base para a futura atuação profissional. Tal afirmativa pode ser observada nas frases:

- *Que ele me dê base suficiente para que eu seja um bom profissional.*
(aluno do 1º ano, 20 anos)

- *As minhas expectativas são sobre a formação. Eu espero que o curso dê uma base bastante rica, para que eu possa continuar a me desenvolver nesta área.* (aluna do 3º ano, 23 anos)
- *Que forme profissionais capacitados para estarem atuando nas áreas devidas, com maturidade de escolha, dedicação e respeito com o “outro”.* (aluna do 5º ano, 25 anos)

Diante disso, percebe-se que há uma mudança significativa nas pretensões que caracterizam o aluno ao ingressar no Curso, em relação às expectativas no seu final. Enquanto no início percebe-se a existência de propósitos ligados a uma visão do senso comum, atualmente, observa-se uma percepção que podemos chamar de mais centrada na realidade, com preocupações diretamente vinculadas à formação profissional que o Curso proporciona. Esta interpretação deve ser entendida como própria do processo de conhecimento e de construção do adulto.

O resultado do Teste Estatístico permite concluir que tanto em relação às expectativas iniciais quanto às atuais existe independência entre as respostas e a série (Tabela 8 e 9). É possível entender que realmente, o desejo inicial independe dos conhecimentos obtidos na série, uma vez que esta percepção é anterior a estes conhecimentos; mas, o fato de elas independerem da aspiração atual leva-nos a refletir sobre outras possibilidades de análise. Ao escolher e entrar no Curso, a maior parte dos alunos encontra-se ainda vinculada às questões da adolescência, mas ao examinar suas expectativas mais adiante, a maioria já vivencia um outro momento evolutivo, podendo estas serem atribuídas à construções internas, vinculadas ao próprio processo de amadurecimento pessoal.

Esta constatação ratifica a formulação de Erikson (1976), no sentido de que o requisito fundamental para a idade do adulto jovem é o firme sentido de identidade, legado da 5ª idade, permitindo o verdadeiro envolvimento com o outro e com o trabalho. Assim, a vivência universitária, a apreensão e a reflexão de novos conhecimentos, o convívio com

diferentes pessoas, os desafios advindos destes envolvimento e das tarefas propostas, enfim, o processo de amadurecimento pessoal apresenta-se como a chave para esta compreensão.

Outro dado investigado neste trabalho foi a correspondência entre as expectativas, isto é, se o Curso de Psicologia está adequado às aspirações que os alunos tinham quando optaram por ele.

Os resultados obtidos apontaram que para 67,69% dos 130 alunos pesquisados o Curso está satisfazendo aos desejos que tinham inicialmente, porém para 27,69% não está correspondendo. (Tabela 10 e Gráficos 23 e 24)

Vários motivos foram citados pelos alunos, para justificar a manutenção das expectativas iniciais. Dentre eles destacaram-se, nas três séries, *os conhecimentos obtidos no Curso* sobre a profissão de psicólogo. (Tabela 11 e Gráfico 27)

Além desta, outras razões também foram indicadas, como a que se refere às teorias aprendidas ou em processo de aprendizagem, às disciplinas cursadas e aos bons professores, especialmente pelos alunos do 1º ano, e ainda, o fato de terem adquirido um novo entendimento da Psicologia, apontado mais pelos do 5º ano. (Gráfico 26)

No que diz respeito à falta de correspondência observou-se, mais consistentemente entre os alunos do 1º ano, que as causas relacionadas foram a falta de qualificações do professor para o ensino e a grade curricular do Curso.

A análise destes dados aponta semelhanças entre os alunos ingressantes, os intermediários e os concluintes, no entendimento de que o Curso está em conformidade com as expectativas iniciais deles, assim como existe relação entre os motivos e as aspirações. Este fato denota que as razões apontadas para a conservação das expectativas referem-se a um núcleo comum, que envolve tanto as teorias, as disciplinas e o conhecimento advindo destas, quanto os bons professores.

Em relação às idades, verificou-se que jovens e adultos maduros entendem que o Curso foi condizente às suas expectativas, com exceção dos adultos maduros do 3º ano, que apontaram que o Curso não corresponde às expectativas que tinham inicialmente. Estes apresentaram argumentos relativos à preocupação com o mercado de trabalho, à atuação dos professores (falta de coerência e profundidade), ausência de oportunidades para falarem como se sentem diante do Curso e o fato de o considerarem muito teórico.

Para justificar a manutenção das expectativas, os adultos jovens das três séries indicaram o conhecimento da profissão obtido através do Curso, e as teorias, as disciplinas e os bons professores.

Estas justificativas estão presentes nas verbalizações:

- *Por enquanto, no decorrer deste primeiro ano de universidade, me deparei com novos conhecimentos que me proporcionaram olhar de diferentes formas para diferentes aspectos da vida humana, social, pessoal... (aluna do 1º ano, 19 anos)*
- *Estou conhecendo e entrando em contato com as formas de ação da ciência psicológica e as teorias que a sustentam. (aluna do 3º ano, 19 anos)*
- *O fato de conhecer melhor a profissão, os temas que a Psicologia aborda e as disciplinas cursadas. (aluna do 5º ano, 23 anos)*

Já os adultos maduros do 1º e do 5º ano atribuíram a manutenção das suas expectativas, mais declaradamente, ao conhecimento da profissão/curso, a teoria/disciplinas/bons professores e também a uma nova compreensão da Psicologia, possibilitada pelos conhecimentos recebidos durante a realização do Curso.

Portanto, no que se refere ao momento evolutivo, a diferença entre os grupos demonstra que, apesar de o eixo das elaborações obedecer a um mesmo núcleo, os adultos maduros indicam mudanças ocorridas em suas expectativas em função de um novo entendimento da Psicologia, proporcionado pelo Curso, dado este avaliado como positivo

pelos alunos. A compreensão deste dado remete à afirmação que Muller (1988), faz em relação ao adulto maduro, de que o mesmo tem uma disposição a reconsiderar e a modificar, pela experiência e pelo conhecimento, suas atitudes, crenças e condutas, não obstante mantendo sua integridade e suas orientações básicas.

A conclusão observada no resultado do Teste Estatístico, nestas duas questões (se o Curso está correspondendo ao que esperavam inicialmente e as causas apontadas), registrou independência entre as respostas apresentadas e a série (Tabela 12 e Tabela 13). Este dado permitiu deduzir que a vivência do Curso como um todo, não só a série, pode ser a responsável por este resultado.

Os resultados obtidos também apontaram que a maioria dos alunos, 67,69%, encontrou dificuldade na realização do Curso de Psicologia (Tabela 14 e Gráficos 29 e 30). Estes obstáculos referiram-se, predominantemente, à *carga horária do Curso*, especialmente para os alunos do 3º ano, pois, uma vez que o mesmo é integral, o tempo para estudar ou para se envolverem em outras atividades ficava muito reduzido; e *problemas com disciplinas*, apontadas mais expressivamente pelos alunos do 1º e do 5º ano. (Tabela 15 e Gráfico 33)

Além destas dificuldades, são indicadas outras. Cada um dos grupos pesquisados encontrou uma forma particular de relacioná-las, ou seja, os alunos do 1º ano apontam dificuldades em disciplinas e problemas pessoais; os do 3º ano citam dificuldades emocionais em função dos conteúdos estudados e a carga horária excessiva; e os do 5º ano mencionam mais as questões financeiras. (Gráfico 32)

Estas constatações permitem observar que muitos são os transtornos apontados pelos alunos na realização do Curso de Psicologia, envolvendo tanto questões pessoais quanto relativas ao próprio Curso.

Além de apontar os contratempos, os alunos das três séries também os relacionaram ao momento do Curso em que eles ocorreram. Para a maioria eles são sentidos

durante todo o desenrolar do mesmo. Considerando, ainda, que esta resposta pode envolver os alunos do 1º ano que o apontaram como o momento das dificuldades, obtém-se um total de 50 alunos com problemas durante todo o tempo da realização do Curso. (Tabela 19, Gráfico 36)

Para os alunos do 3º ano, este foi destacado como gerador de muitos obstáculos (Gráfico 35), levando-nos a pensar, como afirmou Dias (1995, p.133), em seu estudo sobre a dúvida da continuidade dos estudos universitários, que o mesmo constitui um *divisor* do Curso. A autora entende que este ano, intermediário no Curso de Psicologia, apresenta algumas especificidades, sendo central nos cursos superiores que têm duração de cinco anos e que, aparentemente, o acadêmico que atravessa o terceiro ano ultrapassou o período mais difícil, seja de adaptação seja de compreensão do que é um curso superior.

Os resultados apresentados com relação às dificuldades e ao momento de sua ocorrência ganharam novas possibilidades de análise quando se constatou que o resultado do Teste de Qui-quadrado concluiu pela dependência de ambos com a série que o aluno cursa (Tabela 17, 18 e 20). Este dado sugere que cada série, além de propor novos conhecimentos, indica também novos desafios e a necessidade de novos ajustamentos, levando o aluno a experienciá-la como mais ou menos difícil, apresentando, portanto, mais ou menos obstáculos.

Este fato é facilmente constatável, entre jovens e adultos maduros. Enquanto os jovens vão além, nas explicitações de suas razões, apontando dificuldades com a carga horária do Curso, com as disciplinas, problemas financeiros e emocionais, os adultos maduros ressaltam obstáculos relacionados à carga horária do Curso e a questões pessoais, sem, no entanto, explicitá-los.

Em relação ao momento do Curso em que ocorreram as dificuldades, os adultos jovens as localizaram durante todo o tempo no 1º e no 3º ano, assim como atribuíram

à adaptação ao Curso e às avaliações às causas das dificuldades sentidas. Já os adultos maduros indicaram que as barreiras aconteceram no 3º e no 5º ano do Curso.

Desta forma, podemos deduzir que existem impedimentos tanto para adultos jovens quanto maduros, mas que os problemas relacionados, bem como o seu momento de ocorrência, indicam particularidades, as quais se relacionam, no nosso entendimento, à própria vivência, uma vez que a questão básica reporta-se às dificuldades pessoais. Esta questão permitiu vislumbrar que enquanto os jovens encontram-se mais envolvidos com o Curso e provavelmente com a busca de um parceiro, os adultos maduros talvez estejam se defrontando com a necessidade de conciliar a vida familiar e amorosa com os seus estudos, atendendo a diferentes responsabilidades, características da 7ª idade do homem. (Erikson, 1976, 1987)

7.2.3 Visão Inicial e Atual da Psicologia

Neste núcleo temático foram analisadas as respostas dos alunos relacionadas à visão inicial e à concepção atual da Psicologia.

A percepção que a maioria dos alunos pesquisados (48) tinha da Psicologia, à época do vestibular, era a de uma *ciência* cujo objeto de estudo era o *comportamento do homem*. (Gráfico 39)

Esta forma de entendimento da Psicologia foi destacada no estudo realizado por Ferreira (1995), que obteve este mesmo dado ao investigar os motivos de escolha deste Curso pelos acadêmicos da Universidade Metodista de Piracicaba. Também foi esta a compreensão dos estudantes encontrada na investigação sobre a caracterização dos alunos de Psicologia realizada por Campos, Silva Filho, Campos et al. (1996). Estes mesmos atributos

(ciência, comportamento), igualmente foram indicados na pesquisa sobre o conceito de Psicologia de Campos, Martinez, Almeida et al. (1995).

Tais estudos indicam que a visão inicial que o aluno tem da Psicologia, ao optar por este Curso, é de uma ciência que estuda o comportamento humano, o que se confirma no presente trabalho.

Nesta pesquisa ainda se observou que existem outras formas de entendimento inicial da Psicologia. Para alguns alunos, com destaque para os do 1º ano, era percebida como a possibilidade de ajudar às pessoas; para outros, especialmente os que cursam o 3º ano, ela era algo fantástico, misterioso e mágico; para outros ainda, como aqueles que cursam o 5º ano, era vista como uma possibilidade de obtenção de compreensão pessoal, e como eminentemente clínica. (Tabela 21, Gráfico 38)

Estes dados mostram-se coerentes com os obtidos em outros trabalhos. A exemplo de estudos sobre os motivos de escolha do Curso de Psicologia realizados por Lázaro, Oliveira e Marques (1986), e por Ferreira (1995), o aluno, ao ingressar no Curso, conceitua a Psicologia como instrumento que permite autoconhecimento e ajuda aos outros. Também a pesquisa de Ulian, Carvalho, Bastos, et al. (1988), sobre a formação e o exercício profissional do psicólogo, acentua o fascínio dos alunos pelo objeto e pela prática profissional.

A análise destes mesmos dados, à luz do momento evolutivo, permitiu a constatação de que entre os adultos jovens prevaleceu a visão da Psicologia como estudo do comportamento, a possibilidade de ajudar as pessoas e também como algo mágico e misterioso. Algumas respostas evidenciam estas visões:

- *Era a ciência que estudava o comportamento dos homens.* (aluna do 1º ano, 19 anos)

- *Era uma formação que pudesse compreender o comportamento das pessoas e dessa forma ajudá-las.* (aluna do 5º ano, n.21, 24 anos)
- *Ciência que iria me tornar capaz de conhecer as pessoas, até seus conteúdos mais íntimos, mesmo sem dizê-los.* (aluna do 3º ano, 21 anos)

Em relação aos adultos maduros verificou-se o predomínio da visão da Psicologia como uma ciência voltada para o estudo do comportamento e para a compreensão pessoal, presente nas verbalizações:

- *Eu via a Psicologia mais voltada para o estudo do comportamento humano.* (aluna do 1º ano, 27 anos)
- *Além de uma forma de autoconhecimento e conhecimento do outro, também o tratamento.* (aluna do 3º ano, 29 anos)

Estes resultados evidenciam que a diferença básica entre estes dois grupos é que o primeiro aponta o fascínio exercido pelo objeto de estudo da Psicologia, uma vez que não consegue ter uma compreensão clara do que ela é; e o outro grupo consegue percebê-la numa ótica pessoal, talvez como uma possibilidade de auto- esclarecimentos.

A investigação sobre a visão atual da Psicologia indicou que para a maioria (36,2%) dos alunos ingressantes, intermediários e concluintes é entendida como o *estudo do homem e suas relações, promovendo a sua compreensão e a sua saúde mental* (Gráfico 42). Esta compreensão dos alunos permite perceber que o objeto de estudo da Psicologia é atribuído ao homem e às suas relações, de forma a levar ao conhecimento deste homem, e que a finalidade da ação psicológica se traduz na saúde mental deste.

Despertou a nossa atenção o número significativo de alunos do 1º ano (15) com esta visão (Tabela 22, Gráfico 41). A análise deste fato sugere algumas possibilidades explicativas. Primeiro, como parte desta análise foi levantada a idade dos alunos que

indicaram esta percepção, obtendo-se o predomínio dos mais jovens (18 a 21 anos). Num segundo momento, foram retomadas as respostas apresentadas por estes alunos e percebeu-se o uso recorrente dos termos: subjetividade, individualidade, relações entre o homem e a sociedade, promoção de saúde mental.

A análise realizada indicou possibilidades de entendimento, mas não permitiu concluir sobre a elaboração de tal visão nestes alunos. Uma das possibilidades e a que apresentou-se como a mais viável foi a de que existam outras variáveis, não controladas neste trabalho, como o fato de os dados terem sido coletados em setembro de 1998. Isto é, vários meses se passaram desde o início das aulas até a coleta dos dados desta pesquisa, propiciando que o conteúdo de algumas disciplinas pudessem estar presentes nesta visão da Psicologia, assim como as próprias condições socioculturais favoráveis destes alunos podem ter permitido o acesso à variadas informações. Além disso, as experiências com a Psicologia e com os psicólogos, antes e após o início da vida universitária, podem ter influenciado.

A análise das faixas etárias apontou que os adultos jovens entendem a Psicologia, atualmente, como o estudo do homem e das suas relações, tendo o objetivo de promover a saúde mental deste homem. Para eles a Psicologia também é definida como a ciência que estuda o comportamento humano. Isso pode ser observado nas seguintes manifestações:

- *O estudo das relações entre os homens e a sociedade, de maneira a promover o bem-estar deste.* (aluna do 1º ano, 20 anos)
- *Ciência que estuda fatores da vida humana, ligados aos conteúdos subjetivos, suas relações emocionais e sociais. É uma ciência que não só trata, mas visa à prevenção, para que o homem viva bem e como um ser total.* (aluna do 3º ano, 21 anos)
- *É a área que compreende o ser humano, faz-nos entender o porquê dos comportamentos, e promove a saúde mental.* (aluna do 5º ano, 24 anos)

Quanto à concepção atual da Psicologia, constatam-se diferenças significativas entre o grupo de jovens e o de adultos maduros. Enquanto os primeiros apresentam uma definição de caráter acadêmico-científico para a Psicologia, os últimos indicam, predominantemente, uma visão vinculada a objetivos pessoais. Esta percepção pode ser evidenciada nas verbalizações:

- *É um objetivo que tracei em minha vida e que tentarei alcançar.* (aluna do 1º ano, 29 anos)
- *Um curso que eu adoro fazer...* (aluna do 3º ano, 35 anos)
- *A profissão que escolhi, o meu futuro.* (aluno do 5º ano, 32 anos)

Os dados obtidos neste núcleo temático apontam a existência de diferenças, tanto entre a visão inicial e a atual da Psicologia, quanto diferenças entre o grupo de adultos jovens e o grupo de adultos maduros.

Deve-se levar em conta que os alunos não pertencem a um meio com condições idênticas, nem estão sujeitos ao mesmo tipo de informações e elaborações. Formam, então, um grupo muito heterogêneo, tanto em idade e em condições socioeconômicas e culturais como em relação ao momento evolutivo que vivenciam. Evidencia-se, também, conforme salientado por Havighurst (1972), preocupações das pessoas nesta faixa etária (adulto maduro) com as suas metas de vida.

O resultado do Teste Estatístico para a concepção inicial e a atual da Psicologia rejeita H_0 (Tabela 23 e 24), permitindo que se conclua que ambas as percepções não têm relação de dependência com a série que o aluno cursa. Esta conclusão possibilita algumas reflexões.

Ao iniciar o Curso os alunos têm uma compreensão mais leiga da Psicologia, mas à medida que avançam no Curso o esperado é que o seu entendimento se

torne mais científico, em função dos conhecimentos que vão sendo elaborados em cada série. O fato de as respostas sobre a conceituação da Psicologia que possuem, atualmente, não depender das séries que cursam, indica que, possivelmente, toda a sua vivência universitária, que inclui não só os conhecimentos recebidos, mas também o contato com profissionais, professores e amigos, cursos extra-sala e o próprio amadurecimento pessoal, possam ser responsabilizados pela elaboração deste conceito.

7.2.4 Perspectivas em Relação à Profissão

Neste núcleo temático foram analisadas as respostas relacionadas a respeito do trabalho do psicólogo e a expectativa profissional dos acadêmicos.

Os dados obtidos em relação à percepção que os alunos possuem do trabalho do psicólogo permitiram constatar que o mesmo é compreendido a partir de três interpretações principais.

A primeira reporta-se ao entendimento que privilegia o seu papel como de alguém que *auxilia as pessoas*, aliviando o sofrimento delas. Esta foi a resposta da maioria (50,8%) dos alunos pesquisados, predominando entre os ingressantes, intermediários e concluintes. (Gráfico 45)

A segunda interpretação indicou o entendimento, pelos alunos, de que o psicólogo é o profissional que *trabalha com o homem e as suas relações*, também apresentada pelos alunos das três séries, e com maior predominância entre os do 5º ano. (Tabela 25)

A terceira forma de compreensão apontou que o trabalho do psicólogo *depende da área* em que ele atua, nas três séries, porém mais expressivamente pelos alunos do 1º ano. (Gráfico 44)

A análise destes dados possibilita perceber que a visão delineada inicialmente quanto aos motivos de escolha do Curso (entender as pessoas e ajudá-las), reaparece na percepção do “fazer” psicológico, demonstrando, também, o entendimento da Psicologia em uma visão mais clínica.

Esta visão se pauta no fato de que as respostas dos alunos das três séries estão relacionadas, de alguma forma, à relação de ajuda e ao conhecimento de si e do outro, o que indica, ainda, uma visão assistencialista da Psicologia, fato este também verificado por Bock (1997) em seu artigo sobre a formação do psicólogo.

Esta mesma percepção é apontada em trabalhos como o de Ferreira (1995), que, ao investigar os motivos de escolha do Curso de Psicologia, obteve dados que indicaram que o trabalho do psicólogo era percebido pelos alunos como eminentemente clínico e assistencialista.

Lázaro, Oliveira e Marques (1986), em sua pesquisa sobre os motivos de escolha do Curso de Psicologia com alunos iniciantes e concluintes, encontraram dados que o aluno no início e no final do Curso percebiam a Psicologia como uma forma de resolver problemas.

O resultado do Teste Estatístico de Qui-quadrado de Pearson, para esta questão, permite concluir que existe independência entre as respostas dos alunos e a série que cursam (Tabela 26). Este resultado indica a necessidade de algumas reflexões. Na medida em que a série em que o aluno está não se relaciona com as respostas sobre o trabalho do psicólogo, provavelmente existam outras variáveis que concorrem para a percepção que apresentaram.

A análise das respostas deveria, então, incluir dados referentes à condição sociocultural dos alunos, o conhecimento prévio da atuação deste profissional, informações obtidas com profissionais, professores e amigos; portanto, experiências anteriores ao Curso e

às obtidas através da vivência universitária. Como estas variáveis não foram controladas neste trabalho, não se faz possível a sua análise, bem como conclusões à respeito.

Nesta tentativa de análise, Santos (1992), em seu trabalho sobre as representações sociais da Psicologia com alunos deste Curso, afirma que existe pouca influência do Curso nas representações que o aluno tem da profissão e do futuro profissional.

Sob a perspectiva do desenvolvimento, constatou-se que os adultos jovens consideram o trabalho do psicólogo como pautado no auxílio, na ajuda, visando ao alívio do sofrimento psíquico do homem. Esta visão está presente nas verbalizações:

- *Auxilia as pessoas a entender e encontrar suas próprias falhas e soluções para seus problemas.* (aluna do 1º ano, 19 anos)
- *O psicólogo auxilia o outro a entender e aceitar sua condição humana, se conhecer mais e lidar com o sofrimento psíquico.* (aluna do 3º ano, 21 anos)
- *Atua no sentido de auxiliar as pessoas na melhoria na qualidade de suas vidas, tanto a nível pessoal quanto no nível das relações com os outros.* (aluna do 5º ano, 24 anos)

Já os adultos maduros apontam mais que o trabalho do psicólogo depende da área em que ele atua e do trabalho com o ser humano e suas relações, o que se evidencia nas frases:

- *Vai depender da área escolhida...* (aluna do 1º ano, 33 anos)
- *De maneira geral, independente da área de atuação, o psicólogo busca trabalhar as relações que o indivíduo estabeleceu, objetivando garantir uma qualidade de vida melhor.* (aluna do 5º ano, 36 anos)

A expectativa profissional da maioria dos alunos não indica uma possível escolha, pois observou-se que 52 alunos (40,0%), estão *indecisos* quanto ao futuro (Gráfico 48). Destes, a maioria (24), pertence ao 1º ano do Curso (Gráfico 47), o que significa que eles, provavelmente, não se sentem pressionados ou inclinados a uma definição, uma vez que ainda têm muito tempo para esta tomada de decisão.

A indecisão quanto ao futuro é um dado também observado por Abreu, Leitão, Paixão, et al. (1996), em sua pesquisa sobre as aspirações e os projetos pessoais dos alunos do ensino superior.

Continuar os estudos é a expectativa de 26 alunos. Destes, 17 estão cursando a 5ª série. Isso denota a preocupação em dar continuidade à sua formação.

Em relação à escolha das áreas de atuação profissional, além das tradicionais (Clínica, Trabalho e Escolar) foram apontadas as de Hospitalar, Jurídica, Educação Especial e a Docência.

No que se refere às áreas tradicionais da Psicologia, observou-se o predomínio da escolha pela Área Clínica (20 alunos). A área de Psicologia do Trabalho foi indicada por oito alunos e a de Psicologia Escolar por três alunos, sendo que entre os alunos que apontaram a Área de Escolar nenhum se encontra no 1º ano do Curso. (Tabela 27)

Santos (1992b), ao analisar as representações sociais da Psicologia em alunos de diversos períodos do Curso, concluiu que em todas as séries pesquisadas a preferência maior concentra-se na Área Clínica, com um aumento significativo entre os alunos do último semestre. Nessa mesma linha, Campos, Silva Filho, Campos, et al. (1996), em sua pesquisa sobre a caracterização dos alunos de Psicologia da USF/Itatiba, também obtiveram dados que indicam que a maioria dos alunos tem a expectativa de atuar nessa área.

A pesquisa realizada por Braga (1998), sobre como os adolescentes vivenciam a ansiedade, o nervosismo e o stress à época do vestibular, também aponta dados

sobre as expectativas profissionais dos alunos do Curso de Psicologia, revelando que a maioria deles pretende se realizar profissionalmente; outros esperam poder ajudar as pessoas, muitos desejam trabalhar em clínica e os demais querem fazer Pós-Graduação.

Abreu, Leitão, Paixão, et al. (1996), pesquisando sobre as aspirações e os projetos dos estudantes do ensino superior, com alunos de diferentes cursos, incluindo os de Psicologia, apontam que, face ao ingresso no mundo do trabalho, as expectativas encontram-se concentradas em torno de um emprego que os acadêmicos esperam conseguir a curto ou a médio prazo e que em relação à futura carreira profissional muitos ainda não planejaram nada a este respeito ou estão em fase inicial desse processo.

No tocante às expectativas profissionais dos alunos, tanto entre os adultos jovens quanto entre os adultos maduros predominou a indecisão e o interesse em dar continuidade aos estudos. Quanto à área de atuação mais apontada, nos dois grupos, destacou-se a Clínica, assinalando também a existência de um conhecimento mais ampliado das áreas de atuação deste profissional.

O resultado do Teste Estatístico permite concluir que existe independência entre a percepção do que faz o psicólogo no seu trabalho e a série que o aluno cursa (Tabela 26). No entanto, existe dependência entre a expectativa profissional e a série (Tabela 28), indicando que muitas áreas aparecem como opção em virtude de conteúdos trabalhados no ano em que o aluno se encontra, sugerindo que algumas áreas não sejam citadas em função de o aluno ainda não ter tido conhecimentos que permitam um entendimento da sua atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de uma profissão e a sua vivência em um curso universitário constituem marcos relevantes na vida do homem. A partir destas vivências é que se constrói o profissional habilitado a agir na sociedade através do desempenho de funções e de ações que visam atender tanto aos desejos e necessidades internas quanto às expectativas sociais que se vinculam ao seu papel.

Os resultados aferidos neste trabalho possibilitaram dados que permitem tanto um reconhecimento da população que optou pelo Curso de Psicologia da UEM quanto dos motivos de sua escolha e as suas expectativas em relação ao Curso e à sua futura atuação profissional.

A população pesquisada, constituída de 130 acadêmicos com idade entre 18 e 52 anos, entre ingressantes, intermediários e concluintes, caracteriza-se como um grupo heterogêneo, tanto em idade quanto em expectativas e momento evolutivo do seu desenvolvimento.

Foi possível constatar que esta população é composta, em sua maioria, de adultos jovens, com idade entre 19 e 25 anos, solteiros e do sexo feminino. Seus pais têm escolaridade de básica a superior, renda mensal em torno de 700 a 1.300 reais, e suas famílias são constituídas de quatro a cinco membros.

Levando em consideração que os diferentes momentos que vivenciam mostram condutas mais amadurecidas, dadas tanto pelo mundo objetivo quanto pelo mundo subjetivo, podem ser apontados alguns pontos relevantes:

- como indicado pelos teóricos pesquisados, a adolescência caracteriza-se, por excelência, como o momento da escolha profissional;
- a vivência universitária ocorre, para a maioria, durante a idade do adulto jovem (Erikson, 1976, 1987), com sua ênfase na busca de autonomia e independência;
- a escolha ou a sua possibilidade real de vivência também ocorre em idades mais avançadas, caracterizando pessoas que se encontram na idade do adulto maduro (Erikson, 1976, 1987), possibilitando outras formas de produtividade e criatividade.

Em atendimento aos objetivos previamente estabelecidos neste trabalho, pode-se constatar que, em relação aos motivos de escolha, os resultados obtidos possibilitaram averiguar que o Curso de Psicologia foi preferido em função do interesse pessoal do indivíduo e do seu desejo de conhecer o ser humano. Observou-se a contribuição da família, de parentes e amigos, mas também foi indicada como uma decisão pessoal.

É possível perceber, então, que esta escolha é decorrente de uma história pessoal de desenvolvimento e que os fatores de influência interatuam de diferentes maneiras e de acordo com o significado que assumem para cada indivíduo. Evidencia-se que a preferência por esta formação profissional pode ser o resultado de experiências pessoais vividas pelo adolescente na família, na escola, na sociedade, assim como pode ser constituída através de modelos de identificação.

A expectativa dos alunos em relação ao Curso, quando da escolha deste, era a de entender as pessoas e obter realização pessoal, definindo a Psicologia como a ciência que estuda o comportamento humano.

Mesmo afirmando a existência de dificuldades de ordem pessoal e acadêmica na realização do Curso e localizando-as mais expressivamente durante todo o tempo de sua realização e no 3º ano, foi possível verificar que, para a maioria dos alunos, ingressantes, intermediários e concluintes, o Curso atendeu às expectativas iniciais, através do conhecimento que proporciona, e das teorias, das disciplinas e dos bons professores.

A expectativa atual dos alunos em relação ao Curso é a de que ele os habilite a trabalhar bem profissionalmente, fornecendo boa base teórica e prática; têm um entendimento atual da Psicologia como o estudo do homem e das suas relações, visando a sua saúde mental.

Em relação ao futuro, os acadêmicos mostraram que percebem o trabalho do psicólogo caracterizado como um entendimento clínico de atuação, constatando o predomínio de escolha da Área Clínica, se consideradas as áreas tradicionais de trabalho. Mas, a indecisão quanto ao futuro é o que se registrou mais fortemente, sendo ainda significativa a intenção de continuar os estudos.

A análise dos dados obtidos com os alunos das três séries pesquisadas evidenciou semelhanças e diferenças em três dos núcleos temáticos apresentados (expectativas com relação ao Curso e seus aspectos determinantes, visão inicial e atual da Psicologia e perspectivas com relação à profissão).

A semelhança foi registrada, mais significativamente, no núcleo que tratou das expectativas com relação ao Curso e seus aspectos determinantes, com exceção da expectativa inicial e das dificuldades relacionadas, onde se registraram diferenças. Semelhanças também predominaram na visão inicial e atual da Psicologia. No tocante às perspectivas com relação ao futuro, observaram-se semelhanças no item que tratou da percepção do trabalho do psicólogo.

As diferenças foram mais expressivas no núcleo temático que versou sobre os motivos de escolha do Curso e na expectativa profissional dos alunos das três séries.

Estes dados possibilitaram constatar que os alunos ingressantes, intermediários e concluintes possuem expectativas semelhantes em relação ao Curso e à concepção da Psicologia, apontando mudanças de percepção à medida que avançam no Curso. No entanto, a opção destes alunos pela Psicologia ocorreu em função de diferentes motivos e propósitos profissionais.

Estes mesmos dados, à luz do momento evolutivo, apontaram mais semelhanças entre o grupo de adultos jovens e o de maduros do que diferenças. As semelhanças foram expressivas no núcleo temático que lidou com os motivos para a escolha do Curso, e o das expectativas em relação ao Curso e seus aspectos determinantes, salvo o item que tratou da expectativa inicial, onde as diferenças prevaleceram.

Quanto às perspectivas em relação à profissão, a semelhança foi mais intensa na expectativa profissional, pois na visão do trabalho do psicólogo evidenciaram-se diferenças na sua compreensão entre os dois grupos.

Esta análise permitiu deduzir que adultos jovens e adultos maduros buscam este Curso e o vivenciam movidos por motivos e expectativas semelhantes, mas com concepções diferentes da Psicologia, traduzidas para os jovens na sua especificidade enquanto ciência e para os maduros em propósito e realização pessoais.

Tendo em vista os dados obtidos neste trabalho, acredita-se que seria de imensa validade o acompanhamento longitudinal dos alunos do Curso de Psicologia a partir do 1º ano e no início do período letivo; portanto, sem conhecimento prévio sobre conceitos, teorias, acompanhando-os durante os cinco anos de duração do Curso, para poder avaliar o efeito deste no perfil de seus alunos, o que possibilitaria verificar, assim, as possíveis relações com as expectativas dos alunos e com os seus objetivos.

Além desta, uma outra sugestão é a que envolve um trabalho inicialmente com os alunos do Ensino Médio e depois junto à Coordenação dos Cursinhos, visando fornecer informações sobre a atuação do psicólogo, uma vez que, dadas as novas necessidades e realidades sociais, desvenda-se um campo ampliado de intervenção deste profissional, com destaque para as Áreas de Psicologia Forense, do Trânsito, do Esporte, da Família, do Casal, do Envelhecimento, entre outras.

Espera-se, ainda, que esta pesquisa possa fornecer subsídios às futuras avaliações curriculares dos cursos de Psicologia, de maneira que contemplem a vivência universitária, com atividades de extensão e de pesquisa, de forma a possibilitar ampliação nas opções de escolha do aluno.

Cumprir dizer também que os resultados obtidos com este trabalho não encerram as preocupações relativas ao tema. Ainda que ele tenha possibilitado clarificar muitos aspectos relacionados à escolha e às expectativas dos acadêmicos, suscitaram também novos questionamentos, que despontam como novas perspectivas de estudo e abertura de novos caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. V.; LEITÃO, L. M.; PAIXÃO, M. P. et al. Aspirações e projectos pessoais, condições de vida e de estudo dos alunos do ensino superior de Coimbra. **Psychologica**, n.16, p.33-61, 1996.

AQUINO J. R. G. **Os discursos da formação do psicólogo**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da USP, Universidade de São Paulo.

BEE, H. L.; MITCHELL, S. K. **A pessoa em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 1986.

BOCK, A. M. B. et al. **A escolha profissional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia Ciência e Profissão**, n.17, v.2, p.37-42, 1997.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRAGA, C. M. L. **Ansiedade, nervosismo, stress, como os adolescentes vivenciam a época do vestibular?** Uma análise psicanalítica. Londrina, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – apresentada à UEL, Universidade Estadual de Londrina.

- CAMPOS, L. F. de L.; MARTINEZ, A.; ALMEIDA, S. R. P. et al. Conceito de Psicologia definições e atributos criteriosais na opinião de universitários. **Estudos de Psicologia**, v.12, n.1, p.23-31, 1995.
- CAMPOS, L. F. de L.; SILVA FILHO, N.; CAMPOS, P. R.; et al. Caracterização dos alunos de Psicologia da USF/ Itatiba: características, opiniões e expectativas. **Psico - USF**, v.1, n.2, p.57-82, 1996.
- CARVALHO, A. M. A. A profissão em perspectiva. **Psicologia**, n.8, v.2, p.5-17, 1982.
- _____. A visão dos alunos sobre a sua formação. **Psicologia Ciência e Profissão**, n.1, p.19-21, 1988.
- CARVALHO, A. M. A.; KAVANO, E. A. Justificativas de opção por área de trabalho em psicologia: uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. **Psicologia**, v.3, p. 1-18, 1982.
- CRITES, J. O. **Psicologia vocacional**. Buenos Aires: Paidós, 1974.
- CURTI, A . de L. M. **Escolha profissional e eficácia adaptativa em estudantes universitários**. São Bernardo do Campo, 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Instituto Metodista de Ensino Superior.
- DIAS, E. T. D, M. **A dúvida da continuidade dos estudos universitários: uma questão adolescente**. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da USP, Universidade de São Paulo.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERREIRA, J. D. de S. **Motivos de escolha da profissão e características de personalidade, através do desenho da figura humana, em estudantes de Psicologia e Administração**. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da USP, Universidade de São Paulo.

FIORI, W. R. Desenvolvimento emocional do escolar. In: RAPPAPORT, C. R. et al. **Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência**. São Paulo: EPU, 1981-1982, v.4.

GALLATIN, J. E. **Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1978.

GRECA, S. M. G. **Guia do estudante do Paraná: caminhando para uma escolha segura**. Governo do Paraná / Secretaria da Cultura, Curitiba, 1997/1998.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da personalidade**. 18. ed. São Paulo: EPU, 1984.

HAVIGHURST, R. J. **Developmental tasks and education**. New York, Mc. Kay, 1972.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS J. -B. **Vocabulário de psicanálise**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LÁZARO, C. S.; OLIVEIRA, F. A. L.; MARQUES T. M. Motivos de escolha do curso de Psicologia: comparação da percepção inicial e ao término do curso. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO, 16., Ribeirão Preto, 1986, **Resumo** 135.

LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LUCCHIARI, D. H. P. S. (Org.). **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

MELLO, S. L. **Psicologia e profissão em São Paulo**. São Paulo: Ática, 1975.

MULLER, M. **Orientação vocacional**: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MUUSS, R. E. **Teorias da adolescência**. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. São Paulo: Papyrus, 1993.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PALMIERI, M. W. A. R. **Da sala de aula ao mercado de trabalho: o que estão fazendo os psicólogos egressos da UEL?** Londrina, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - apresentada à UEL, Universidade Estadual de Londrina.

PEREIRA, A. M. T. B. Personalidade de psicólogos que continuaram na área de Psicologia e dos que a abandonaram. **Psicologia em Estudo**, v.2, n.2, p.125-43, 1997.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

RAPPAPORT, C. R. **Escolhendo a profissão.** São Paulo: Ática, 1998.

RODRIGUES, E. A. **Escolher a profissão.** São Paulo: Scipione, 1995..

SANTOS, M. A. O que é a Psicologia? Representação social da profissão entre alunos do curso de formação. In: REUNIÃO ANUAL DE RIBEIRÃO PRETO, 22., São Paulo, 1992. **Resumos de Comunicações Científicas**, São Paulo: S.B.P., Legis Summa, 1992a. p.57.

_____. Os motivos subjacentes à busca da profissão de psicólogo e sua relação com a escolha da área de futura atuação profissional. In: REUNIÃO ANUAL DE RIBEIRÃO PRETO, 22. São Paulo, 1992. **Resumos de Comunicações Científicas**, São Paulo, S.B.P. Legis Summa, 1992b. p.59.

_____. O que habilita e confere competência ao psicólogo?: As habilidades que o aluno espera aprender para se tornar um profissional de Psicologia. REUNIÃO ANUAL DE RIBEIRÃO PRETO, 22. São Paulo, 1992. **Resumos de Comunicações Científicas**, São Paulo, S.B.P. Legis Summa, 1992c. p.60.

SOUZA SANTOS, M. de F. Formar psicólogos para quê? **Psicologia Ciência e Profissão**, v.17, n.2, p.40-1, 1994.

ULIAN, A. L. O.; CARVALHO, A. A.; BASTOS, A. V. B.; et al. A busca da profissão: valores implícitos apontados por psicólogos. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 40., 1988, **Resumos**, p.937-8.

YAMAMOTO, O. H.; CAMPOS H. R. Novos espaços, práticas emergentes: um novo horizonte para a psicologia brasileira? **Psicologia em Estudo**, v.2, n.2, p.89-111, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO

Caro estudante,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa, na área de Educação, com acadêmicos do curso de Psicologia, acerca dos motivos da escolha e das expectativas em relação ao Curso e à profissão de psicólogo. Solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder o questionário abaixo.

Agradecemos a sua colaboração.

PARTE A

Dados de Identificação

Sobre você:

- | | |
|-----------------------|--------|
| - Iniciais do nome: | Série: |
| - Data de nascimento: | Idade: |
| - Estado civil: | Sexo: |
| - Endereço: | |

Sobre a sua família:

- Profissão do pai: Escolaridade:

- Renda (em reais):

- Profissão da mãe: Escolaridade:

- Renda (em reais):

- Número de filhos (inclua você):

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

PARTE B

Responda de forma que expresse a sua opinião.

1. Quais foram os motivos que o levaram a escolher o curso de Psicologia?

2. Quem, ou o quê, contribuiu para esta tomada de decisão?

3. O que você esperava do curso de Psicologia quando prestou o vestibular?

4. Na época, o que era a Psicologia para você?

5. O curso de Psicologia está correspondendo às expectativas que você tinha no início?

Sim

Não

6. A quais motivos você atribui a manutenção ou a não-manutenção das suas expectativas?

7. Quais são as expectativas atuais que você tem em relação ao curso?

8. Você tem encontrado dificuldades na realização do curso?

Sim

Não

9. Quais? Relacione-as.

10. Em que momento da realização do curso ocorreram as dificuldades?

11. Atualmente, o que é a Psicologia para você?

12. Na sua opinião, o que faz o psicólogo no seu trabalho?

13. O que você pretende fazer em termos profissionais, após concluir o curso de Psicologia?

ANEXO 2 - CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS 130
ALUNOS PARA AS 13 QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO

1ª Questão: 1- Ajudar as pessoas; 2- Interesse pessoal, realização pessoal; 3- Área do curso (Humanas); 4- Mesmo não sendo a 1ª opção, gostar do curso e ter passado no vestibular; 5- Conhecer o ser humano (os mistérios, a alma, o comportamento); 6- Sem motivos especiais.

2ª Questão: 1- Decisão pessoal (vontade, desejo); 2- Certo conhecimento da área, do curso (obtido através de aulas, palestras, leituras); 3- Contato com profissionais e professores; 4- Família, amigos, parentes; 5- Terapia; 6- Baixa concorrência no vestibular.

3ª Questão: 1- Sem expectativas; 2- Matérias específicas de Psicologia, com mais prática; 3- Assuntos e opiniões diversos; 4- Ajudar as pessoas; 5- Realização pessoal; 6- Entender as pessoas, estudar o homem; 7- Professores mais qualificados; 8- Não sabe.

4ª Questão: 1- Ciência, estudo do comportamento do homem; 2- Possibilidade de ajudar as pessoas; 3- Algo misterioso, fantástico, mágico; 4- Psicologia como técnica, manual; 5- Curso para melhor compreensão pessoal; 6- Trabalho em clínica; 7- Sem conceito.

5ª Questão: 1- Sim; 2- Não.

6ª Questão: 1- Conhecimento da profissão/curso; 2- Teoria, disciplinas e bons professores; 3- Mudança na forma de entender a Psicologia; 4- Faltam qualificações do professor para o ensino; 5- Grade curricular (má distribuição das disciplinas); 6- Outros.

7ª Questão: 1- Aplicação prática dos conhecimentos teóricos; 2- Que o curso dê base para ser um bom profissional; 3- Preocupação com a qualidade do conhecimento recebido; 4- Autoconhecimento e compreensão do ser humano; 5- Não sabe.

8ª Questão: 1- Sim; 2- Não.

9ª Questão: 1- Dificuldades financeiras; 2- Carga horária excessiva, pouco tempo para estudar; 3- Mobilização emocional; 4- Questões pessoais (expor trabalhos, entender conceitos, relacionamento); 5- Em algumas disciplinas, falta de livros na biblioteca, desinteresse dos professores; 6- Não assinalou dificuldades.

10ª Questão: 1- Todo o tempo; 2- No 1º ano (primeiras avaliações, fim de semestre); 3- No 2º ano (ou a partir do); 4- No 3º ano; 5- No 4º ano; 6- No 5º ano; 7- Não assinalou dificuldades.

11ª Questão: 1- Ciência, estudo do comportamento; 2- Ciência que estuda e compreende o comportamento humano, possibilitando alívio ao sofrimento e prevenção a ele; 3- Estudo do homem e suas relações, promovendo a sua compreensão e saúde mental; 4- Curso que escolhi, profissão do futuro; 5- Sem conceito; 6- Outras.

12ª Questão: 1- Auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida e alívio ao sofrimento psíquico; 2- Trabalha com o ser humano e suas relações consigo mesmo e com os outros; 3- Depende da área de atuação.

13ª Questão: Psicologia Clínica; 2- Psicologia Hospitalar; 3- Psicologia do Trabalho; 4- Psicologia Jurídica; 5- Psicologia Escolar; 6- Docência; 7- Continuar os estudos (pós-graduação); 8- Indecisos; 9- Educação Especial.